

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA – FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
TERRITORIALIDADE - PPGET**

JULIO HENRIQUE MORETI

**DO RITUAL DAS BRUXAS AO CABARÉ LITERÁRIO:
a práxis das mulheres do MST na construção de novas sociabilidades.**

**DOURADOS-MS
2022**

JULIO HENRIQUE MORETI

**DO RITUAL DAS BRUXAS AO CABARÉ LITERÁRIO:
A PRÁXIS DAS MULHERES DO MST NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS
SOCIABILIDADES**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados para a obtenção do título de Mestre em Educação e Territorialidade.

Orientadora: Prof^a. Dra. Raquel Alves de Carvalho.

Área de concentração: Desenvolvimento e Políticas Públicas

**DOURADOS-MS
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M845d Moreti, Julio Henrique
DA NOITE DAS BRUXAS AO CABARÉ LITERÁRIO: A PRÁXIS DAS MULHERES DO
MST NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS SOCIABILIDADES [recurso eletrônico] / Julio Henrique
Moreti. -- 2022.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Raquel Alves de Carvalho.
Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade)-Universidade Federal da Grande
Dourados, 2022.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Feminismo. 2. Metodologia. 3. Literatura. 4. Bruxas. 5. Gênero. I. Carvalho, Raquel Alves
De. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA –FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
TERRITORIALIDADE



JULIO HENRIQUE MORETI

Do Ritual das Bruxas ao Cabaré Literário: a Práxis das Mulheres do MST da construção de novas sociabilidades.

Esta dissertação foi julgada e aprovada pela presente banca examinadora para a obtenção do título de Mestre em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados.

Dourados, 02 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raquel Alves de Carvalho
Orientadora/PPGET/UFGRD

Prof. Dr.^a Edir Neves Barboza
Membro Titular Externo/FAIND/UFGRD

Prof.^a Dr.^a Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki
Membro Interno /PPGET/UFGRD

RESUMO

As mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra forjaram mecanismos para problematizar as questões de gênero nos espaços internos do MST. Estas metodologias foram acompanhando os processos de construção da própria organização, acompanhando as lutas, conquistas e desafios desde a década de 1980 até fins da década de 2010. As lutas por novas sociabilidades foram sendo criadas, modificadas, adaptadas e apresentadas nos diversos espaços, onde várias mulheres se envolveram na construção e divulgação de metodologias específicas para debater as relações de gênero. No momento em que as mulheres forjaram situações para que os homens também debatessem que papel têm eles na construção de novas relações de gênero, surge este trabalho como tentativa de compreender os processos pelos quais as mulheres passaram na construção das metodologias “Noite das Bruxas” e “Cabaré Literário”. Esta pesquisa buscou compreender a Práxis destas várias mulheres militantes em torno da Noite das Bruxas e do Cabaré Literário, analisando as formas estéticas, a produção, reprodução, a relação com as lutas travadas pelas mulheres do MST e analisando como as formas artísticas se apresentam como linguagem para tratar de questões tão caras para homens e mulheres na construção de novas sociabilidades humanizadas. Para tal empreita, as letras seguintes são fruto de uma pesquisa através de mais de vinte entrevistas e análise de documentos internos, cartilhas, relatórios de reuniões, avaliações e demais materiais que a militância no MST produziu. Mesmo entendendo que são situações consideravelmente diferentes, pesquisar como as mulheres criaram suas formas, contribui no desenvolvimento de como os homens poderão usar destas experiências para, também, forjarem formas várias de debater as questões de gênero.

Palavras-chave: Feminismo, Metodologia, Literatura, Bruxas e Gênero

RESUMEN

Las mujeres del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra forjaron mecanismos para problematizar los temas de género en los espacios internos del MST. Estas metodologías acompañaron los procesos de construcción de la propia organización, siguiendo las luchas, conquistas y desafíos desde la década de 1980 hasta fines de la década de 2010. Las luchas por una nueva sociabilidad fueron gestándose, modificándose, adaptándose y presentándose en los diversos espacios donde varias mujeres participaron en la construcción y difusión de metodologías específicas para debatir las relaciones de género. En un momento en que las mujeres forjaron situaciones para que los hombres también debatieran qué papel tienen en la construcción de nuevas relaciones de género, este trabajo surge como un intento de comprender los procesos por los que pasaron las mujeres en la construcción de las metodologías “Noche de las Brujas” y “Cabaret Literario”. Esta investigación buscó comprender la praxis de estas diversas mujeres militantes en torno a la Noche de las Brujas y Cabaré Literario, analizando las formas estéticas, la producción, la reproducción, la relación con las luchas lideradas por las mujeres del MST y analizando cómo las formas artísticas se presentan como lenguaje para tratar con temas tan complejos a los hombres y mujeres en la construcción de una nueva sociabilidad humanizada. Para tal emprendimiento, se construyó la siguiente investigación a través de más de veinte entrevistas y análisis de documentos internos, cartillas, actas de reuniones, evaluaciones y otros materiales que produjo la militancia en el MST. Incluso entendiendo que se trata de situaciones considerablemente diferentes, investigar cómo las mujeres crearon sus formas contribuye al desarrollo de cómo los hombres pueden utilizar estas experiencias para forjar también diversas formas de debatir cuestiones de género.

Palabras clave: Feminismo, Metodología, Literatura, Brujas y Género.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Documento final do I Congresso Nacional do MST 29-31/01/1985.....	27
Figura 2 - As mulheres presentes na luta, jornal Sem Terra 1981.....	28
Figura 3 - Cartilha de organização do trabalho de base para mulheres.....	29
Figura 4 - Cartilha de organização do trabalho de base para mulheres.....	31
Figura 5 - Cartilha, as mulheres e a Reforma Agrária. MST RS 1997.....	32
Figura 6 - Documento final do primeiro congresso nacional do MST.....	34
Figura 7 - Documento final do primeiro congresso nacional do MST - 1985.....	35
Figura 8 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.5.....	36
Figura 9 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.5.....	37
Figura 10 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.6.....	38
Figura 11 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.3.....	39
Figura 12 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.4.....	40
Figura 13 - Cartilha Conhecendo nossos Direitos .p.10.....	41
Figura 14 - Cartilha Conhecendo nossos Direitos .p.15.....	42
Figura 15 - Ocupação de 8 de março de 2006, RS. Foto: Verena Glass.....	64
Figura 16 - Mulheres destruindo mudas da ARACRUZ, 2006. Foto: Verena Glass...	65
Figura 17 - Foto arquivo do MST: luta contra o agronegócio.....	66
Figura 18 - I Cabaré Literário na ENFF.....	79
Figura 19 - II Cabaré Literário na ENFF.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
A Militância de Mãe.....	11
Minha inserção na militância e o encontro com o tema.....	12
Contexto da Pesquisa.....	18
OBJETIVOS	19
1. Mulheres no MST: Organização e Luta	26
1.1 Quem são estas mulheres e onde estão inseridas.....	27
1.2 O que se entende por Relações de Gênero.....	29
1.3 Que perguntas fazem as mulheres até a formação do Setor de Gênero, em quais lutas se envolvem?.....	32
2. O RITUAL DAS BRUXAS: Onde estão as mulheres?	44
2.1 Ritual das Bruxas e Noite das Bruxas: outros ingredientes adicionados.....	48
2.1.2 Noite das Bruxas.....	55
2.2 O Alcance das Bruxas: até onde chegavam os impactos.....	60
2.3 Como lutam as Mulheres desde os anos 2000.....	62
2.4 Tá, mas pra que serve mesmo?.....	66
3. CABARÉ LITERÁRIO: dizendo e falando de forma mística	69
3.1 O MST no Pará: de onde vem o Cabaré Literário.....	69
3.2 Cabaré em Português, Cabaret em Francês, <i>خربات</i> ou <i>kharabat</i> em árabe: significados de um Cabaré.....	70
3.3 A construção em processo da liberdade dos corpos.....	72
3.3.1 Do que é constituído e como é construído um Cabaré Literário.....	77
4 A RELAÇÃO ENTRE O CABARÉ LITERÁRIO E A NOITE DAS BRUXAS: Intencionalidade, forma, conteúdo	80
4.1 Questões de capilaridade e o dilema de roteirizar: o tempo de uma organização de massas.....	83
4.2 A forma como conteúdo no produto de seu tempo: como identificar as diferenças estéticas como mudanças no enfrentamento teórico.....	88
4.3 As linguagens artísticas na luta das mulheres: a sensibilidade estética.....	90
4.4 Educação dos Sentidos: a sensibilidade como parte da cultura.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

1. INTRODUÇÃO

Nasci¹ e cresci na Fazenda Tabuinha, município de Rio Brillhante, onde dez anos depois se tornaria, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o assentamento São Judas. No início dos anos 90 nos dirigimos à capital do estado onde meu pai faleceria de cirrose e, em 1997, Silvio Rodrigues, então militante do MST bateria palma na favela onde morávamos, chamando-nos para acampar, lutar e conquistar um pedaço de chão. O acampamento surge em janeiro de 1998 com mais de mil famílias, no município de Anastácio.

No município de Nioaque ocupamos, em 1999, a fazenda Triunfo por 3 vezes, contando que no mesmo dia que fomos despejados, conseguimos reocupar a fazenda, com os mesmos caminhões que estavam nos despejando. Esta manobra da coordenação do acampamento desmoralizara o Major Bueno, chefe da operação. Assim, em 12 de junho de 1999, o nosso acampamento, o Geraldo Garcia, passou por um dos despejos bem violentos, onde a polícia chegou atirando – e as balas não eram de festim – separando homens das mulheres, queimando nosso acampamento e prendendo 11 companheiros.

Minha mãe, Marizeti, entre as lutas do ano de 1998 adquiriu alguns processos na militância, teve que ficar offline, na resistência algumas vezes e em outubro de 1999, saímos de Nioaque para ocupar a Fazenda Estância Belém, no município de Sidrolândia. Por conta das várias mudanças que tivemos neste ano, eu que cursava a antiga 6ª série, mudei de escola 5 vezes, pois em nosso acampamento havia nossa Escolinha Itinerante que atendia até a 5ª série e eu sempre tinha que estudar em algum lugar, perto ou longe, de onde nosso acampamento passava. Aqui, cheguei caminhar 16 km por dia no trajeto entre nosso acampamento até o local onde passava o ônibus escolar.

A fazenda, por ser improdutiva, foi desapropriada em 2000 e desta data fomos para o que é chamado de pré-assentamento até que em 06 de abril de 2002 conquistamos a tão sonhada terra, que chamamos de Sítio Conquista, lote 66.

1 É uma exigência do programa de Pós-Graduação da FAIND que nas dissertações exista um momento em que o educando apresente seu histórico de vida, as relações de suas atuações com o tema de pesquisa. Assim, é por este motivo que há nestas páginas esta forma narrativa de apresentar para quem lê, momentos de uma trajetória pessoal.

Infância Sem Terra

A infância traz a beleza da descoberta:
descobrimos que o choro traz o peito, que puxar o rabo do gato
traz o risco das unhas e a bronca.

Que banho de chuva traz resfriado, segundo vovó
e um prazer imenso de chutar a lama,
de voltar pra casa com a roupa toda encardida
apenas com os olhos limpos.

É na infância que aprendemos
que meninos e meninas fazem xixi de forma diferente
que nos ensinam várias regras diferentes
que variam de acordo com a forma que você faz xixi
regras... ah! Regras?

Correndo pelado, comendo açúcar escondido
metendo o dedo no bolo antes de cantar o parabéns
se escondendo no barraco alheio
chupar manga até o caldo escorrer no cotovelo!

A infância traz consigo que a terra é para brincar
que a ocupação é aquele dia que acordamos de madrugada
colocamos nossa mudança nos caminhões
que temos de falar baixinho até o momento de chagar na fazenda
e aí sim, dar um monte de grito de guerra.

Que despejo é o momento em que mamãe e papai ficam tensos
que os homens com armas nas mãos vem tomar a nossa terra,
e destruir os nossos barracos.

É o dia que de vez em quando vai gente presa

É na infância camaradas,
que aprendemos a cantar o hino: nos encontros e nos velórios
(lugar onde todo mundo chora

e damos tchau pra alguém que está dormindo no caixão).
É na infância que aprendemos a plantar, regar e colher, a amar a terra.
Que a escola itinerante é bem mais... LEGAL, que aquela escola da cidade.
Que as viagens de mamãe é porque ela é MILITANTE!
Que ela pode até demorar, mas vai voltar e me encher de beijos!
Que tem um mundo bem melhor pra gente construir chamado SOCIALISMO.
É assim nossa infância, pois somos Sem Terrinhas!

A militância de Mãe

Desde a formação do acampamento, em 1999, mãe sempre esteve envolvida na militância do Setor de Saúde e também nas atividades gerais de luta. Como para o acampamento fomos ela e eu, em suas várias atividades pelo Movimento (internamente nos referimos ao MST como “Movimento”), eu sempre ficava aos cuidados coletivos das mulheres do nosso grupo 4², que variou entre 30 e 11 famílias nos 4 anos de acampamento. Em todos os anos de acampamento, pude acompanhar minha mãe em algumas várias atividades, como reuniões, mobilizações na capital, lutas e cursos. Participei do II Encontro Estadual dos Sem Terrinha de Mato Grosso do Sul em 1999, quando estava com 12 anos. Ver minha mãe envolvida nas atividades sempre me motivou a querer ser militante quando crescesse.

Por conta de sua luta na década de 1990 e da perseguição que nossa organização sofria no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), mãe teve que responder por 8 processos em 2007 e em 2008 foi julgada e condenada em mais de 20 anos. Fui visitar minha mãe no presídio algumas vezes e apenas em 2015, com 61 anos de idade, ela ganhou a liberdade definitiva³ e até hoje reside em nosso pedaço de chão.

2 Nesta época o Movimento tinha uma forma distinta de disposição das famílias, equipes e setores. Nosso acampamento tinha 8 grupos em 1999 e quando fomos assentados este número já era de 18. O nosso, era o 4.

3 Ela passou pelo regime fechado, semi-aberto e prisão domiciliar nestes 7 anos em que cumpriu pena pela luta que realizou. Desde fechada, passando alguns anos por dormir na cadeia e poder voltar para o assentamento durante o dia até a prisão domiciliar foram as formas que Mãe sofreu.

Minha inserção na militância e o encontro com o tema da dissertação

Desde o início do acampamento estive, quando podia, nas atividades junto de mãe. Foi em uma atividade destas que no ano 2000 acompanhei Mãe numa atividade do setor de saúde estadual que estava por ocorrer no Assentamento Capão Bonito II, município de Sidrolândia. Foi nesta atividade que tive meu primeiro contato com a palavra “Gênero”. A atividade, que não me lembro muito bem se era de 4 ou 5 dias, tinha em um dos dias o estudo deste tal tema com a companheira Cristiane, do Setor de Formação.

Nesta data, com 12 anos, por gostar de escrever e participar das místicas, estava em uma plenária me sentindo um militantezinho, prestando atenção e anotando em um caderno que ganhei no início da atividade. Lembro muito bem que a companheira Cristiane estava com a cartilha “Construindo Novas Relações de Gênero” (MST, 1997) e explicou que esta palavra significava “o que a sociedade entendia por ser homem e por ser mulher”. Só lembro disto e que era algo muito novo e que eu não entendia muita coisa. Recordo que neste ano continuei fazendo teatro com esteriótipos homofóbicos dentro de nosso acampamento, algo que na época, nos anos 2000, ao menos no acampamento Geraldo Garcia, não havia uma recriminação por tratar do tema em forma de piadas, que neste caso eram eu e mais um companheiro vestidos de mulher, com muitos esteriótipos duvidosos e falas homofóbicas para “fazer graça”.

Já depois de assentado, no ano de 2004 participei de uma oficina de teatro na antiga sede da fazenda, que na época já era chamado de Centro de Capacitação e Pesquisa Geraldo Garcia (CEPEGE). Era uma atividade regional, com acampamentos e assentamentos dos municípios de Sidrolândia, Campo Grande e Camapuã. Desde então, me inseri nas atividades do Setor de Cultura⁴, que é uma estrutura organizativa que temos dentro do Movimento:

4 Internamente temos um debate de o que é um Setor e o que é um Coletivo, onde, de forma mais geral, o Setor é quando a atividade é específica e as pessoas dividem a tarefa internamente para sua realização, tipo quem realiza as atividades do Setor de Saúde é o militante do Setor de Saúde, visto que um setor trabalha em torno da Reforma Agrária, mas tem tarefas específicas. Já o Coletivo é uma tarefa que é realizada por militantes de vários setores, é uma tarefa ampla, mais geral, como o Coletivo de Juventude, Coletivo de Cultura e Coletivo de Mulheres. Porém, para evitar precisar ficar explicando quando que em reuniões nacionais, seminários, congressos e demais instâncias internas nós fomos modificando o Coletivo de Cultura para Setor e depois é Coletivo apenas em nível nacional, pois nos estados é um Setor, vou usar em minha dissertação apenas o termo Setor de Cultura, muito embora em algumas entrevistas a militante, por ter este entendimento mais profundo da organicidade, vai especificar o que é Coletivo e o que é Setor.

“Para encaminhar as tarefas específicas, as famílias também se organizam por setores, que são organizados desde o âmbito local até nacionalmente, de acordo com a necessidade e a demanda de cada assentamento, acampamento ou estado.” (MST, 2022, online)

Por gostar das atividades do Setor de Cultura, por estar próximo à capital e conseguir me liberar da escola, terceiro ano do ensino médio, então, acabei me envolvendo para contribuir em oficinas de teatro em vários acampamentos do estado, o que me levou também a participar de cursos de formação tanto na figura de participante quanto ajudando a coordenar. No mesmo ano participei de umas 5 atividades nacionais entre seminários e cursos pelo Setor de Cultura e foi em uma destas que tive meu segundo contato, que me recordo ao menos, com questões de Gênero, que era um momento de estudo com um companheiro que viera de Brasília para nos ajudar em um encontro de formação de Teatro. O companheiro Rafael Villas Bôas, na época coordenador nacional do Setor de Cultura, explicava que tínhamos que lutar pela Transformação Social e isto incluía prenciar uma nova sociedade através das artes. Para isto, nós teríamos que produzir arte sem reproduzir preconceitos. E o companheiro tocava muito sobre como a homofobia⁵ estava ligada a uma tal misoginia – que na época estava mais ou menos começando a fazendo sentido.

Foi muito por respeito à companheira Alessandra de Moraes⁶ que eu cuidava com as falas homofóbicas e, apenas no convívio com ela que fui evitando explicitar as formas preconceituosas que me habitavam. Como ela era um companheira muito comprometida com os princípios de nossa Organização, o tempo todo estava nos ensinando, na prática, sobre a importância de não sermos machistas e preconceituosos.

Entre 2005 e 2006 participei, já comoicineiro e formador, de atividades no estado e na região Centro-Oeste⁷. Foi no ano de 2005, após a

5 Em 2005 o termo LGBT ainda não fazia parte do vocabulário interno no Movimento. GLS ou movimento Gay era o que recordo de escutar nos espaços onde participava. Mas é importante ressaltar que eu não participava de nenhum espaço de formação nem do Setor de Gênero na época, apenas as atividades gerais do estado e as atividades nacionais do Setor de Cultura.

6 Militante histórica no Setor de Cultura de Mato Grosso do Sul e também mestra pela FAIND.

7 Por uma questão de melhorar os contatos entre os estados pela proximidade territorial, o Movimento considera que o estado de Rondônia faz parte da Região Centro-Oeste em uma divisão interna. Também cito aqui, pois vou citar este estado mais para frente, que o Maranhão, pelo mesmo motivo, faz parte da Região Amazônica (tipo a região norte) e não da Região Nordeste.

participação na Marcha Nacional de Goiânia à Brasília, que tive meu primeiro contato tanto com a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Foi lá que escutei pela primeira vez sobre o Ritual das Bruxas. Era um curso de formação em Comunicação e Cultura, com 15 dias de duração. Nesta atividade uma companheira do Rio Grande do Sul me explicou, em um momento informal, que elas tinham feito no Rio Grande o “Ritual das Bruxas”, que consistia em um momento em que se contava a importância das mulheres na história e bebiam uma bebida mágica. Juro, foi isto que ela me contou ou é o que eu recordo.

Através do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) estudei História na UFPB entre 2008 e 2011. Foi durante o curso que comecei minha aproximação com o Setor de Formação, que o site de nossa organização explica o que é:

As diversas formas de luta, por si só, já são um elemento fundamental na formação das pessoas. Porém, é preciso ir além e se aprofundar na compreensão do mundo e adquirir uma formação sociopolítica da qual, em geral, os trabalhadores foram privados há séculos. Para isso, existe o Setor de Formação, que tem a tarefa de organizar cursos de formação política. (MST, 2022, online)

Foi pela militância no Setor de Formação que passei ajudar a organizar cursos dentro e fora do estado. Em alguns cursos ia como Coordenação Política Pedagógica (CPP), em outros como militante a ministrar algum tema ligado à Cultura ou ao Setor de Formação. Quando estava na CPP, tínhamos vários temas que precisávamos⁸ que fossem trabalhados com a turma e sempre que tinha que trabalhar em um curso o tema da Cultura, eu sempre colocava, também, sobre como culturalmente entendemos o que é ser homem e o que é ser mulher. Nos cursos nem sempre conseguimos garantir a vinda de todas as pessoas que queremos para vir trabalhar os temas. Deste modo, quando em uma ou outra vez a companheira que trabalharia o tema Gênero não podia vir, a CPP orientava que no tema da

8 Para economizar passagem dos assessores, professores, nós da CPP sempre estávamos pegando para trabalhar um tema, que muitas vezes nem dominávamos, mas tínhamos a tarefa de pegar para estudar. Ocorre que depois que você trabalha uma vez certo tema, vai para coordenar outro curso e aquele tema vai ter novamente no outro curso, é mais econômico que você trabalhe e não precisemos comprar passagem para outra pessoa vir, já que tem você para trabalhar. Vez ou outra, por motivo vário faltava

Cultura e Valores eu realizasse alguns apontamentos sobre as relações de gênero. Creio que isto ocorria por eu ser a pessoa de esteriótipo mais afeminado que havia entre os homens da CPP.

Entre 2012 e 2014 comecei a ser convidado para trabalhar o tema da Cultura, adicionando a ênfase de tocar em questões sobre como aprendemos a naturalizar o machismo e a homofobia. Na preparação destes temas que ia trabalhar nos cursos na ENFF e nos estados, acabava por tentar escrever poemas e pequenas situações cotidianas para exemplificar como é o processo de naturalização do machismo na militância.

No ano de 2015, na ENFF em um curso de formação política para militantes, estava para ser feita, como de costume, mais uma Noite das Bruxas. Uma companheira da CPP delegou para mim e mais um companheiro a atividade de organizar uma conversa com os homens, paralela à atividade com as mulheres. Acompanhemos um relato da construção das atividades a serem feitas com os homens a partir de então:

Em determinado momento na ENFF, as mulheres organizaram uma noite das bruxas, metodologia já muito bem desenvolvida pelo Setor de Gênero. No entanto, paralelo a este momento, os homens não tinham nenhuma atividade intencionalizada programada. Provocados pela CPP de um curso, alguns homens, com materiais orientados por mulheres, realizaram, então, a primeira experiência de NAP (Noite Antipatriarcal). Ali, avaliando a positividade do espaço, outras NAPs começaram a serem realizadas. Conforme as noites iam sendo realizadas, suas avaliações contribuíam para o desenvolvimento e aprimoramento destas⁹ (MST, 2018)

A CPP da ENFF avalia esta atividade com os homens como positiva e sugere que em demais cursos, quando houvesse a Noite das Bruxas, que também se realizasse esta noite do homens. Ana Emília, militante do MST que estava na Coordenação Política Pedagógica deste curso, também relata sobre esta atividade, que é lembrada como a primeira Noite Antipatriarcal na ENFF:

9 Texto elaborado para a Reunião dos Gêneros, que ocorreu na Escola Nacional Florestan Fernandes, Guararema, SP, entre os dias 12 e 14 de outubro de 2018. Sua redação final ocorreu na mesma reunião.

Nós tínhamos a Noite das Bruxas para aquele curso e conversamos na coordenação de que era importante realizarmos alguma coisa também para os homens. Aí veio a ideia de fazer algo parecido, pois tínhamos sim que ter um momento “Generoso” com os homens. O que colocamos é que deveria ser algo para além do formato de reunião, pois em nosso curso já tínhamos feito momentos de estudo conjunto e também um momento de conversa orgânica com os companheiros... aí chamamos dois companheiros com experiência nas linguagens artísticas e demos a tarefa: olha, precisamos conversar sobre assédio, sobre as coisas que nos incomodam nos cursos, tem que ser algo meio místico, parecido com a Noite das Bruxas. Será depois de amanhã a atividade, têm uns materiais aqui da ONG “Ai Papai” de subsídio, porque eles têm uns trabalhos com homens... e foi o que eu lembro que fizemos na ENFF. (BORBA, 2021. Entrevista por escrito).

Com a feitura destas atividades com os homens, concomitante à Noite das Bruxas, ou até mesmo sem elas, tais intentos começaram a serem reproduzidos nos estados, visto que as dirigentes conheciam a atividade na ENFF e tentavam fazer também nos seus estados. Em um prazo de meses depois da primeira atividade na ENFF, várias militantes do setor de gênero passaram a contribuir com a construção da atividade, inclusive na mudança de nomenclatura. Como a atividade dos homens estava muito atrelada à Noite das Bruxas, a primeira vez apelidamos ela de “Noite dos Bruxos”. Mas havia um entendimento que necessitava-se de um nome com pegada mística, com sentido histórico, visto que no feminino, o termo “Bruxas” representavam toda uma tradição de luta das mulheres. Em contrapartida, o termo no masculino não dizia a que veio por si só. Até que uma companheira faz a sugestão de usar o termo “Noite Antipatriarcal”

Em janeiro de 2016, em Caruaru ocorrera a reunião da Coordenação Nacional (CN) do MST onde em uma das mesas de exposição de tema para a CN debater, tinha o tema “Novas Relações de Gênero”, onde a companheira Atiliana e eu fomos indicados pela Direção Nacional (DN) para fazer a exposição. Atiliana para falar sobre a luta das mulheres no combate à Violência de Gênero e eu fui indicado para fazer a fala sobre “Sugestões aos homens” neste processo e também sobre a questão LGBT¹⁰. Isto se deu pelo motivo de tentarmos colocar na metodologia das

10 No VI Congresso em 2014, houvera uma reunião pessoas LGBTs, todavia o coletivo ainda não estava formado. A organicidade no Movimento sempre vai se adaptando também às transformações externas e internas para a melhor realização da luta pela transformação social, assim o será no ano de 2015 que o Coletivo LGBT será formado, mas nesta reunião não havia. Então, me foi dito que pela proximidade que eu tinha com o tema seria eu a fazer a fala. Isto ficou contraditório, pois era um não LGBT expondo ao mesmo tempo no lugar de fala dos homens héteros e também LGBT.

noites trabalhadas com os homens, o tema da LGBTfobia, onde isto aproximou nós que organizávamos as noites com a companheirada LGBT do Movimento.

Em 2016 já tínhamos realizado a NAP em vários estados e esta troca de experiência entre fazer nos espaços nacionais e também realizar nos estados possibilitou entender várias possibilidades de realização. Ao mesmo tempo, ou por falta de tempo para preparar um NAP ou por falta de alguém que tivesse proximidade com as linguagens artísticas ou mesmo por crer que outra forma poderia ser utilizada, começamos¹¹ a desenvolver o que, depois, também copiando das companheiras, chamamos de Assembleia dos Homens¹². Tal atividade poderia ser feita em cursos, com número pequeno de pessoas, ou em atividades massivas, nos encontros estaduais e nacionais do Movimento. Na CN de 2017, em Fortaleza, tivemos a primeira Assembleia Nacional dos Homens do MST em que participei de sua organização. Em anexo segue uma crônica feita por Rafael Villas Bôas em que ele analisa este feito importante na luta contra a violência.

Em meados de 2016 fomos chamados pelo Setor de Gênero do movimento para que as atividades pudessem, também, ter um acompanhamento orgânico pelo setor, visto que não tínhamos acúmulo algum suficiente para a realização sistematizada de tais atividades. Dentro de nossa organização é importante que estas atividades passem pelo Setor de Gênero, para que sua construção seja observada pelas companheiras. Assim, entre 2016 e 2018 fui convidado a participar de algumas reuniões do Setor de Gênero para estudos e pensar próximos passos no trabalho com os homens.

Em 2017 tivemos algumas conversas e também reuniões, ao que chamamos de “Conspiração dos Gêneros”, onde tínhamos o Coletivo de Mulheres, o Coletivo LGBT e, sem organicidade ainda, alguns companheiros que eram convocados pelo Setor de Gênero. Foi este um ano de experimentos, de teste de metodologias onde vários estados estavam realizando atividades com os

11 A realização nos espaços nacionais e também nos estados só foi possível por haver uma pressão por parte das companheiras, e não necessariamente como uma iniciativa de um grupo de homens.

12 Com menos elementos artísticos que a NAP, a Assembleia dos Homens, inicialmente, ocorria no mesmo momento que a Assembleia das Mulheres e consiste em expor que nós, homens, temos total responsabilidade na reprodução do patriarcado e principalmente perguntar “o que faremos para combater esta reprodução dentro de nossas áreas e instâncias”. Inicialmente estas assembleias eram tocadas por uma mulher e alguns homens e depois apenas por homens, sendo que a organização das mesmas precisava sempre ter mulheres.

companheiros. Esta nacionalização das atividades com os homens também trouxera vários limites, que observaremos mais adiante no texto.

Entre 2012 e 2018 comecei a ser chamado para trabalhar uma ou outra vez o tema de gênero em cursos na ENFF e também nos estados. Também passei a compor a CPP de dois cursos da Via Campesia¹³, o Cono Sur¹⁴ e o Egídio Brunetto¹⁵ onde trabalhava também temas ligados à Cultura, reuniões com homens para tratar do tema da violência contra as mulheres e também as NAPs.

Contexto da Pesquisa

Esta pesquisa nasce de uma necessidade de nós homens debatermos qual é nosso papel no enfrentamento às consequências da reprodução patriarcado. Desde o momento em que houvera uma massificação das Noites Antipatriarcais, das Assembleias dos Homens e outras iniciativas de tratar do tema com os homens, ocorreu uma constatação de que haviam desafios a serem enfrentados para dar conta da capilaridade.

Um primeiro desafio que forjou esta investigação, foi de tentar compreender sobre que elementos e processos estamos falando quando queremos conversar com homens sobre machismo, violência contra as mulheres, patriarcado e sobre a construção de novas sociabilidades, pois:

Sendo a realidade todas as dimensões que compõem nossa forma de viver e o espaço que a cerca. Em nosso caso, realidades sociais circunscrevem-se às dimensões sociais, tanto àquelas que estão em nós, quanto àquelas que nos circundam. Diante da realidade da qual se faz parte, é possível encontrar novas possibilidades de entendimento do conhecimento e das práticas exercidas. (GONÇALVES; ROSA; WEYMAR, 2019,p.107)

13 Fundada em 1993, é uma organização internacional de camponeses composta por Movimentos Sociais e Organizações de todo o mundo. Esta organização coordena organizações camponesas de pequenos agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas, indígenas, quilombolas na Ásia, África, América e Europa.

14 Curso de aproximadamente 40 dias, com pessoas de Paraguay, Uruguay, Argentina, Chile e Brasil – isto majoritariamente, pois sempre há ao menos uma pessoa de cada um dos outros países da América do Sul, excetuando Guiana, Guiana Francesa e Suriname - onde temos militantes das diversas organizações da Via Campesina. Em cada ano o curso é recepcionado por um país do Cono Sur diferente e a CPP.

15 Curso de Formação de aproximadamente 20 dias com média de 40 pessoas das organizações dos países da América do Sul, excetuando Suriname, Guiana e Guiana Francesa.

Sem ter a pretensão de dizer o que é esta luta para as mulheres, é possível afirmar, ao menos nas experiências que temos dentro do MST, que os caminhos de conversar com os homens é consideravelmente distinto do que os caminhos realizados para conversar com as mulheres, a considerar que:

... uma mulher, mesmo que reproduza o machismo, jamais deixará a condição de vítima das consequências do patriarcado. Não porque não luta, mas porque é sobre a mulher que recaem as principais e mais trágicas consequências do patriarcado. Um homem, mesmo que lute contra o machismo, jamais abandonará a condição de privilegiado pelas consequências do patriarcado. (MST, 2018. p. 3)

Desta forma, as mulheres têm um vasto repertório de luta contra as mais diversas formas de reprodução do patriarcado, enquanto aos homens resta a impressão de sempre estarem em início de trabalho, início de compreensão de como atuam sobre os próprios homens o patriarcado. A experiência que as mulheres desenvolveram em quase 40¹⁶ anos de luta, por mais que sejam guardadas as devidas proporções, podem contribuir muito para que os trabalhos com homens sejam aprofundado de forma metodológica.

Um segundo desafio consiste na relação entre forma e conteúdo, visto que as Noites Antipatriarcais e as Assembleias dos Homens eram para ajudar a transformar práticas e posturas vinculadas às relações de poder, porém a realização em nível nacional, estadual e regional diferiam na forma e no conteúdo. Nas avaliações sobre os objetivos, receptividade e limites tanto da Assembleia, quanto das NAPs, fica perceptível que não há uma fórmula mágica, mas que é necessário estudar possibilidades de uso e aprimoramento das formas já existentes e, ao mesmo tempo, criar outras para demonstrar que a questão não é tratar de um espaço de homens para homens, mas dos homens para o conjunto da organização, pois a mudança exige a transformação social de forma coletiva e, sendo assim, não poderia ser tratada a reprodução do machismo pelos homens, como algo apenas da esfera do indivíduo.

16 Em janeiro de 2024 o MST celebrará 40 anos de sua fundação.

Um terceiro desafio está em, já assumindo que tanto a Assembleia dos Homens quanto a NAP apresentam vários limites, compreender como as iniciativas metodológicas, para cada uma das formas citadas, estão se desenvolvendo no mesmo momento em que o debate sobre as novas sociabilidades no MST ainda está em desenvolvimento e como é de se esperar, encontra limites tanto na teoria quanto na prática.

Assim, a pesquisa sobre estas duas formas que as mulheres utilizaram para conversar sobre novas possíveis sociabilidades, podem jogar luz aos limites teórico-práticos com os quais nos deparamos quando vamos conversar sobre novas sociabilidades entre homens.

Para tal empreita, esta investigação se fará com abordagem qualitativa, pois como afirmam Gonçalves, Rosa e Weymer (2019) “a pesquisa qualitativa pode situar onde está o observador, onde está o ponto de onde se observa através de práticas materiais interpretativas para dar tal visibilidade”.

Para entender o objeto pesquisado em profundidade, os dados para a pesquisa são textos de cartilhas, relatórios de reuniões, textos de avaliações internas, imagens, entrevistas, áudios, videoconferências, entrevistas por escrito e em áudio. Deste modo, a pesquisa qualitativa se mostra viável e necessária para a investigação desta dissertação. Também demonstro aqui, que, para mim que sou militante do MST, a parte mais importante deste trabalho é aprender com as mulheres, escutá-las, trazer para nós homens os processos pelos quais passou a organização das mulheres, identificar o que as motivou a utilizarem tais metodologias. Esta é uma oportunidade de aprender com a experiência adquirida pelas companheiras, então, ao mesmo tempo em que procuraremos não transformar os escritos em apenas panfletagem do trabalho das mulheres, também vamos dar muita atenção ao acúmulo obtido, pois há questões que podem parecerem óbvias para as mulheres, visto que estão organizadas há décadas, mas para os homens da organização, pode ser sim, algo novo, então, como se diz: estaremos aqui na “defesa do óbvio” em muitos momentos desta pesquisa.

Partindo do objetivo geral do trabalho, que é compreender a Práxis das mulheres, esta pesquisa se estrutura de forma descritiva, pois visa descrever as características da Noite das Bruxas e Cabaré Literário, para estabelecer relação tanto com as lutas que as mulheres travavam, quanto relações entre as duas formas. A descrição política, teórica e estética de cada uma das formas também visa

contribuir em como o Setor de Gênero direciona possibilidades de trabalhar com os homens. Deste modo, a pesquisa, quanto aos seus objetivos, se apresenta de forma descritiva.

Sobre a abordagem epistemológica, almejo visitar em qual solo foram fertilizadas as condições, contradições e a materialidade que proporcionara possíveis transformações. Dessarte, haverá um intento para que o Materialismo Histórico Dialético se faça presente na pesquisa. Frigotto (2006) afirma que para a dialética ser materialista e histórica, é necessária a compreensão da materialidade, totalidade, historicidade e também da contradição que habitam os processos investigados. Questões estas que o trabalho procurará realizar.

Para compreender a práxis das mulheres do MST em suas ações, é necessário levar em conta onde estão inseridas e como este contexto de luta, com suas contradições várias, influenciam diretamente em sua forma de organização e forma de ação. Também é imprescindível relacionar o conceito de gênero com a luta de classes, daí a compreensão da teoria em construção: o Feminismo Camponês Popular. Para tal, esta investigação entende que o MST e a organização das mulheres estão em constante transformação, tendo em vista sua perspectiva histórica.

O forjar deste trabalho é constituído de decisões em torno de o que o objeto apresenta como possibilidades. Para a compreensão da parte histórica, que permitirá analisar o contexto de realização da Noite das Bruxas e do Cabaré Literário, esta pesquisa se utiliza de análise documental e também de entrevistas.

A parte de análise documental percorreu o caminho dos documentos de congressos, documentos internos como cartilhas, jornais, avaliações de seminários, normas, documentos básicos, plano agrário, relatórios de reuniões, fotografias e charges de cartilhas.

Foram entrevistadas 23 mulheres das 5 regiões do Brasil. As entrevistas foram coletadas em sua maioria de forma online, através ou de videoconferência ou de gravações por áudios de whatsapp, mas também há entrevistas presenciais onde também é utilizada a gravação pelo celular. Como esta pesquisa almeja possibilitar que, nós homens que desenvolvemos atividades com outros homens, possamos melhorar nossas metodologias, então a entrevista visa muito encontrar as mulheres que protagonizaram o desenvolvimento tanto da Noite das Bruxas, quanto do

Cabaré Literário, logo estamos falando das militantes e dirigentes que protagonizaram os processos de pensar as metodologias.

Estas entrevistas foram iniciadas em 2019, visto que a construção da dissertação vai ao encontro de uma necessidade interna de pesquisa, logo, mesmo que sem os pressupostos metodológicos de uma dissertação de mestrado, as conversas com as companheiras já estavam em processo de construção desde esta data. Para entender a criação, transformação, capilaridade e captação da NdB e do Cabaré Literário, esta investigação procurou entrevistar mulheres que classifiquei em 4 grupos, que ora são distintos, ora são complementares:

- as parideiras ¹⁷: são aquelas mulheres que ajudaram no processo de construção inicial, tanto da Noite das Bruxas quanto do Cabaré Literário. São aquelas que pensaram, adaptaram as primeiras realizações, nos primeiros anos, as que testaram as primeiras formas.
- as metodológicas: são aquelas que participando ou não dos processos iniciais, se envolveram com afinco em como melhorar, criar outras possibilidades de execução da metodologia dentro da mesma forma estética. São aquelas mulheres que sempre estavam testando o que dava mais ou menos resultado, a depender da forma pela qual realizavam cada atividade.
- as realizadoras: aquelas que contribuíram com o processo de capilarização nos estados. São as mulheres que colocaram a mão na massa para a reprodução nos diversos espaços da organização.
- as participantes: são aquelas que não se envolveram nos processos anteriores, mas conhecem a Noite das Bruxas ou o Cabaré Literário por ter participado de ambas ou apenas uma das atividades.

Aqui é importante ressaltar que várias mulheres são integrantes dos três primeiros grupos ou de dois dos três primeiros. Esta separação, por opção do pesquisador, não pretende hierarquizar os pontos de vista de cada uma das entrevistadas, mas apenas direcionar melhor as perguntas nas entrevistas, visto que cada uma contribuirá com a parte que participou e as perguntas foram construídas em consonância com sua interação com cada uma das duas formas e cada contribuição que deu para cada uma delas.

¹⁷ Em alguns espaços pode parecer estranho o uso deste verbo, porém, dentro do MST, nos setores de Cultura e Gênero, este termo tem uma apreciação bela, pois para nós, significa construir algo de dentro, com carinho e cuidado.

Para organizar as entrevistas, as questões seguem uma estrutura mais geral, de onde as perguntas mais específicas são forjadas em consonância com as possibilidades que cada entrevistada possui. De forma geral, as entrevistas estão ao encontro de averiguar os fatos ocorridos e buscar as opiniões das entrevistadas sobre as ocorrências. Assim, as questões se estruturam em primeiro, entender o que é cada atividade; segundo, como cada uma se estabeleceu no Movimento; terceiro, como elas foram se modificando através dos tempos e sob influência de que se transformaram; quarto, como foi sua recepção e capilarização dentro do MST; quinto, que avanços e limites estas duas formas provaram internamente; sexto, qual a relação entre as formas e os embates teórico-práticos que as mulheres travaram neste período; sétimo, relação entre forma e conteúdo, relação entre ambas as formas, relação com elementos artísticos.

Como cada uma das mulheres tem uma trajetória diferente, contribuiu de uma forma diferente ou em um espaço diferente, as entrevistas seguem as questões mais gerais e de forma rara há exatamente as mesmas perguntas para duas mulheres – muito embora as mesmas perguntas são feitas para várias companheiras, dificilmente a ordem e a quantidade é a mesma. Por exemplo: Há um número maior de companheiras realizadoras e participantes do que de parideiras e metodológicas, então eu calibro também a quantidade de perguntas para aquelas que participaram de vários processos para não enfadar aquelas que estão desde o início dos tempos.

O recorte de tempo, para entender a parte metodológica tem que ser entre 1996 e 2021, porém, para entender o contexto de utilização destas metodologias, a pesquisa acaba se envolvendo em análises do coletivo de mulheres da década de 1990 e de documentos da década de 1980. A análise centra em mapear as lições que este grupo de mulheres propiciou à organização com cada uma das práticas culturais.

Como já existe vasto material sobre a luta das mulheres nas décadas de 80, 90 e anos 2000, a pesquisa se aproveita destas produções de monografias, dissertações e teses. Soma-se a isto a produção das cartilhas e também um pouco da memória das dirigentes mais antigas.

Cabe ressaltar que a estrutura geral da pesquisa, que é entender e esmiuçar a Noite das Bruxas e o Cabaré Literário, se mantém, todavia, desde a inserção no Mestrado, as dúvidas, as perguntas e alguns caminhos foram se modificando. Questões iniciais, como por exemplo, se uma forma poderia ser considerada como a

superação estética da outra, existia apenas nas primeiras entrevistas e logo depois desapareceram, pois não fazia sentido imaginar o processo deste jeito, questão que só compreendi com o desenrolar das entrevistas.

As questões das entrevistas iniciais foram realizadas partindo do pouco que se sabia de cada processo, tendo como parâmetro indagações que nós, homens, nos fazemos ao desenvolver nossos processos, ainda iniciais. Com cada uma das 23 entrevistas realizadas as questões foram se aprofundando e ganhando contornos diferentes tanto do pré-projeto quanto da qualificação, visto que a compreensão de fatos que ocorreram ajudaram transformar algumas dúvidas e criaram outras, já com informações mais apuradas.

A estrutura de cada capítulo almeja sempre partir do geral para chegar no particular, no intuito de não individualizar processos pedagógicos e históricos. Desta forma, o primeiro capítulo se concentra em compreender o contexto de organização e luta que antecedeu a Noite das Bruxas e o Cabaré Literário. Nele busco explicitar as lutas que as mulheres encampavam, as formas de se organizarem e também como foram forjando o que temos hoje como Setor de Gênero – conceito, organicidade, pautas e ações.

O segundo capítulo, além de explicar o que é, trata de como chegou até o MST o Ritual das Bruxas, como foi se transformando e capilarizando para dentro do Movimento. Questões como entender a transformação (ou não) do Ritual das Bruxas em Noite das Bruxas juntos com o alcance desta metodologia estão presentes também no segundo capítulo. Ainda que de forma mais analítica que conclusiva, o capítulo tenta trazer à superfície os desafios colocados pelas companheiras ao esgotamento das formas e sua relação com as lutas.

O terceiro capítulo se esforça em compreender a gênese e analisar o que é o Cabaré Literário, política e esteticamente. Também centra força em compreender se há relação entre a construção do Feminismo Camponês Popular e as formas propostas no Cabaré. Também neste capítulo foi possível analisar o inicial momento de capilaridade do Cabaré, sua roteirização e desafios para sua realização nos estados.

O quarto capítulo busca averiguar as relações entre as duas formas, entre conteúdo, metodologia e capilaridade. Avanços e limites que possam apresentar e, por fim, tentar apontar como a práxis das mulheres pode contribuir com o debater novas sociabilidades entre as pessoas que desta organização participam.

OBJETIVO GERAL

Compreender a práxis das mulheres do MST em torno do desenvolvimento da Noite das Bruxas e do Cabaré Literário.

Objetivos Específicos

- Investigar o contexto teórico-prático no qual as mulheres estavam inseridas no momento de aparição da Noite das Bruxas e do Cabaré Literário.
- Compreender o desenvolvimento e capilarização das duas formas em território nacional.
- Analisar alcance, semelhanças e diferenças entre as duas formas
- Refletir sobre a utilização de formas artísticas para tratar de temas complexos.
- Verificar se uma forma é a continuação da outra ou se a natureza da existência das mesmas apresentam outros motivos tanto que as potencializem quanto que as limitem.

1 MULHERES NO MST: ORGANIZAÇÃO E LUTA

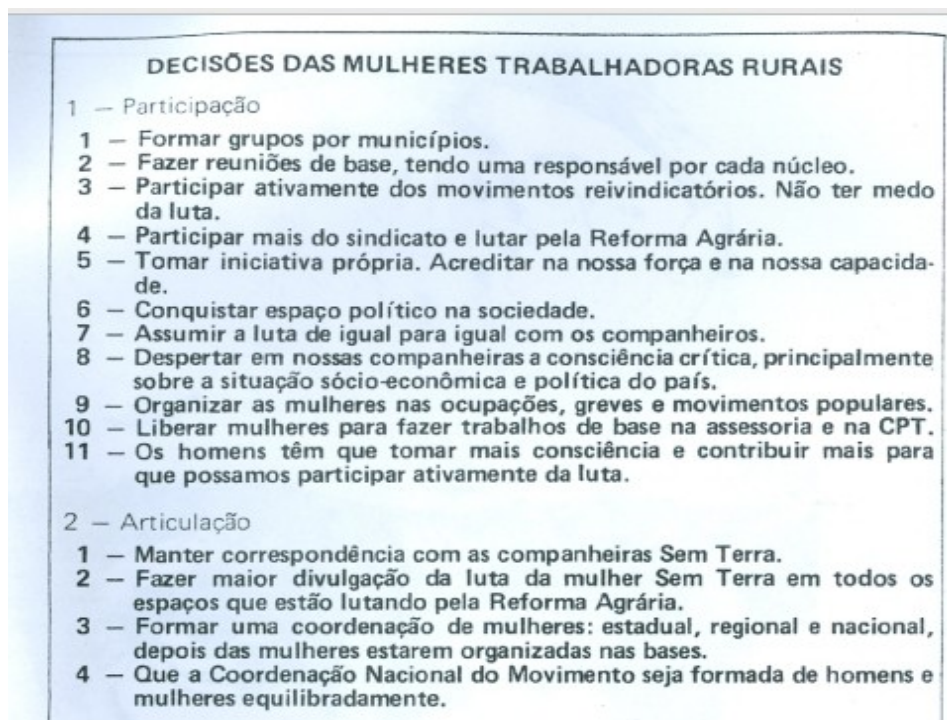


Figura 1 - Trecho de documento final do I Congresso Nacional do MST
29-31/01/1985

Esta pesquisa tem como protagonista a luta das mulheres. Porém, estas mulheres estão, como diria algum físico importante, como Albert Einstein ou um historiador afamado como Marc Bloch, em algum lugar no tempo e no espaço. Pois bem, físicos e historiadores estão corretos, estas mulheres têm uma especificidade, são mulheres brasileiras, de vários estados, que desde a década de 80 estão inseridas em uma organização de massas, que tem como bandeira a luta pela terra, a Reforma Agrária e a Transformação Social. A figura 2 demonstra que, mesmo antes da formação do MST, as mulheres estavam presentes nas organizações que ajudariam em sua criação.

Nº 04/de junho de 1981

Sofrimentos: além dos sofrimentos ocasionados pelo frio, chuva, doenças, fome, morte, a presença da polícia, e da secreta ... e outros, o maior sofrimento e que se percebe estampado no rosto de homens, mulheres e crianças é a dureza de saber que até agora o Governo não tomou nenhuma decisão a favor deles. As pessoas comentam: "Logo é tempo de preparar a terra para o plantio e o Governo não quer nos atender". Mas, misturado ao sofrimento uma grande esperança os anima e os une cada vez mais.

Figura 2 - As mulheres presentes na luta, jornal Sem Terra 1981

1.1 Quem são estas mulheres e onde estão inseridas?

“Somos diferentes dos Homens, mas politicamente iguais”¹⁸

Estas mulheres, no tempo e no espaço são integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, fundado em 1984, tornando-se um dos principais movimentos de luta pela terra da América Latina. Sendo uma organização presente em 24 estados, podemos imaginar que este movimento tem, ao mesmo tempo, características nacionais e regionais. Desta forma, estamos falando de mulheres diversas, crianças, adolescentes, moças, jovens, mulheres adultas e também mulheres idosas. O que as une é pertencerem à mesma organização. Logo, todas são mulheres Sem Terra. Sempre estiveram presentes desde o início da formação do MST, mas entre estar presente e participar tem muita diferença (MST, 2010). Em um documento sobre a História das Mulheres do MST na linha do tempo, duas militantes afirmam que:

No primeiro encontro (1984) quando se definiu o caráter do Movimento, de ser um movimento de famílias, já se evidenciou a necessidade da participação das mulheres para o MST. Diferentemente da luta sindical, nesse tipo de luta pela terra é preciso envolver toda a família se não a luta não avança. No entanto, as mulheres não eram incentivadas a dirigir o movimento. Elas tinham duas funções básicas: garantir a permanência das famílias nos acampamentos e amenizar a violência nos conflitos. Portanto, segundo o relato de várias lideranças, ainda que se considere o grande avanço do MST em relação aos movimentos anteriores, que só envolviam homens, o incentivo a participação feminina no MST é baseado em uma visão utilitarista das mulheres.

¹⁸ Frase para debate em proposta de trabalho em grupo com mulheres de uma cartilha metodológica de 1987: As Mulheres e a Reforma Agrária, MST RS.

A prova de que o MST não tinha decidido garantir participação expressiva de mulheres nos espaços de decisão é o fato de que a Coordenação Nacional, escolhida no encontro incluía apenas duas mulheres (BA e MS) de um total de 20 membros. (CAMPOS; VICENTE, 2012, P. 02)

As poucas mulheres que participavam das atividades passavam, conscientes ou inconscientes, por um processo de masculinização, um processo de embrutecimento até chegarem a um perfil de militante homem, como se assim provassem que estavam aptas para desenvolver as tarefas de coordenação (CAMPOS; VICENTE, 2012). Esta inserção nas instâncias de coordenação, quando existente, ocorria quando as mulheres se portavam nos trejeitos e nas falas de forma muito similar aos homens. Esta “senha”, era necessária para que fossem consideradas capazes de realizarem tal tarefa. Do contrário não teriam as características suficientes para dar cabo à empreita.

Havia uma considerável diferença entre ser uma liderança mulher e uma liderança homem: filhos, assédio, trabalho doméstico, cuidar de familiares enfermos, tudo isto não estava dado como tarefa dos homens, que tinham mais possibilidades de se dedicarem aos momentos de estudo e reuniões (WITCEL, 2020). Havia sim um certo incentivo à participação, mas o caminho para se chegar à coordenação na década de 80 era muito mais difícil às mulheres:

No primeiro Congresso em 1985 há uma participação de 30% de mulheres. Entretanto, conforme relataram as lideranças, a definição de garantir esse percentual de mulheres foi bastante influenciada pelo momento histórico da esquerda, que iniciava o debate das cotas por exemplo na Cut e no PT, e no âmbito internacional era politicamente correto incluir mulheres nos debates, o que não se traduzia em participação nas instâncias (CAMPOS; VICENTE, 2012, P. 03)

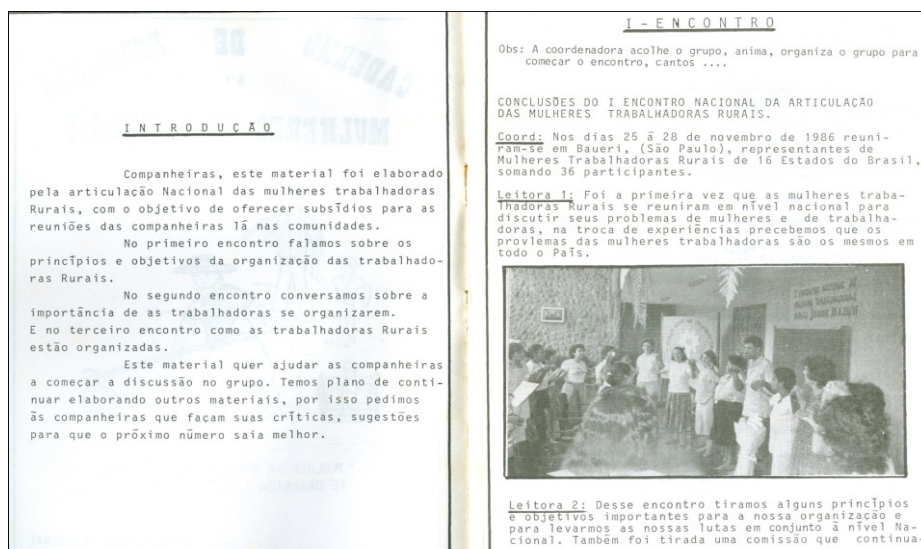


Figura 3 - Cartilha de organização do trabalho de base para mulheres

1.2 O que se entende por relações de Gênero dentro do MST?

Se em 1995 ocorre o Primeiro Encontro de Mulheres do MST, com ênfase na organização e participação das mulheres nos espaços do Movimento, em 1997 dá-se início à discussão das Linhas Políticas de Gênero do MST no II Encontro de Mulheres, em 2000 ocorre a criação do Setor de Gênero. O debate do conceito de Gênero virá atrelado, relacionado ao conceito de classe, algo que diferencia as mulheres do MST de outras organizações em que o conceito de classe não é utilizado para fazer o recorte de Gênero (CAMPOS; VICENTE, 2012). A transformação do Coletivo de Mulheres em Setor de Gênero, diz muito sobre a importância do conceito para dentro do MST. Há um setor específico, criado nos anos 2000 que buscava a construção de novas relações de gênero, vinculadas às relações de poder. (MST, 2013).

A criação do Setor de Gênero ocorre em um Encontro Nacional do MST, no ano 2000, e haverá uma onda de ações nos estados para divulgar práticas de consolidação das linhas políticas do Setor (Massioli, 2021)¹⁹. Vai ocorrer de o tema “Gênero” ser ponto de discussão em reuniões nas coordenações estaduais,

19 Informação concedida por Itelvina Massioli em entrevista no dia 21/01/2021

coordenações regionais, encontros de casais e em muitas atividades durante o ano 2000. A concepção de Gênero é tida como:

... uma espécie de modelo em que cada sociedade tem e de acordo com o modelo de gênero as pessoas, os espaços, as coisas são classificadas como masculina ou feminina. É a partir deste modelo em que cada sociedade define o que é coisa de mulher e de homem, como cada um deve vestir, falar, andar, se comportar, e onde e como devem trabalhar. Enfim, Gênero é definido como um padrão socioeconômico e cultural que influencia a vida de homens e mulheres em todos os aspectos. (MST, 2012)

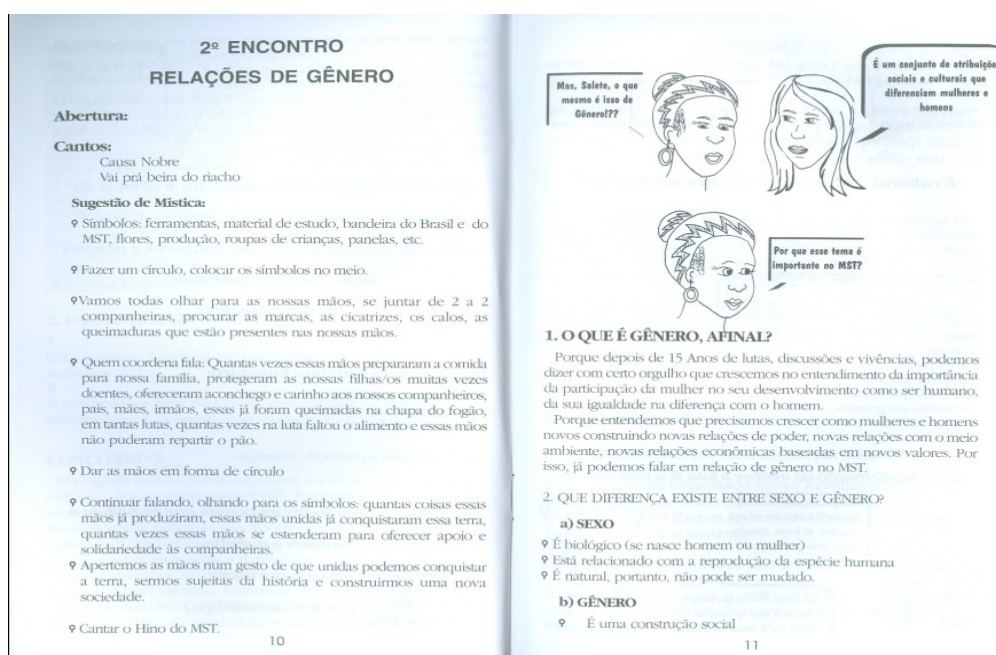


Figura 4 - Cartilha de organização do trabalho de base para mulheres

O setor vinculará a luta de Gênero com a luta de classes, explicitando que o padrão de gênero não é específico desde sempre, em todos os locais e imutável, mas sim dinâmico, sendo modificado ao longo do tempo, geralmente em consonância com as ideias da classe que está dominante naquela época (MAFORT²⁰, 2022). Apontando questões que necessitam de atenção, em cartilhas internas, há uma tentativa de direcionar onde o debate precisa se concentrar. Em uma destas cartilhas, há uma explicitação de Setor de Gênero para o todo da organização em forma de preocupações, como por exemplo:

20 Informação concedida por Kelli Mafort em reunião por videoconferência em 31/01/2022

Outra preocupação do Setor de Gênero é evidenciar que as relações de gênero alicerçadas no machismo cumprem a função de naturalizar as desigualdades, uma vez que elas estão presentes em todos os aspectos das vida pública e privada. As desigualdades de gênero começam nas famílias, são reforçadas na escolas e nas religiões, e para agravar a situação, cotidianamente os meios de comunicação alimentam o machismo. É assim que a maioria das pessoas aprende, desde cedo, que é “natural” que na sociedade existam desigualdades, e se é natural não precisa mudar, por isto não lutam contra o machismo, contra o racismo, contra o capitalismo. (MST, 2010)



Figura 5 - Cartilha, as mulheres e a Reforma Agrária. MST RS 1997

Tendo o entendimento de que os papéis de homens e mulheres não são naturais, as mulheres do Setor de Gênero vão pressionar para que o Movimento, para que o todo do movimento, contribua no processo de construção de novas relações de gênero (FREITAS, 2021²¹). A constituição do setor contribui com uma certa capilarização do debate, pois sendo uma estrutura orgânica do MST, o setor consegue levar reflexões onde nem sempre ele conseguia chegar sem fazer parte da estrutura orgânica.

A construção do debate sobre o conceito de Gênero dentro do MST ocorre desde os anos 80, nas cartilhas, reuniões de articulações tanto internas quanto com outras organizações, mas também passa muito pelos anos 90 e início dos anos 2000 (MASSIOLI, 2021). Observando as cartilhas produzidas até 2005 é possível notar que há, nas referências bibliográficas, nas citações e no diálogo com o acúmulo teórico produzido por outras companheiras, uma vária fonte onde as mulheres do MST beberam para trazer o Conceito de Gênero para dentro do Movimento. Nomes como Alexandra Kollontai, Guacira Lopes, Heleieth Saffioti, Rosemarie Muraro, Moema Viezer, Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo, Charlotte Perkins Gilman, Maria Jesus Izquierdo, Nalu Faria, Mirian Nobre, Simone de Beauvoir, Joan Scott dentre outras. Beber em diversas fontes foi importante para que a teoria abraçasse o chão da prática, onde as mulheres estavam inseridas desde o surgimento do MST (MAFORT, 2022). Vez ou outra encontra-se uma mulher fazendo uma citação, em um curso, em um artigo ou espaços formais, todavia é possível observar nos documentos, nas falas, intervenções, metodologias, nas práticas, uma influência dos estudos realizados.

1.3 Que perguntas fazem as mulheres até a formação do Setor de Gênero? Em quais lutas se envolvem?

Se partirmos da ideia de que o MST é feito por homens e mulheres, podemos supor, de uma forma geral, que as bandeiras de luta como Terra, Reforma Agrária e Transformação social são defendidas por homens e

21 Informação concedida em entrevista em 24 de outubro de 2021.

mulheres. Quando vemos a luta pela terra, onde temos ocupações, marchas e despejos, automaticamente conseguimos ver homens e mulheres compondo as fileiras de luta. Quando pensamos em pautas da década de 1980, como da imagem abaixo, é possível concluir que homens e mulheres do MST concordam e querem a realização destas exigências:

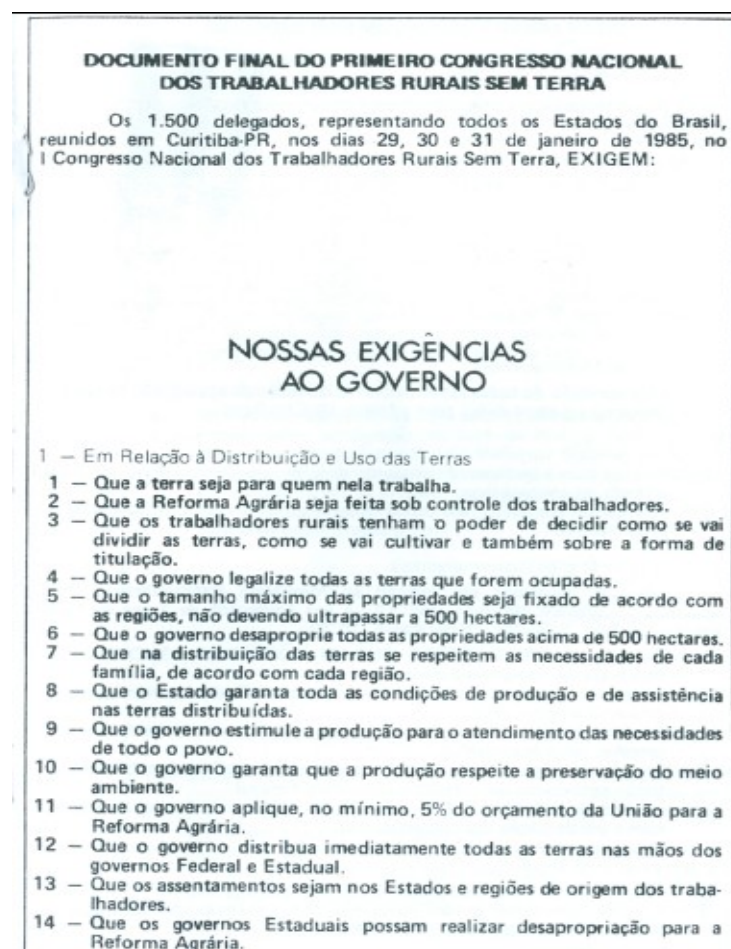


Figura 6 - Documento final do primeiro congresso nacional do MST

Não é de se imaginar, indo pela mesma via de argumentação do parágrafo anterior, que algum destes 14 pontos seja vontade apenas das mulheres, ou apenas dos homens. Também não há como tentar supor que alguns destes pontos eram mais reivindicados por mulheres que por homens

ou o contrário. Se pegarmos reivindicações dos anos 2000, como a atualização do índice de produtividade²², ou campanhas internas mesmo, como a de “Toda e todo Sem Terra Estudando”, não temos como dizer que foram homens ou mulheres que a construíram. Porém, há algumas pautas, algumas lutas que são realizadas apenas pelas mulheres. Observemos a imagem abaixo, que é o documento final do I Congresso Nacional do MST

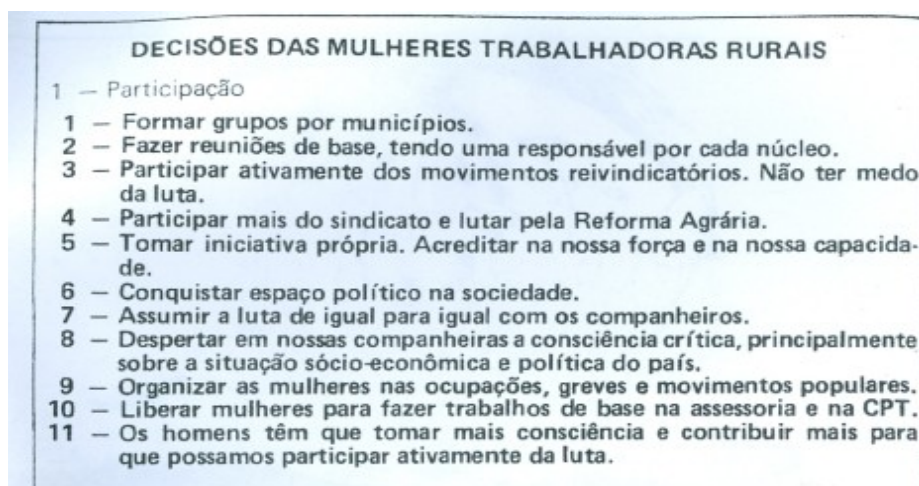


Figura 7 - Documento final do primeiro congresso nacional do MST - 1985

Observemos que não são pautas do todo da organização, não são pautas que podemos imaginar que são específicas para os homens. Se pegarmos o tópico 7 e trocar de mulher para homem, ficaria algo impensável, não conseguimos imaginar uma reivindicação dos homens em “Assumir a luta de igual para igual com as companheiras”. Muito menos os tópicos 10 e 11 “As mulheres têm que tomar mais consciência e contribuir mais para que possamos participar ativamente da luta”. Há aqui situações pelas quais apenas as mulheres passam e lutas que apenas as mulheres realizarão, muito embora na hora de romper a cerca do latifúndio, as mulheres também estão presentes, não é uma luta apenas dos companheiros.

²² Índice de produtividade é a quantidade de produção por unidade de área. A Constituição Federal de 1988, em seu parágrafo 186 fala que o imóvel rural precisa cumprir com a função social da terra que é produzir de acordo com o índice de Produtividade. A propriedade que não cumprir, passa a ser dada como improdutiva e pela Constituição, é passível de desapropriação. Ocorre que os índices usados até os dias de hoje, são de dados produtivos de 1975 e a tecnologia já permite que a mesma quantidade de terra produza muito mais do que na década de 1970.

De forma geral, na década de 1980, as mulheres do MST, na luta por direitos, realizam ações para incentivar a participação nos debates e nas formações, incentivar a documentação, a articulação com mulheres de outras organizações e principalmente lutar por direitos sociais, visto que havia uma articulação grande da constituinte (CAMPOS; VICENTE, 2012).

Colocando o conceito de Gênero na prática, observa-se que há uma realidade específica pela qual passam as mulheres, que as fazem cumprir papéis diferentes dentro da organização MST, tanto na questão organizativa quanto nas questões práticas de sobrevivência cotidiana, como a divisão de tarefas em um barraco ou em um sítio. Esta realidade específica forjará uma vivência específica que, por sua vez, dará forma a uma luta específica.

Será a luta por maior participação que garantirá uma maior visibilidade às especificidades da realidade pela qual passam as mulheres. No documento das Normas Gerais do MST, de 1989, podemos observar que há o reconhecimento, pelo todo da organização, da importância das reivindicações das mulheres. É possível supor que a parte do documento em que trata sobre as mulheres não foi feito por homens, e o fato de constar como norma é fruto de organização e luta por parte das mulheres. Virando norma, as ações fogem da esfera da mulheres, não é mais apenas a metade da organização, não é uma questão de que “As mulheres” estão reivindicando, mas é uma deliberação de que o todo da organização necessita se debruçar. A figura abaixo demonstra como que, ainda em seus primeiros 5 anos, o MST vai sendo construído também pela luta das mulheres por maior participação e direitos:

Figura 8 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.5

2.1. Normas Gerais do MST (1989)

- ◆ estimular a participação das mulheres em todos os níveis
- ◆ combater todos os tipos de discriminação e lutar contra o machismo que impede a igualdade de direitos e condições
- ◆ estimular comissões de mulheres nos acampamentos, assentamentos, para discutir problemas específicos
- ◆ estimular a participação do MST nos outros movimentos de mulheres
- ◆ a nível nacional ter uma equipe nacional de mulheres para:
 - a) pensar, propor, planejar as políticas específicas e apresentar à DN e CN
 - b) a comissão será indicada pela DN como organismo específico;
 - c) a comissão deverá elaborar materiais, publicações, página do Jornal Sem Terra
 - d) assessorar e fornecer subsídios para orientar o trabalho específico com mulheres.

Em outro documento importante, que é o Documento Básico, com regras e normas a serem seguidas pela organização, também é possível identificar a presença das mulheres. Aqui podemos observar que no artigo 45 há o termo “questões específicas das mulheres” e a linguagem aponta este inicial, ainda, processo de necessidade de atividades específicas para construir ações para o todo da organização. Como principais atingidas pela violência do patriarcado, serão as mulheres a sugerir possibilidades outras de pensar a forma de organização. A linguagem aqui expressa um longo debate, que com todo cuidado, mas com muita determinação, as mulheres vão enfrentar, que é ter um espaço em separado, ou não, dos companheiros em atividades específicas. Está posta a questão, que em cada época vai obter respostas diferentes: “e este debate é apenas de nós mulheres?”, “Não seria interessante que os companheiros também conversassem sobre isto?”, “Como fazer com que quando venham, também saibam escutar e não cheguem querendo dar a linha?” (RAIMUNDA, 2020²³)

23 Informação concedida em entrevista em julho de 2022

Figura 9 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.5

2.2 . Documento Básico (1993)

◆ na organização do MST

Art. 45: considerar as questões específicas das mulheres e sua participação como parte integrante das reivindicações e da organização, tratando como classe e não enquanto gênero

Art. 152: sobre a produção - temos que garantir a participação das mulheres e todos os níveis da cooperação agrícola e sobretudo

- 5 -

estimular sua participação no trabalho produtivo, como também combater as desigualdades e o tradicionalismo que existe no meio camponês.

A mulher, enquanto sujeito histórico, vai cada vez mais aparecendo, ela luta, participa nos momentos de repartir o pão e nos momentos de enfrentamento, então como invisibilizar, no mínimo, metade das pessoas desta organização? Não há como (RAIMUNDA, 2020). A cada novo documento, a cada avançar orgânico estão lá também alguns avanços para a inserção nos documentos. O avanço no documento não garante em nada o avanço lá na base, na realidade, mas é um bom começo, é um ponto de partida que assegura a possibilidade do debate, assegura iniciativas de ações de enfrentamento. Estar escrito, estar na norma é resultado de uma luta por mais participação, tanto nas ações cotidianas quanto na organização e coordenação da luta. Estas ações das mulheres, que propiciaram o reconhecimento em documento de suas pautas, não foram resultado de um ou dois anos, de uma ou outra reunião, elas fazem parte de um longo processo, ano após ano e considerando o MST como uma organização, como tudo na vida, complexa e contraditória:

Enxergar a classe trabalhadora, não como um bloco homogêneo, mas no movimento das contradições sociais que formam os sujeitos de classe, é desafio fundamental para qualquer Organização que se proponha a ser instrumento político. Na história das organizações populares, esses sujeitos sociais só foram notados, a partir de uma combinação de auto-organização e rebeldia, que só é possível

quando forjada num processo de conspiração silenciosa, nem sempre organizada. (MST, 2017 p. 9)

2.3 Programa Agrário (1995)

♦ A situação da mulher no campo (Ponto 7, página 16)

“Entre as pessoas que vivem no campo as que mais sofrem as péssimas condições de vida são, sem dúvida, as mulheres e as crianças. As mulheres realizam uma dupla jornada de trabalho, dedicando-se às atividades domésticas e ao trabalho na produção. A maioria não recebe nada pelo seu trabalho. Não participa das decisões da economia familiar. São as mulheres quem mais sofrem com a falta de atendimento de saúde para si e para seus filhos.

Acrescido a isso encontra-se uma condição generalizada de preconceitos e discriminações pela prática do machismo no meio rural, que submete a mulher a uma condição inferior”.

Nos objetivos gerais do MST (ponto 6): “combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher”.

Figura 10 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.6

O I Encontro Nacional das Mulheres Militantes no MST, em maio de 1996, faz com que o Coletivo de Mulheres construa uma cartilha para divulgar os encaminhamentos e o Plano de Trabalho debatidos nesta atividade. Se nos documentos para o todo da organização, como Normas Gerais, Documentos Básicos e Programa Agrário é perceptível uma linguagem mais oficial, propositiva e essencialmente masculina em seu eu lírico, a cartilha não abandona a formalidade na linguagem, mas a conversa tem um eu lírico feminino e pressupõe que quem estará lendo será majoritariamente mulheres, por mais que a linguagem se direcione ao todo do MST.

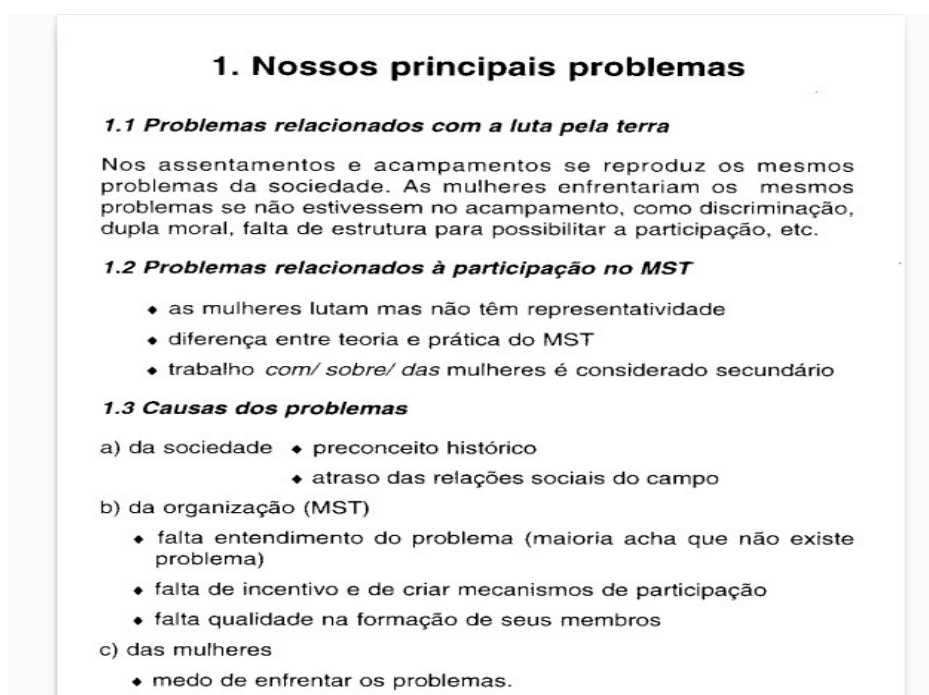


Figura 11 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.3

Este documento, de junho de 1996, demonstra que a inserção nos espaços de coordenação ainda é urgente, pois “as mulheres lutam e não têm representatividade”. Imaginar que não estar em coordenações é uma escolha das companheiras não é palatável, logo podemos observar que esta constante luta por inserção na organicidade é também resultado de uma constante não existência de espaços com representatividades das mulheres.

Ao mesmo tempo, há também, na cartilha, uma avaliação positiva sobre o MST reconhecer que há o problema e também ser positiva a forma que as mulheres estão se organizando para enfrentar a discriminação (MST, 1996). Menciona-se a qualidade do debate que as lideranças femininas iniciaram, sobre o conceito de Gênero, sobre criar novas relações, sobre não separar o debate de Gênero do debate de classe.

No campo das ações, as mulheres elencam passos necessários para se alcançar a transformação social. Nota-se que há uma preocupação com a forma de realizar as ações, com a metodologia que necessitavam criar:

1.5 Desafios

- a) O que queremos (rumo ao ideal)
 - ◆ como construir novos valores?
 - ◆ como vincular a participação das mulheres rumo ao nosso projeto estratégico, seja reforma agrária, seja de poder popular?
 - ◆ como construir o novo (novas relações) no cotidiano?
- b) Meios para avançar (formas)
 - ◆ repensar, reelaborar uma metodologia apropriada no trabalho de base
 - ◆ criar condições objetivas para aumentar a participação da mulheres
 - ◆ pensar e propor formação política (relacionada à organização como um todo)
 - ◆ ressaltar o que a mulher leva de novo ao participar de uma instância
- c) Alerta a desvios:
 - ◆ o número é importante mas não suficiente (é uma ilusão resolver com a cota)
 - ◆ evitar o vedetismo ou personalismo quando ascendem a posição social.

Figura 12 - Cartilha A questão da Mulher no MST – 1996. p.4

A participação é uma tecla constante nos apontamentos de reuniões, seminários, congressos, cartilhas. A imagem acima, mais uma vez aponta que é preciso ter maior participação das mulheres no Movimento. Mesmo estando em todos os aspectos da luta pela terra, faltam mulheres dentro da estrutura orgânica do MST, falta espaço nas instâncias de coordenação e direção e quando há mulheres em tal espaço, falta ouvi-las, quando ouvi-las falta considerar o que foi dito. Foram muitas as tensões para manter as pautas das mulheres, para angariar espaço na norma e principalmente para fazer a norma criar forma na prática (GONÇALVES, 2009).

A luta por espaço interno é para ter mais espaço para fazer a luta também de modo externo, o debate não circulava apenas em ter espaço nas instâncias, como se todo o restante estivesse resolvido. O que havia era lutar pela Reforma Agrária e, ao mesmo tempo, não deixar para depois de uma futura conquista, pensar em espaços com igualdade entre homens e mulheres.

A conquista da terra é um exemplo de como a luta se fazia também no campo de existir enquanto trabalhadora rural e não apenas o termo costumeiro de “do lar”, pois isto implicava uma série de consequências futuras, como previdência e aposentadoria rural.



Figura 13 - Cartilha Conhecendo nossos Direitos .p.10

Outra forma de visibilidade pela qual as mulheres lutavam na década de 1990 era sobre ter, também, o nome da mulher no título de concessão e uso da terra, visto que era um direito constitucional de a mulher ter a terra em seu nome, seja casada, solteira ou viúva. Porém, era corriqueiro que o título estivesse apenas no nome do homem. Assim, também se lutava para que houvesse o reconhecimento interno deste direito, era uma questão de mudar um costume que poderia gerar uma segurança às mulheres, visto que algumas mulheres sofriam nos casamentos com medo de separar e ter que deixar a terra para o marido e ir para outro lugar com os filhos. Logo, é uma luta material que reverbera em uma questão mais ampla, no leque de novas relações, novas sociabilidades. Nunca foi algo raro encontrar companheiras que, suportavam violência vária dentro de seus casamentos pelo motivo de ter lutado vários anos pelo pedaço de chão e, caso buscasse a separação do casamento, união estável ou outra denominação que valha, teria que abandonar a terra para o marido. Esta luta que, aparentemente fosse apenas econômica, empoderava a mulher, dava-lhe segurança para continuar ou não uma relação onde estava a sofrer.

Título da terra



“O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou a mulher, ou a ambos, independente do estado civil”.

De acordo com a Constituição, a mulher tem o direito ao título da terra em seu nome, seja casada, solteira, viúva ou tenha companheiro.

Figura 14 - Cartilha Conhecendo nossos Direitos .p.15

Várias outras lutas foram realizadas pelas mulheres no MST na década de 90. Podemos afirmar que elas sempre estiveram nas lutas mais gerais como ocupações, marchas, mobilizações, que também estavam em todos os espaços de reivindicação por crédito. Estas lutas citadas acima eram também realizadas pelos homens. Todavia, haverá uma série de outras lutas que não damos conta de pormenorizar nesta pesquisa, mas vale citar que houve organização das mulheres para organizar algumas outras lutas:

- **Campanha de documentação:** homens e mulheres nos espaços rurais nas décadas de 1980 e 1990 não possuíam documentos básicos de identificação e, por conseguinte, documentos que lhes garantissem os trâmites burocráticos para

serem assentados e também acessar os créditos. Ocorre que para garantir a posse da terra e os créditos à família, necessita-se de uma pessoa documentada e, geralmente, sem uma campanha interna, a pessoa que tirava os documentos da família seria apenas o homem. Deste modo, para garantir o acesso da mulher também à terra e aos créditos, a campanha de documentação das mulheres foi criada. Aqui temos que considerar que tirar documentos também é se permitir ser assistida pelo estado brasileiro nas áreas da saúde, assistência social etc. A campanha de documentação ocorria nos espaços mais gerais, solicitando que homens e mulheres se documentassem, mas também haviam cartazes incentivando as mulheres, visto que a campanha geral acabava por ter uma maioria de homens documentados e mulheres ainda sem sua documentação. Os cursos, reuniões e processos de organicidade impulsionaram estas campanhas para garantir que as mulheres pudessem realizar sua documentação.

- **Ciranda Infantil:** hoje no Movimento há um debate avançado sobre a questão da Infância, para que não se permita enxergar a criança apenas dentro do debate da maternidade, apenas da célula familiar. Entretanto, na década de 1980 e início de 1990 o termo era mesmo a “maternidade”, pois as crianças estavam como uma extensão do corpo das mulheres (MAFORT, 2016). Isto impedia as mulheres de estarem nas lutas, nos estudos e demais espaços. Raramente ser pai era algo impeditivo aos homens de irem aos cursos e demais atividades da organização, mas para as mulheres, com a carga de trabalho doméstico diário e também a “obrigação” de cuidar das crianças, se tornava consideravelmente difícil sua participação.

Como não fora possível transformas culturalmente as relações internas da organização da noite para o dia, as mulheres cobram da organização mecanismos para que a pessoa que estivesse em atividades do Movimento pudesse ter um espaço para assistir as crianças nos horários de atividades. Esta pesquisa aqui não consegue se debruçar no processo que foi a criação deste espaço, muito parecido com uma creche e sua posterior transformação em o que conhecemos como Ciranda Infantil, onde há toda uma intencionalidade pedagógica nos momentos de cuidar das crianças. Em suma, a Ciranda vai ser, e é até hoje, um espaço pedagógico que permite uma inserção das mulheres nos cursos e reuniões.

2. O RITUAL DAS BRUXAS: ONDE ESTÃO AS MULHERES?

Para a leitora ou leitor que até aqui chegou, porém não teve a oportunidade de conversar com as bruxas mães, com as companheiras que adaptaram no Movimento os passos que moldariam os Rituais, posteriormente as Noites, cá estou para, vasculhando documentos e memórias, lhes apresentar uma, das diversas possíveis, histórias sobre o que conhecemos hoje como Noite das Bruxas e também sobre o Ritual das Bruxas. Todavia, para isto, vamos ir e voltar ao tempo, citar nossas sábias e também fazer um bem bolado para que não se tenha muitos detalhes que enfade os olhos, ou menos que o necessário, que não explique o mínimo.

Se hoje, quando falamos de Noite das Bruxas, estamos nos referindo àquele momento (GUEDES, 2022) em que as mulheres contam histórias, cantam, declamam poemas, passam batom antes de entrar no espaço, relembram da “história das mulheres na história”... podemos dizer que antes de chegar a este formato, ou ainda melhor, que para chegar a este formato, outros caminhos metodológicos, políticos e organizativos foram trilhados. Mas quais? Bom, veio de algum lugar!

Há menos de dez anos, a Noite das Bruxas também poderia (RAIMUNDA, 2016) ser tomada como aquele momento em que “as mulheres” se reúnem enquanto nós, homens, vamos tomar cerveja, nas atividades nacionais ou estaduais do Movimento. Por conta deste momento das mulheres, fora criado (MST, 2018) um momento também para que os homens conversem entre si sobre como o machismo se expressa e afeta homens e mulheres – material e psicologicamente distinta.

Há menos de vinte anos, como aponta Simone Silva, a Noite das Bruxas poderia estar mais próxima do Ritual das Bruxas, ainda construído com um roteiro que alguém tinha, daqueles organizados pelo 13 de maio²⁴. Mas antes de se

24 Núcleo de Educação Popular que contribui à Formação Política da Classe trabalhadora. Formado por professores diplomados ou não pela academia, o grupo, com sede em SP, contribuiu por muitos anos, nos cursos de formação do MST. É deles a sistematização do Ritual das Bruxas que circulou por muitos anos nos espaços do Movimento.

propagar mais a Noite das Bruxas do que o Ritual das Bruxas, precisamos olhar para os passos iniciais de contato com o Ritual.

Como citado no capítulo primeiro deste trabalho, a realização do Encontro Nacional de Mulheres buscou dar visibilidade às lutas das mulheres na história, de modo que a Jornada Socialista²⁵ foi organizada como um momento de celebrar, de rememorar as lutas encampadas por Rosa Luxemburgo. Lourdes destaca estes processos iniciais:

... que na Jornada Socialista nós tínhamos que resgatar a história das mulheres, porque o MST não tinha até então, não trazia até então, nem na Escola Nacional em Caçador, a história das mulheres, o que tinha era a história do Lênin, dos grandes lutadores, mas não tinha da Rosa, por exemplo. Então a Jornada Socialista da Rosa foi a primeira que nós fizemos pra conhecer mesmo, pras mulheres dirigentes conhecer mesmo. E depois a gente passou a fazer estudos para fazer a grande Mística... resgatamos a história, resgatamos frases, contamos a história dela... e foi nos encontros nacionais, no 1, no 2, no 3 e no 4 nós fizemos isto que nós chamávamos de Jornada Socialista e o foco era as mulheres, as feministas de vários locais do mundo, não era como tema de estudo mas era uma apresentação. Enfim, o tema das Bruxas, começou, se não me engano em 1997, acho que foi esta data, trazida pela Cristiane Campos, pelas gaúchas, trazendo para nós a proposta, acho que alguém do grupo do 13 de Maio já trabalhava isto... havia uma cartilha com detalhes e sei que nós fizemos no Encontro Nacional e quando tivemos outros cursos nós colocamos na programação do curso o Ritual das Bruxas. Que depois, a partir do curso, nos encontros que nós tínhamos nacionais e regionais, nós passamos a ter como prática de fazer o Ritual para conhecer a história das mulheres lutadoras (VICENTE, 2022. Informação Verbal).

O Ritual das Bruxas advém de oficinas organizadas pelo Movimento de Mulheres da Zona Leste de São Paulo nos anos 80. A oficina era organizada pelas Freiras Lyn Kirkconnell e Ana Archbold e o Ritual das Bruxas era um dos momentos da oficina, onde se contava a história de mulheres que foram acusadas de bruxas na Europa, desde a Idade Média. O documento-roteiro que chegara ao MST nos anos

25 De acordo com Edgar Kolling, Jornada Socialista é um formato de atividade cultural realizada pelo MST na década de 1980. Nas reuniões, cursos, encontros e demais eventos do MST, geralmente a parte do dia é composta por 4 horas de estudo, reuniões e debates pela manhã e o mesmo número pela tarde. Nas noites, geralmente, a ideia é que se tenha uma atividade menos cansativa, que possibilite a reflexão militante, mas que não seja necessariamente estudo ou debate. Desta forma, uma atividade com músicas, encenações, histórias sobre as lutas revolucionárias no mundo eram realizadas com o intuito de cultivar os valores socialistas na militância, como o companheirismo, a solidariedade, o internacionalismo. Cabe ressaltar que na década de 1980 ainda havia a União Soviética, Cuba ainda não havia passado pelo Período Especial e a Revolução Sandinista estava ainda fresca.

80 advém de uma adaptação à Brasileira realizada pelo Núcleo de Educação Popular 13 de maio. Massioli nos conta com mais detalhes o momento de contato com o Ritual:

na realidade o Ritual ele veio apresentado para nós pelas Gaúchas, e particularmente pela Cristiane Campos... ela era muito estudiosa. Então o Ritual era de algum livro que ela encontrou, que ela foi estudando a questão das mulheres na história e encontrou o Ritual. Na verdade, inclusive neste primeiro Ritual foi feito um folheto onde a gente distribuiu depois o roteiro do Ritual que todo mundo levou e a partir daí foi sendo reproduzido nos estados, nos encontros das grandes regiões. Na verdade este ritual é de algum livro, de qual livro eu não saberia te dizer e é claro, nós fomos adaptando de acordo com a nossa realidade (Massioli, 2022. Informação Verbal)

Este Ritual chega para dentro do MST em um momento em que o debate dentro dos espaços do Movimento na década de 1990 ainda não se utilizava do termo *feminista*, mas sim Gênero e Classe. Como apresentado no capítulo 1 desta pesquisa, foram tempos de estudo para a compreensão das denominações teóricas que fariam ou não sentido nas necessidades práticas. Foram nestes momentos de estudo entre mulheres que toma-se conhecimento de outras possibilidades de compreender a história: Massioli, em entrevista, afirma que:

O Ritual, ele vem ali nos anos 90, foram anos muito importantes de debate de gênero internamente, nesta articulação com outras mulheres, então assim, foi um período de fazer o debate de gênero, de classe, de estudar, de começar o estudo para entender os conceitos, muitos cursos fizemos, muitos debates, trouxemos várias companheiras históricas no movimento feminista pra poder ir compreendendo né. Este foi um período de, que eu lembro, de muitas ONGs, que tinham uma ação muito em torno, um debate do corpo, de muitas metodologias e tal, e nós dizemos que é importante fazer este debate do corpo né, mas nós já íamos para a linha da saúde da mulher, dos direitos reprodutivos, mas ao mesmo tempo o debate de gênero que, hoje a gente fala debate feminista né, mas na época nós falávamos que o debate que nos identifica e o debate de gênero e classe, depois com o tempo fomos entendendo o que é gênero, classe raça... mas foi este o primeiro momento que vai chegar este processo de entender porque começamos a estudar né, aí você vai vendo as mulheres na história né, como foram os diferentes períodos, os diferentes modos de produção, e como as mulheres foram tratadas, aí você vai vendo o papel da igreja, aprendendo que as coisas não são naturais, esses padrões de gênero são culturais né?, as pessoas não nascem assim e neste debate você vai entendendo os mitos que são colocados, que as bruxas são más né... (MASSIOLI, 2022. Informação Verbal)

Faz sentido aqui apontar que a construção de o que vamos chamar de Ritual das Bruxas, dentro dos espaços do MST, ocorre em um momento em que as mulheres dirigentes estão em um contato com ideias várias sobre lutas, direitos e ideias feministas, que, como apontado por Itelvina Massioli, eram debates tomados como debate de Gênero e Classe. Os estudos, as descobertas através deles, forjaram a compreensão de novas formas de entender a história que lhes fora repassada até então, pois, como afirma Scottt (1989, p.02) “inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante”. E mais, quando as mulheres passam a se encontrar na história, há um alargamento de consciência não só das mulheres, mas da organização como um todo, há (SCOTT, 1989) não apenas a uma nova história das mulheres, mas uma nova história.

Através dos estudos, do contato com uma literatura nova para aquelas mulheres Sem Terra, outras formas de compreender antigos mitos foram se apresentando. Como observaremos a seguir, é aqui que torna-se possível compreender o encaixe de cada detalhe dos primeiros roteiros do Ritual das Bruxas, já observando-o em suas adaptações para o público da Reforma Agrária:

...se lá atrás, na Inquisição, as mulheres sábias, as mulheres e as mulheres que não se encaixavam no padrão que estava estabelecido da mulher, da mulher entre parênteses, entre aspas. Normal, né? A mulher que gostava de política ou que não queria se casar, ou que tinha uma relação fora do casamento, ou que se relacionava com outra mulher. Essas mulheres eram as bruxas, né? Então a gente começou a se identificar muito com essa questão desse bom, nós somos mulheres que estão fora também dessa, dessa normalidade. Somos mulheres Sem Terra, somos mulheres militantes e todas as contradições internas do movimento que sempre se afluíram, né? Era um período intenso de nós nos afirmarmos como mulheres dirigentes do movimento Mulheres. Tanto é que as décadas de 80 e 90 foram décadas efervescentes, né? (MASSIOLI, 2022. Informação Verbal).

O intento deste trabalho, ao demonstrar o momento em que o Ritual aparece, vem ao encontro de possibilitar percepções processuais sobre o momento histórico e político no qual as mulheres estavam inseridas. As próprias mulheres, em sua organização, criaram as condições para que tal abordagem fosse possível, mesmo que com estranhamentos; as próprias mulheres, em sua forma de

reflexionar, já haviam preparado o terreno para que o formato de uma intervenção como o Ritual das Bruxas fosse realizável dentro da organização. Me explico ao leitor²⁶: o momento de inserção da metodologia, do roteiro, é um momento processual de continuidade de ações que estavam sendo realizadas pelas mulheres no Movimento desde a década de 1980, desde a criação do MST enquanto organização social; os debates sobre a necessidade de participação das mulheres, o debate sobre a importância das mulheres estudarem, estava posto, e pelas próprias mulheres como uma bandeira, assim, quando o Ritual aparece, ele ocorre como um elemento a mais neste longo processo iniciado na década de 1980.

2.1 Ritual das Bruxas e Noite das Bruxas: outros ingredientes adicionados

“Somos as netas das bruxas
que vocês não conseguiram queimar”

Dizem os muros!

Quando fora realizado o contato com o Ritual das Bruxas em forma de roteiro, sistematizado pelo grupo de Educação Popular 13 de Maio, já havia uma intenção de realizar atividades “místicas” com as mulheres (VICENTE, 2022) e tanto as Jornadas Socialistas quanto o Ritual das Bruxas eram momentos que se somavam às peças de teatro, noites com músicas e poemas e demais possibilidades de realizar atividades pelas noites nas atividades das mulheres do MST.

Ao longo do tempo, em um outro período histórico e já com o setor de Gênero configurado como setor, a gente passou a chamar não só de Ritual, passamos a chamar de Noite das bruxas. E então, qual a diferente entre o Ritual das Bruxas e a Noite das Bruxas? É que nós fizemos em forma de conspiração, em que tudo era surpresa. Um grupo reduzido, de umas 3 mulheres fazia tipo uma conspiração para ser surpresa. Aí a criatividade nossa para cada encontro é que diferenciava uma noite da outra... era muito mais incrementado do que o Ritual, pois trabalhávamos, com nossa criatividade, a questão da autoestima da mulher militante, do que é ser mulher, sobre a feminilidade, pois lembro que tínhamos um debate na época

26 Como esta dissertação tem por objetivo principal, transformar-se em um material que levante miradas sobre a organização das companheiras para que nós, homens, possamos também entender nossos processos de debate sobre a nossa responsabilidade com o Feminismo, várias vezes, o texto conversa com o leitor homem, com algumas observações que podem parecer óbvias para as companheiras militantes ou para as professoras que estão lendo o texto, todavia para nós homens é necessário um pouco mais de ênfase em alguns processos, faz-se importante apontar observações que em nosso processo (entre homens) de organização nos foram e ainda são muito caras, ainda complexas e ainda iniciais.

que o modelo padrão de mulher masculinizada²⁷ não servia para a nossa luta. Então dá pra ver que havia toda uma intencionalidade na Noite das Bruxas (VICENTE, 2022. Informação Verbal).

O Ritual estava mais para seguir o roteiro do 13 de Maio (MASSIOLI, 2022), com algumas variações e adaptações de acordo com o público. A Noite das Bruxas estava mais para a utilização de elementos artísticos, com uma abertura maior para incrementos para além do roteiro. Por vezes se abria um espaço para que as mulheres falassem durante a Noite das Bruxas, para que pudessem conhecer a história de outras mulheres e também falar algumas coisas, que (BORBA, 2022) por vezes, estava entalada na garganta.

Cabe aqui apontar que nas 23 entrevistas, contendo mulheres de 12²⁸ estados e das 5 regiões²⁹ do país, duas companheiras apontam exatamente o momento em que houvera a maior utilização da Noite das Bruxas do que do Ritual, que foi no início dos anos 2000. Aproximadamente um quarto das mulheres citavam diferenças entre o Ritual e a Noite das Bruxas e metade das entrevistadas conheciam apenas a denominação de Noite das Bruxas, muito embora, analisando pelas informações repassadas pelas duas mais antigas, mesmo sem nomenclaturar que dentro da Noite das Bruxas havia o Ritual das Bruxas, o ritual estava presente por várias vezes.

Só vai ter consciência específica de que foram coisas com nomenclaturas diferentes aquelas que participaram de um ritual nos anos em que a Noite das Bruxas ainda estava em consolidação. Por exemplo, Witcel (2022. Informação Verbal) explica que quando participou pela primeira vez, a nomenclatura ainda era Ritual das Bruxas: “A minha primeira participação da Noite das Bruxas era ainda

27 Mesmo que já explicado anteriormente neste trabalho, explicamos aqui novamente que as mulheres, lá na década de 1980, para serem respeitadas, para assumirem espaços de militância e direção, muitas vezes tinham que meio que parecerem com homens, tanto nas roupas quando nos gestos. Tanto pelo fato de que para ser respeitada teria que parecer um homem e logo tinha que ter atitudes ditas masculinas e também para se proteger, esconder o corpo para não, digamos “chamar tanto a atenção”, visto que era (ou ainda é) posto que uma mulher com roupas masculinas não chamaria a atenção como uma mulher com roupas mais justas.

28 Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Cabe também lembrar que muitas das mulheres tiveram sua militância por uma década em um estado e outra década em outro, por vezes em regiões diferentes.

29 Na divisão da geografia política feita pelo MST, Rondônia pertence à Região Centro-Oeste e o Maranhão não pertence ao Nordeste, mas sim à Região Amazônica.

chamada Ritual. Que tinha intenção sobretudo da gente referendar, referenciar as mulheres da história, sobretudo as que foram queimadas por serem mulheres”.

Partindo da ideia de que esta pesquisa rumo para contribuir nas reflexões das metodologias realizadas para trabalhar gênero com homens dentro do MST, podemos observar que o que é chamado de Ritual das Bruxas é um roteiro, criado por duas freiras do Movimento de Mulheres de São Paulo, na década de 1980. Este roteiro chega ao Movimento adaptado pelo Grupo de Educação Popular 13 de Maio, porém pelas mãos de mulheres do Rio Grande do Sul, que já haviam participado de espaços de formação junto ao grupo. Na década de 1990, atividades similares já ocorriam dentro do Movimento, como as Jornadas Socialistas, Místicas e intervenções artísticas nos períodos noturnos. Por conta da realização destas atividades similares, com a utilização de elementos artísticos, por conta da tentativa das mulheres de usarem formas para além do estudo formal para trazerem este debate, é que fora possível a introdução deste “roteiro” nos espaços das mulheres no movimento, pois era algo similar às formas que já se apresentavam internamente.

Cabe aqui uma breve apresentação de o que consiste o chamado Roteiro do Ritual das Bruxas, para compreendermos do que se trata e como foi se modificando através de experimentos das mulheres no decorrer dos anos 2000: O roteiro que temos mais antigo (VICENTE e MASSIOLI, 2022) advém de uma adaptação feita pelo grupo de Educação Popular 13 de maio, com parceria para impressão com o Gabinete do Deputado Estadual de SP Wagner Lino. Neste folheto a atividade se baseia em uma atividade de pouco menos de 120 minutos, onde uma sala é ambientada com penumbra, incensos, velas, caldeirão e alguma bebida feita no mesmo. Há uma sequência entre receber as mulheres no espaço, relaxamento com músicas, visita ao passado com história do matriarcado e momentos em que mulheres foram perseguidas na Idade Média. Há a explicação de pelo qual motivo estas mulheres foram perseguidas e relações com o tempo presente são realizadas também. Um momento final (BATISTA, 2022) é com a história de mulheres importantes ao decorrer dos tempos, seus feitos. Assim grupos são feitos para debater o tema da violência antiga e atual. Quando retornam todas as mulheres juntas (GUEDES, 2022) é realizada uma homenagem à história das mulheres e um brinde com a poção feita no caldeirão.

Como há o Ritual em anexo, cá colocamos apenas o mínimo suficiente para que seja possível entender do que se trata quando este trabalho tocar em o que é

um Ritual das Bruxas. Como seu roteiro original têm sua criação com duas Freiras, observamos nas 13 páginas de orientações sobre como fazer o Ritual, uma quantidade de referências religiosas em vários passos da metodologia, o que será levemente modificado pelo 13 de Maio e muito modificado quando realizado pelas mulheres do MST.

Tendo o contato feito com a ideia do Ritual, as mulheres do MST passam a realizar transformações para que ele se tornasse mais efetivo nos espaços do Movimento, para que as mulheres que dele participassem se sentissem tocadas pelas histórias, mais próximas de seu contexto de vida. Assim ocorreu uma “Movimentação”, que podemos dizer que foi olhar para aquilo que existia e transformar em algo com as contradições do tempo presente.

Então era preparado com toda mística, com toda a referência que eram essas mulheres, trazendo os elementos da natureza, trazendo os elementos da luta, das mulheres, enfim. Acho que era momento de fortalecimento das mulheres pra se verem como mulheres fortes que estão ousando derrubar com os padrões estabelecidos também. Como seria tipo as bruxas de nosso tempo... aí a gente trazia os nomes das mulheres que foram queimadas naquele período. E quais são as fogueiras que nos queimam hoje? Né? As fogueiras do patriarcado as fogueiras do machismo, do preconceito, de tudo. Quais são as fogueiras que também hoje estão acesas e preparadas pra queimar as mulheres? E também um momento de cada mulher trazer as suas referências pra este período histórico pra pras bruxas de nosso tempo né? Então cada uma também fazia um pouco esse exercício de pra mim entender que não estamos sozinhas, né? (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Como não havia a necessidade de que todos os Rituais fossem iguais (Lourdes, 2022), cada vez que ele era organizado em um estado, era pensado em como o Ritual poderia contribuir para com o debate de Gênero que as mulheres estavam fazendo na organização.

No geral, nos estados pelo menos até onde eu tenho percebido e participei de alguns, sei que quem faz se orienta muito pelo roteiro que leva, né? Porque tem um roteirinho mínimo e lá também cria. Tipo, eu participei (de)

um em que foi feito uma grande fogueira no centro e aí foi feito o ritual em torno da fogueira grande no meio dum campo aberto. E lá foi inserido poesias e lá foi inserido dados de como as mulheres da realidade daquele estado. Então é isso, assim cada espaço vai criando as suas metodologias a partir do próprio roteiro que tem, o roteiro ajuda, ajuda muito, mas não se fecha nele, né? (WITCEL, 2022. Informação Verbal)

Não havendo uma rigidez formal, o Ritual foi ganhando (FREITAS, 2021), mesmo havendo um roteiro escrito, contornos bem particulares, de acordo com o local, com as pessoas que participavam, com a intencionalidade que se planejava.

Havia a necessidade de (VICENTE, 2022) realizar adaptações, tanto para que também fossem lembradas mulheres brasileiras, quanto para que questões mais orgânicas do Movimento fossem abordadas, como a necessidade das mulheres serem protagonistas em todos os espaços da organização.

Realizando as entrevistas com as mulheres que contribuíram para a realização dos Rituais nos estados, percebe-se que a existência de um roteiro não tornava rígida a estrutura da atividade. Por mais que em quase todas as atividades houvessem momentos que se repetiam, a ordem poderia não ser a mesma, algum passo poderia não existir em uma noite e existir em outra e a criação de momentos novos era corriqueiro. Aqui, credito isto ao fato de que todas as mulheres que estavam usando do roteiro para realizar o Ritual em seus estados, tinham uma grande experiência com a Mística no MST. Como aponta Witcel quando perguntada como era a preparação de uma Noite das Bruxas, “Então era preparado com toda mística”. Me explico: na construção de uma Mística dentro do Movimento, é dado que não há um roteiro que possa ser pego e replicado, pois nas místicas para celebrar a luta, para rememorar ações da classe trabalhadora, em seu processo de construção, há uma ideia que se coloca para ser trabalhada e as pessoas que estão construindo a mística vão procurar elementos que permitam externalizar as ideias de forma mais ou menos evidente.

Ao passo que, para ganharem reconhecimento como militantes e dirigentes dentro do Movimento, as mulheres precisavam provar, demonstrar que eram aptas, corajosas e também estudiosas. Assim, a constância, a

repetição de coordenar cursos, de estudar um tema e treinar para ser “tão boa quanto um homem dirigente”, fez destas mulheres que iniciaram suas militâncias nas décadas de 1980 e 1990, pessoas com agilidade e necessidade de construir formas novas, pessoas com agilidade em adaptar temas para serem trabalhados com as mulheres. Durante as entrevistas a palavra adaptação aparece muito naturalmente, como se simples fosse transformar uma metodologia em outra de acordo com a necessidade do momento. Sim, pode ser que para as mulheres seja.

Para efeitos de demonstração, tanto na entrevista com Witcel quanto na de Freitas, aparece de forma muito similar a necessidade de adaptar, ou a ideia ao público ou o conteúdo que se quer trabalhar com a forma metodológica:

Cada público merece ser pensado com carinho de acordo com a metodologia. O conteúdo permanece. O conteúdo é a reflexão, a necessidade da transformação permanece. Mas a metodologia muda de acordo com o público sim. Porque com as dirigentes a abordagem pode ser mais pesada, pode ser de mais exigência. Né? Não que não tenha que ser exigente com o curso de militantes, não. Mas tu tem que considerar o público, tem que considerar se for público de base. Tem que considerar se o público for religioso ou não. Porque se a gente não considerar as formas como e com quem a gente toca, o coração e a percepção de cada um, a gente pode afastar as pessoas em vez de trazê-las pra reflexão. (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Witcel é oriunda do Rio Grande do Sul, teve muito de sua militância na Escola Nacional Florestan Fernandes (SP) e também vários anos de militância no estado de Goiás, além de participar de diversas atividades nacionais. Lucinéia, proveniente de Mato Grosso, coordena o Setor de Gênero em nível nacional no MST.

Quando a gente pensa o ritual, ele está muito vinculado ao grupo de mulheres que a gente tem, né?... Há outro elemento que a gente percebe que quando coloca na programação é que tem gente nova no processo. É bom a gente fazer uma preparação prévia pra abordar, não contando o que vai ser, sabe? Em relação ao formato, há mudanças, só que elas não são fixas. Porque assim, como cada espaço depende do espaço que você tem. Por exemplo, se você consegue estar num espaço aberto, fazer uma

fogueira, sabe? Então, assim, não é que o ritual em si ele tenha se perdido, mas o formato tem transformado. Ele é um ritual que ele tem que ser adaptado a cada, a cada espaço. E ele também é adaptado ao tempo que tem para efetivá-lo ao público. Se é um coletivo de mulheres mais dirigentes, se é um coletivo de mulheres mais de base. Até porque, inclusive, o sentido dele muda para as mulheres mais de base (FREITAS, 2022. Informação verbal).

Foram as adaptações que transformaram o que inicialmente fora chamado de Ritual das Bruxas em Noite das Bruxas, pois os elementos acrescentados já não faziam parte do roteiro inicial. Desta forma, entre o final da década de 1990 até 2010 teremos uma menor utilização do termo Ritual das Bruxas e um maior uso da nomenclatura Noite das Bruxas. Isto não é algo rígido, como se depois de 2010 não mais se escutasse falar de Ritual, sendo trocado pelo termo Noite das Bruxas. Isto se deve tanto pela dimensão territorial do MST, quanto pelo motivo de que é uma organização em movimento, onde novas pessoas vão entrando todos os anos; novos cursos são realizados e novas mulheres, que outrora eram meninas, vão participando dos espaços de formação onde, a depender do estado, vão ter seu primeiro contato com um momento realizado apenas com o roteiro do Ritual, ou com uma Noite das Bruxas, com o acúmulo político e estético que a metodologia foi sofrendo nos anos anteriores.

... me chamaram aí antes da pandemia eu fui no encontro das mulheres do nordeste lá no Rio Grande do Norte. E elas utilizaram o ritual. Aí era só o ritual mesmo, né? Das bruxas. Então é uma cartilha que se espalhou, algumas regiões ainda utilizam só como ritual mesmo, de ter o momento, né? Da de seguir aqueles passos, dos quatro elementos, fogo, terra, água e ar, né? Eh dos poderes, os nomes das mulheres até antes da pandemia por exemplo que eu acompanho mais de perto aqui no nordeste eh as mulheres ainda utilizam como ritual. (VICENTE, 2022. Informação Verbal)

Vários fatores vão ajudar a definir o que será realizado de metodologia nos estados e em nível nacional: não se trata apenas de uma opção, querer realizar uma coisa ou outra, serão as condições do momento quem decidirão sobre a realização. Mesmo pelo fato de que em vezes não há uma separação entre o significado de uma Noite ou de um Ritual, a definição se passa pelas condições de realização. Se haverá fôlego para adaptar, para criar mais, ensaiar, se fulana ou beltrana estão na

atividade para poder contribuir. Se há tempo e experiência, a probabilidade de se apegar menos ao roteiro é grande, todavia o roteiro sempre estará lá para que possa ser o guia, quando não há condições necessárias para um momento mais elaborado, mais místico. Uma Noite das Bruxas demanda mais tempo de preparação, visto que não há um roteiro específico, como ocorre com o Ritual e várias intervenções precisam ser ensaiadas, forjadas.

Sendo parte de uma organização social de massas, onde os processos em andamentos avançam, estagnam e retrocedem, torna-se importante não tentar estabelecer que “O Ritual não existe mais”. O que este trabalho buscou foi investigar minúcias que joguem luz aos desafios do presente, onde questões sobre o Ritual contribuem para tal compreensão. Com as informações coletadas na investigação e com o entendimento de que em cada estado o Movimento terá formas diferentes de organizar e preparar a formação, torna-se cabível observar que vários motivos poderão ocasionar, ainda nos dias de hoje, uma realização de um Ritual com os roteiros do 13 de Maio. Sabemos que, se lá na década de 90, a preparação de um Ritual era continuidade de um trabalho realizado nos dias anteriores, pode ser que hoje tenhamos cursos nos estados em que, muito pela tentativa de pautar o tema, tenha-se apenas a noite para trabalhar o assunto com aquele grupo e se escolha a forma do Ritual. Outro motivo possível também pode ser a experiência de ter participado de outros momentos similares, como Noite das Bruxas ou Cabaré Literário, onde o experimentar possibilidades técnicas gera um acúmulo, e por conseguinte mais segurança para experimentar mais possibilidades para além do roteiro.

Em suma, o roteiro ainda é compartilhado como base para o que se chama de Noite das Bruxas e de forma mais geral sempre é um pedaço dos diversos outros momentos criados pela militância.

2.1.2 Noite das Bruxas:

Havendo as condições humanas, de tempo e espaço, haverá uma Noite das Bruxas. O roteiro do Ritual pode estar presente, pode também não estar, tudo vai depender das condições para a organização da Noite. Perguntadas, várias mulheres explicam o momento de preparação de uma Noite das Bruxas que vivenciaram:

Eu lembro que no processo da preparação... quando ia explicar a programação do encontro tava lá a Noite das Bruxas. Sempre tava lá na programação, então a gente começava a criar, vamos dizer assim, e motivar, animar sempre dando aquele aquela pitadinha assim da curiosidade e tal. E sempre quando era noite das bruxas ou mesmo do ritual, nossa, todo mundo se embelezava, botava vestidos, roupa bonita, muito lenço amarrado nos cabelo, muita coisa diferente, muito batom vermelho. Então a mulherada arrasava. (MASSIOLI, 2022. Informação Verbal)

Algumas citam detalhes da ambientação do espaço, outras focam mais em o cuidado com o público, também há aquelas que recordam do cuidado com o lúdico:

Ah, sim, muda a metodologia, a gente cria possibilidades diferentes de de visualização, de frases, de poesia, a gente insere poesias de nosso tempo, de reflexão de nosso tempo a gente insere algumas dinâmicas, a gente insere o chá ou enfim o próprio caldeirão, a forma de fazer reflexões, textos, tudo isso vai sendo acrescido, porque a gente vai percebendo que falta elementos e vai colocando, né? E mesmo no no ritual das bruxas, que agora fica a noite das bruxas e aí vai mudando cada local, vai trazendo elementos novos e nas noites antipatriarcais também se muda muito se traz vídeos, se traz depende do público, você choca mais, choca menos, né? Traz a mística, traz a violência mais presente, como ela tá hoje, traz dados também, do hoje. Nas bruxas também eu acho que isso se insere muito assim os dados da queima das bruxas hoje, e de como acontece as violências e tal né? Poesias se modificam, as músicas, a chegada de tudo isso vai se renovando. Essa parte bonita de construção de um processo de formação como esse (WITCEL, 2022).

Experimentos vários de forma e conteúdo na Noite das Bruxas ocorrerão no início dos anos 2000 e os motivos podem ser creditados ao avanço que as mulheres tiveram internamente na organização, com mais espaços de representatividade, que nas próprias palavras de Massioli não são suficientes, não garantem um avanço efetivo, mas contribuem nas condições para que os avanços se materializem. Quando o coletivo de mulheres se transforma em Setor de Gênero, quando a nova organicidade é implementada nos estados e em nível nacional, garantindo a uma representação párea nas instâncias, haverá também um avanço nos experimentos estéticos.

A transformação do Coletivo de Mulheres em um Setor, o Setor de Gênero³⁰ cria capital político para que mais cursos, mais encontros, mais atividades e mais lutas com e pelas mulheres seja realizada dentro do MST. Mafort explicita em sua entrevista esta relação entre o caminho da luta, da teoria e o caminho dos experimentos estéticos das mulheres no MST:

...no fim das contas elas assimilaram um método de condução política que tem a ver com o método dialético, né? Então esse método dialético ele é extraído da nossa relação do feminismo, Feminismo e Marxismo que é esse curso que enfim eh está nessa trajetória do setor de gênero do MST ele começa ali dois mil e tal e ele vai nos acompanhando, né? E o curso Feminismo Marxismo, ele vai ser desse espaço da gente se encontrar, estudar e tal, ao mesmo tempo preparar as coisas novas... condição da gente poder se encontrar e propor essas coisas, né? Então tipo elaboração sobre o Cabaré Literário, sobre Noite das Bruxas, tem a ver com coisas que estão acontecendo nos estados, mas também tem a ver com esses momentos de encontro nacional, que com teoria junto e as experiências de outras localidades (MAFORT, 2021. Informação Verbal).

Experimentos vários com as Noites das Bruxas serão realizados neste período: aprimoramentos estéticos, aprofundamento de conteúdos. A metodologia que surge de um roteiro em 6 folhas de papel se transforma em uma quantidade vária de possibilidades. Cada estado, cada espaço nacional em cada ano vai presenciar uma “versão” diferente de uma Noite das Bruxas. Vamos agora observar algumas delas:

... na Noite das Bruxas, do que eu me lembro tinha essa intenção de “vamos aqui falar das nossas violências” de criar esse clima, né? Agradável, esse clima de confiança, esse clima de a gente conseguir dizer sobre nós, mas pra gente ter coragem de falar sobre as violências, assim, eu acho que foi num período também ainda anterior, né? Aos passos que o movimento tinha dado em relação a esse tema. Então falar sobre a violência já era muito importante. Eu acho que a noite tinha esse lugar de debate das violências sabe? Colocado. Talvez pelo período em que eu vivenciei isso (SILVA, 2022. Informação Verbal).

30 Desde sempre os homens foram chamados para participar do Setor de Gênero, entretanto houveram pouquíssimas representações masculinas dos estados e o Setor de Gênero quase que sempre é um assunto onde apenas as mulheres habitam para realizar o debate das novas relações de gênero. Não que isto não ocorra em alguns momentos com os homens, mas os homens deveriam participar não apenas quando o debate vai para o todo do Movimento, deveriam participar nos debates dentro do Setor de Gênero, mas embora as mulheres sempre tenham cobrado a participação masculina, ela quase não ocorrera por dentro da instância estabelecida.

O tema da violência nunca saiu de pauta do Coletivo de Mulheres, tampouco do Setor de Gênero, pois é algo constante na sociedade Brasileira e não sendo o MST uma bolha, é de se imaginar que haverá, como parte da sociedade brasileira, também a realização das várias violências contra as mulheres.

Tendo em vista que todo curso que tem, que o movimento garante mais de uma semana, a gente procura fazer (uma Noite das Bruxas) posterior a um debate sobre gênero né? Seja sobre violência doméstica ou outros temas estudo do patriarcado, a gente procura fazer uma noite com as mulheres que seria a Noite das Bruxas pra conversar um pouco e se conhecer um pouco melhor (GAUBER, 2022. Informação Verbal).

Não sei se a gente seguiu uma metodologia pensada nacionalmente, mas a gente fez, e a medida que aquele caldeirão ia fervendo e a gente ia tomando aquela infusão de ervas, e a gente começou muito tímidas, mas começou a falar e a mulherada começou a falar, falar, falar e muitas começaram a chorar e a colocar pra fora um tanto de sentimento e aí parecia que eu nem sei explicar direito assim, né? Que juntou um tanto de emoção descarrego, e aquilo criou um sentimento de unidade entre nós muito forte, sabe? Foi muito importante no sentido da gente conseguir se identificar eh se unir e ao final a gente não sabia meio como é que ia terminar aquilo tudo, né? E depois daquela contação de histórias, que na verdade eram memórias, a gente conseguiu terminar levantando assim, né? Era o ânimo de nós pra gente seguir lutando (CAPUCHINHO, 2022. Informação Verbal).

Vivenciar coletivamente coisas diferentes, passar pelos mesmos sofrimentos, mesmo sendo pessoas distintas, de locais, estados ou países diferentes, contribuiu para gerar um sentimento de unidade às mulheres que participavam de uma Noite das Bruxas. Quando olhamos o percurso da luta das mulheres, podemos perceber que dos anos 2000 aos anos 2010 foram os anos de lutas históricas realizadas pelas mulheres do MST e da Via Campesina, como a destruição das mudas de Eucalipto na Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul, foram os anos de organização do Setor de Gênero, os anos de paridade nas instâncias: momentos vários de protagonismo que não vieram porque os homens da organização decidiram que assim seria, mas pelo acúmulo de força que as mulheres realizaram nas décadas de 1980 e 1990, de tal forma que a organização como um

todo vai se transformando na medida que as mulheres também o vão. As metodologias também se transformam: do do Ritual, à Noite das Bruxas.

A gente era um grupo muito unido e era uma união assim não só pela clareza política dos objetivos que a gente queria debater dentro do movimento e tal mas com laços de afetividade e eu acho que a arte foi fundamental pra isso assim pra ter aquela vontade, aquele gosto. Terminava o encontro era de muito choro a gente se abraçava e voltava pros nossos setores e tinha vontade de se encontrar novamente. E esses momentos foram fundamentais, sabe no do Ritual e na Noite das Bruxas havia algum tema, um carro, um tema carro-chefe que puxava ou era mais diluído e estava de acordo com o momento de luta daquele ano como era a definição dos temas? (VICENTE, 2022. Informação Verbal).

Os temas de uma Noite das Bruxas podiam variar, de acordo com o público, o local, e também a conjuntura. Como toda forma traz em si a expressão de conteúdos que estão lhe garantindo materialidade, as metodologias também vão metamorfosear em consonância com as necessidades do momento. Isto não significa não enxergar questões mais estratégicas, de longo prazo, mas que o tema e o formato poderiam diferir, como cita Vicente em seu depoimento sobre algumas distinções entre as metodologias entre final de noventa e final dos anos 2000:

O que o que eu acho mais legal é porque são tempos históricos diferentes e exigiam temáticas e ações diferentes né? Assim eu fico pensando esse tema de violência, de assédio daquele período histórico ele não tinha a importância que ele tem hoje. Não é que ele não existia, porque nós sempre discutimos violência ... Mas naquele período, a gente estava numa, usando a palavra de hoje, nós estávamos numa vibe que era fortalecer as mulheres com a participação nas instâncias do MST. Né? Nós tínhamos eh duas mulheres na direção nacional na época e nós tínhamos trinta e quatro homens. Né? A nossa primeira direção aquela que era mais reduzida porque não tinha as linhas políticas de ter um homem e uma mulher na instância. E estou falando desse período anterior a nossa preocupação era a participação das mulheres nas instâncias do MST, a nossa preocupação era a formação política das mulheres, a nossa preocupação era nos qualifica para estarmos espaços de decisão. Então as nossas noites elas eram todas voltadas pra esse fortalecimento (VICENTE, 2022. Informação Verbal).

Unidade, violência, feminismo, sororidade, formação política, diversos temas entram como possibilidade de serem trabalhados na Noite das Bruxas. Nas

entrevistas temos várias mulheres que declararam o quanto a primeira Noite, ou “aquela” noite foi impactante ou para ela mesma ou para alguém próxima. Cabe ressaltar que o impacto de uma atividade desta está também para além dos espaço físico, como mostra o relato de Itelvina Massioli:

Eu lembro, já mais recente, que a gente fez um um ritual, um ritual. Lá na Florestan Fernandes isso já é mais recente. A Maria Clara, a minha filha caçula, ela ainda era pequena, de colo, acho que dois, três anos ou quatro aninhos. Aí estava a Lurdes. Tava um monte de gente e tal. E ela? Toda feliz. Também quis passar batom que se ajeitar. Aí depois ela falou assim Mamãe, você e a minha Dinda são bruxas do bem, né? Aí nós rimos e aí a gente foi conversar sobre isso. Como é difícil no imaginário das crianças, como cresce no conjunto da sociedade, que as bruxas são do mal, né? Então esse esse episódio eu lembro que a gente conversou depois no encontro e fomos falando que como da mesma forma como está no imaginário que as bruxas são do mal, então sempre é isso, as mulheres lutadoras, as mulheres militantes, né? Com uma carga enorme, né? Que muitas vezes de nós é exigido um conjunto de outras, de situações, de posturas, de tudo, porque tudo a gente tem que fazer mais e melhor para ir se afirmando também, né? Então a gente fica refletindo, né, que não é fácil do ponto de vista da luta, da formação, do processo, da educação (MASSIOLI, 2022. Informação Verbal).

Por fim, a Noite das Bruxas vai acompanhar o debate e as necessidades que as mulheres do MST encampam em nível nacional dentro da organização, mas também cumprem um momento de estudo, de unidade.

2.2 O Alcance das Bruxas: até onde chegavam os impactos

É possível afirmar que o que se conhece por Noite das Bruxas, como uma metodologia de trabalho político das mulheres do MST, tem, no mínimo 25 anos internamente. Este trabalho, tanto para a academia, quanto internamente necessita investigar qual é o alcance destas atividades, quem elas impactam e como. Para isto é necessário considerar que a metodologia não foi organizada para trabalhar com as mulheres de base, de todos os acampamentos e todos os assentamentos. Ainda assim, muitas militantes e dirigentes avaliam que é um limite metodológico ou orgânico, o fato de que a Noite das Bruxas não tenha conseguido alcançar a base da organização.

Não cabe aqui neste trabalho descrever em detalhes as formas pelas quais o Setor de Gênero, o Coletivo de Mulheres trabalha na base, nos acampamentos e assentamentos, todavia é possível afirmar que através das quase 4 décadas completas, a forma de as mulheres trabalharem com as mulheres da base e a forma da organização trabalhar com as mulheres da base foi se modificando, assim como o MST também se modificou nestes quase 40 anos.

A metodologia chega ao MST no trabalho com as mulheres que participavam dos espaços nacionais de luta e que, posteriormente, era realizado nos cursos nos estados ou outros cursos em nível nacional. Há todo um cuidado, desde as mulheres que estavam utilizando a metodologia na década de 1990, de adaptar o Ritual ou a Noite em consonância com o público: isto quer dizer que, mesmo nos cursos, onde, em tese, as pessoas estão para aprender o novo, estão para se desafiar a desnaturalizar conceitos, havia todo um cuidado de usar uma linguagem, “ideal” com as características do grupo em questão.

tem que ser adaptado a cada, a cada espaço. E ele também é adaptado ao tempo que tem para efetivá-lo ao público. Se é um coletivo de mulheres mais dirigentes, se é um coletivo de mulheres mais de base. Até porque, inclusive, o sentido dele muda para as mulheres mais de base... E isso depende do grupo de mulheres que vai estar participando, com quem a gente está trabalhando. Se vocês são mulheres mais dirigentes, se são mulheres mais da base, se são mulheres que já participou de outros rituais, se são mulheres que estão no ritual pela primeira vez. E isso também influencia no conteúdo. E conforme o objetivo, a gente põe um conteúdo assim (específico) (FREITAS, 2021. Informação Verbal).

Mulheres de base são mulheres que estão participando de um curso em algum espaço do MST, mas não estão lá em suas bases, necessariamente. Realizar um Ritual das Bruxas ou uma Noite das Bruxas em um acampamento ou um assentamento ainda não é algo corriqueiro, sequer algo que se tenha mais que um ou dois exemplos por Grande Região, pois estamos falando, já de início de um nome consideravelmente taxado, estigmatizado. Em todas as entrevistas, sem exceção, há o cuidado de realizar as metodologias apenas quando houvera uma formação anterior, ou em espaços de militância.

Cada público merece ser pensado com carinho de acordo com eh a metodologia. O conteúdo permanece. O conteúdo é a reflexão, a necessidade da transformação permanece. Mas a metodologia muda de acordo com o público sim. Porque com dirigentes a abordagem pode ser mais pesada, pode ser de mais exigência. Né? Não que não tenha que ser exigente com o curso de militantes, não. Mas tu tem que considerar o público, tem que considerar se for público de base. Tem que considerar se o público for religioso ou não. Porque se a gente não considerar as formas com quem a como a gente toca o coração e a percepção de cada um, a gente pode afastar as pessoas em vez de trazê-las pra reflexão (WITCEL, 2022. Informação Verbal)

A impressão que eu tenho é que essa metodologia da linguagem da bruxa, ela não. Ela tem dificuldade sabe de. De se enraizar nos territórios das rezadeiras. Não se vê como bruxas, sabe? É muito mais uma formulação teórica feminista. Nossos militantes, sobretudo militantes, que vêm de outro espaço de construção, sabem que não necessariamente é esse território camponês da cultura popular, enfim, do senso comum. Muito do mais. Então. Claro, à luz das bruxas. A gente pegou muito isso dentro da militância, mas eu acho que nas mulheres da base isso não. Não teve uma, não foi incorporado, não com muita força. Eu acho que isso tem. Tem também uma consequência no que funciona, no que não funciona, em que metodologias que a gente aplica no território, que ontologias não. Quais são as que ficam mais no âmbito da militância ou dos cursos de formação que eu acho que foi o muito caso das coisas da noite das Bruxas aí (ARAÚJO, 2022. Informação Verbal)

2.3 Como lutam as Mulheres desde os anos 2000

A consolidação do Coletivo de Mulheres em Setor de Gênero nos anos 2000, junto à participação das mulheres nas instâncias estaduais e nacionais, com a paridade de gênero, vai trazer às lutas das mulheres um caráter formal, necessário para a participação até a base, pois se está na organicidade, não há como contestar formalmente.

Os acampamentos do 8 de março, realizados nos estados e também em nível nacional, transformam-se em espaços, inicialmente de estudo e posteriormente de luta (CAMPOS; VICENTE, 2012) onde:

A partir de 2001 o MST passa a organizar os acampamentos massivos de mulheres nos 8 de março, nos estados onde estava organizada a Via Campesina os movimentos realizavam mobilização conjunta, mas em vários estados as alianças eram com mulheres urbanas, o que ampliou o leque de alianças; Em 2003 a ANMTR termina, os movimentos autônomos de mulheres criam o MMC – Movimento de Mulheres Camponesas, e a Via Campesina se constitui como o espaço de articulação das mulheres dos movimentos sociais do campo. Em 2005 a coordenação nacional do MST aprova a paridade de gênero na Direção Nacional, e vários estados seguem o exemplo nas direções estaduais onde todos reconhecem como isso qualificou a direção. Em 2007 o IV Encontro de mulheres militantes define o início do curso Marxismo e Feminismo, em que as mulheres estudam temas da pauta feminista com enfoque marxista, e recolocam como horizonte da luta o socialismo. Nesse ano também as mulheres participam massivamente do congresso do movimento e apresentam uma colcha, fruto de muito debate e trabalho prático nos estados. O lema das lideranças femininas do MST passa a ser: “Sem a participação igualitária das mulheres não há socialismo”! (CAMPOS E VICENTE, 2012. p. 6).



Figura 15 - Ocupação de 8 de março de 2006, no Rio Grande do Sul. Foto: Verena Glass

Várias lutas foram travadas desde os acampamentos das mulheres, como uma atividade junto à Via Campesina em 2006, no Rio Grande do Sul, quando as mulheres realizaram, sua primeira ação exclusivamente com mulheres, um protesto contra a ARACRUZ Celulose:

Na madrugada do dia 8 de março de 2006, 1.800 mulheres da Via Campesina realizaram uma das maiores ações contra o monocultivo de eucalipto no Rio Grande do Sul. Organizadas, as mulheres ocuparam o viveiro horto florestal da Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro, município que fica a cerca de duas horas de Porto Alegre. Na ação, elas destruíram estufas e bandejas de mudas de eucalipto. A repercussão do protesto

ampliou o debate sobre a monocultura de eucalipto e chamou a atenção da sociedade sobre os malefícios sociais, ambientais e econômicos desse tipo de cultura. (COSTA, 2011. Site do MST).



Figura 16 - Mulheres destruindo as mudas da ARACRUZ em 2006. Foto de Verena Glass

Mulheres foram presas e outras receberam processos. Fernanda Alcântara, ao escrever uma matéria sobre os 15 anos da ação na Barra do Ribeiro vai apontar como e por que as mulheres realizaram a ação:

Naquele ano, a intenção era chamar a atenção para monocultura de eucalipto e os malefícios sociais, ambientais e econômicos desse tipo de cultura. “Ao estudar e entender melhor a destruição em curso, [as mulheres] decidiram denunciar para a sociedade o deserto verde, o que significava. Denunciar também a serviço de quem a ciência estava servindo, as pesquisas que se desenvolviam em torno desta planta destruidora. Ao saberem quanto de água um pé de eucalipto consome, e que estas estavam arrasando as terras brasileiras, secando rios e nascentes, não tinha como não agir”, argumenta ela (Rosmeri, a mulher entrevistada para a matéria). ALCÂNTARA, 2021. Site do MST).

Estas ações vão fazer com que as mulheres do MST se coloquem como protagonistas na luta pela transformação social, assim como os homens sempre foram - de forma praticamente exclusiva. Nas palavras de Mafort:

... e a gente vai se encontrar com o feminismo. Só que tem uma particularidade no caso do Brasil, é que faz a gente dar uma acelerada nisso que é a nossa leitura em relação ao projeto do capital que impactava muito a reforma agrária, impacta até hoje, né? E que eh lutar pela terra era enfrentar o capital ou lutar pela reforma agrária era enfrentar o capital, ao meu ver as mulheres foram as primeiras a perceber essa contradição latente e e o quanto também que um projeto, enfim, desenvolvimentista iria confirmar esse projeto de desenvolvimento do capital (MAFORT, 2021. Informação Verbal)

Desde este ano, que foi um marco simbólico na luta das mulheres contra o agronegócio, contra as multinacionais e pelo meio ambiente, as mulheres realizam no 8 de março lutas tanto em nível nacional quanto nos estados. Atividades contra a Syngenta, SAMARCO, Vale do Rio Doce, Cargil, Votorantim e demais empresas do agronegócio foram alvo das ações das mulheres entre 2006 e 2021.



Figura 17 - Foto arquivo do MST: luta contra o agronegócio

Várias ações coordenadas para ocorrerem ao mesmo tempo também viraram características das ações do 8 de março, onde a ocupação de prédios públicos é mesclada com a ocupação de latifúndios simbólicos, como a fazenda do senador Eunício de Oliveira em 2014 e 2015. Estas lutas são, ao mesmo tempo um avanço da luta do MST e um avanço das mulheres também internamente. Tentaremos demonstrar neste trabalho como os avanços da luta, sem romantizar e

acreditar que o ideal foi alcançado, permitiram uma modificação também nas metodologias.

2.4 Tá, mas pra que serve mesmo?

*En la lucha de clases
Todas las armas son
buenas
piedras
noches
poemas*
Paulo Leminsk

A Noite das Bruxas pode ser encarada como uma das formas de luta que o MST realiza, também a forma mística, a forma artística. Este caminho que se trilha para chegar às sensibilidades³¹ das mulheres que dele participam, poderia servir para possibilidades várias, mas aqui vamos tentar apontar para alguns resultados acumulados. Resultados estes que podem estar em consonância com a intencionalidade planejada, ou não.

A Professora Silvia Adoue, em cursos de formação política ocorridos na Escola Nacional Florestan Fernandes, se utiliza de uma metodologia de fazer com os educandos momentos de contar a história, a trajetória de vida dos mesmos. As pessoas vão contando e ela vai fazendo em seu caderno, e posteriormente no quadro, uma linha do tempo com os acontecimentos que se repetem nas vidas das pessoas para que, ao final da síntese feita no quadro, a turma, diversa, perceba que há várias semelhanças em suas trajetórias, independente de qual estado ou país estejam: estas semelhanças são como o seu pertencimento de classe lhes proporciona passar pelos mesmos sofrimentos, mesma luta, “mesma morte severina”³², ou porque “divisamos a mesma espada sobre nossas cabeças”³³. A Noite das Bruxas também cumpre este papel de “Severinizar”, de “Latino-americanizar” as mulheres que participam, pois nos momentos de compartilhar suas histórias, vão perceber as coincidências, principalmente nos sofrimentos:

31 No capítulo 4 há um detalhamento do que estamos citando ao falar de “sensibilidade”, que é uma questão de arte, de sensibilidade artística. Como a palavra sensibilidade carrega consigo significados vários e sendo um deles a construção social da mulher como um ser sensível, vamos especificar com fôlego mais para frente sobre os termos.

32 Referência a um trecho do poema de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina, onde o narrador, em sua apresentação, afirma que os Severinos são “iguais em tudo e na sina”.

33 Ferreira Gullar, no poema “Nós, Latino-americanos” faz referência que todos somos latino-americanos pelas coincidências que nos oneram.

Essa da ENFF, foi bem forte, foi organizada na sala da casa, de Deja, ouvi relatos tocantes como de uma menina latina que vivia nos EUA e teve o irmão trans assassinado por ele ser LGBT. Senti que a noite foi um momento de catarse coletiva para todas que estávamos ali, me senti muito mais próxima daquelas mulheres, senti as dores e angustias delas, enfim foi um momento importante de quebrar uma série de estereótipos que carregamos e construir afinidades para fazer luta (BORBA, 2021. Entrevista por escrito).

É possível afirmar que a Noite das Bruxas vai tocar cada mulher de forma diferente e igual ao mesmo tempo: igual no sentido de perceber que carregam semelhanças em suas histórias de vida, em suas sobrevivências individuais e coletivas; diferente porque a arte não passa receita (SILVA, 2022) e cada mulher vai entender, sentir e cultivar afetos de forma particular, mesmo que partindo de uma intencionalidade coletiva:

... a forma com que essa atividade ela toca as mulheres é uma atividade que tem muito o cunho de escuta mesmo, né? De conhecer e de escutar mulheres que passaram por situação de violência, mulheres que estão descobrindo agora o debate do feminismo, que estão entendendo que o que foi ensinado pra elas desde sempre não é bem assim que funciona, né? Eh e aí as nossas mulheres camponesas principalmente que nunca tiveram a oportunidade, seja na família seja por um profissional seja em qualquer outro espaço, de ser ouvida. Essas mulheres vão ser ouvidas muitas vezes pela primeira vez, então tem muito um tom de desabafo e de irmandade, assim de se sentir segura num espaço pra contar sua história e as suas vivências, suas dores, traumas Então é um espaço que tem um impacto muito grande na vida das mulheres (GAUBER, 2022).

Todo e qualquer processo de atividade coletiva necessita de confiança para que o grupo consiga realizar o que se propõe. Movimentos guerrilheiros, times de futebol, professores e quaisquer outras funções de um trabalho coletivo precisam obter confiança de seus pares para que individualmente a atividade flua (Brunetto, 2022). Todavia a confiança pode se expressar em saber que será acolhida, escutada, não julgada, aconselhada, fortalecida. Na luta pela Reforma Agrária, a batalha contra o patriarcado e contra o capital se faz com confiança para enfrentar desafios externos e desafios internos. A Noite das Bruxas também cumpre esta função³⁴ de acolhida:

34 Outra vez: há questões que podem parecerem óbvias para as mulheres ou para uma mulher, mas nos processos de trabalhar gênero com os homens, percebemos que nossos sentidos não foram

Faço uma leitura que a possibilidade de trabalhar gênero a partir da noite das bruxas tinha como ato mais significativo a construção de “sororidade”, passávamos a nos ver uma nas outras, creio que isso é um pilar fundamental para pensar e debater gênero e feminismo, mas também ali já eram socializados nomes de mulheres que fizeram a luta feminista. Uma forma lúdica de construir valores coletivos e aproximação com o tema do feminismo e a aproximação entre nós mulheres (BORBA, 2022. Entrevista por escrito).

Trazer à superfície questões em como os tipos de violências afetam as mulheres da Reforma Agrária, a violência enquanto política pública mas também a violência dentro do MST, nas suas mais distintas maneiras de expressar, a questão da participação das mulheres, na luta, nos cursos, nas decisões da organização, temas como entender a luta das mulheres historicamente, são exemplos, entre vários outros, de questões que são postas na organização de uma noite das Bruxas. Ela varia em forma, em conteúdo, varia de acordo com o espaço, com o tempo, mas sempre está possibilitando discutir questões para a construção de novas sociabilidades, que permitirão construir a nova mulher e o novo homem. Em suma, a Noite das Bruxas cumpre a função de instrumento para que as mulheres possam, através delas, debater questões que são necessidades na construção da Reforma Agrária Popular:

Pensamos que ao final a gente precisava fazer alguma coisa pra despertar a disposição da resistência, né que a gente nem tem muita essa opção ou resiste ou resiste. A gente conseguiu dar esse tom de jogar o trem pra cima, animar a mulherada E isso foi muito bom e a ideia da Noite das Bruxas era justamente isso, assim nos fortalecer fortalecer nossa identidade de bruxa de fortaleza, de resistência que nós somos, né? De nos ligar às nossas mulheres aí antepassadas que lutaram durante tanto tempo né? E seguem lutando pela vida, era um pouco disso né. Desmistificar inclusive essa ideia de quem são essas bruxas. Acho que era um pouco disso tudo. Eu acho que supertenha a relação da atividade das bruxas com o debate que a gente faz no setor de gênero, no coletivo de mulheres, porque a medida que a gente vai compreendendo como que a mulher foi oprimida na história a gente ressignifica algo que a gente quando é criança é ensinado que era muito ruim né? Que é as bruxas (CAPUCHINHO, 2022. Informação Verbal).

educados para sentirem, para identificarem determinadas camadas de sentimentos. Nas noites antipatriarcais, já chegou ocorrer, inclusive, uma disputa entre os homens, quando foram se inscrevendo para falar e demonstrar o quanto entendiam de feminismo e como cada um deles colocava em prática, como demonstrando que era mais “pronto” do que os outros que estavam ali participando.

3. CABARÉ LITERÁRIO: DIZENDO E FALANDO DE FORMA MÍSTICA

"as metodologias
elas foram partindo
de nossas necessidades"
uma Bruxa

O Cabaré Literário configura-se como um processo metodológico, ainda em construção, muito mais recente que a Noite das Bruxas. Está em processo de nacionalização entre os estados em que o MST está presente, carrega semelhanças e diferenças com outras metodologias existentes dentro do Movimento. Neste capítulo, procuraremos dar foco ao seu processo de construção coletiva, sua relação com as linguagens artísticas, sua capilaridade e seu caráter pedagógico na construção da Reforma Agrária Popular.

Se a Noite das Bruxas ocorre pela apropriação e refuncionalização de um roteiro que fora criado externamente à Organização, o Cabaré Literário tem sua gestação em processos pedagógicos do estado do Pará, seguindo peculiaridades locais, surgindo internamente, tendo sua culminância nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

3.1 O MST no Pará: de onde vem o Cabaré Literário

olha, tem coisas
que só o Pará
consegue fazer
alguém que não é Paraense

Surgido em 1984, o MST chega ao Pará em 1990 já em um esforço de expansão do Movimento recém criado (MANAÇAS, 2010). É neste estado que tivemos o Massacre de Eldorado dos Carajás em 1996, quando a polícia assassinou 19 trabalhadores que realizavam uma marcha nas rodovias do estado. Pertencente à Região Amazônica, o Pará é o estado com o maior número de assassinatos por conflitos no campo, segundo dados da Comissão Pastoral da Terra, a CPT. Foi no Pará que, em 2005, a missionária Dorothy Stang, conhecida como Irmã Dorothy foi assassinada com seis tiros por sua militância contra grileiros de terra.

Internamente, no MST, é de fácil observação que a militância do Pará é muito envolvida com a Literatura. Desde que o Movimento se organizou neste

estado é possível ver, tanto no site do MST, quanto ao participar de atividades dentro do estado³⁵ como o lúdico faz parte da luta pela terra. São militantes reconhecidos nacionalmente pelas suas belas místicas em atividades nacionais, pela liberdade que seus corpos impõem quando estão lutando.

Não haveria como a experiência, que culminou em o que chamamos de Cabaré Literário, brotar do nada. Ao mesmo tempo, a experiência literária existente na militância do Pará ajuda a entender seu formato. O que chamamos hoje de Cabaré Literário surge no início dos anos 2010, nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUC) realizados pelo PRONERA, onde a militância do MST promovia uma festa para a comunidade acadêmica.

Ele é um espaço que exige mesmo uma delicadeza na construção, que exige uma um tempo pra ser pensado. É diferente do Noite das Bruxas, Noite das bruxas. Ele como é aquela tentativa de criar uma identidade nacional, de a gente oferecer roteiro, condições para que as mulheres trabalhem, têm uma metodologia de trabalho. Ele chegou em forma de roteiro, de forma de como fazer pra muita gente. Eu acho que o cabaré não tem essa proposta porque não nasce de um espaço nacional. Não, não, não nasceu como uma proposta do gênero, sabe? Nasce da Leduc, nasce de um outro lugar. E o Pará é um estado importante. É o estado legal de você começar com muita gente lá, porque eles tem uma delicadeza ao pensar as mulheres (ARAÚJO, 2022. Informação Verbal)

3.2 Cabaré em Português, Cabaret em Francês, خرابات ou *kharabat* em árabe: significados de um Cabaré.

O Cabaré que a história nos apresenta é oriundo do século XIX, de uma França, digamos, cheia de energia. Não que não houvessem espaços similares em outros locais da Europa, mas é neste país que ele vai tomar a forma que se popularizou ao mundo: um espaço, um salão, uma casa, um galpão, um local onde se realizavam espetáculos de música, teatro, literatura, de várias linguagens artísticas mescladas que poderiam ter também piadas, strippers e bebida alcoólica para quem desejasse.

35 Participei em 2016 do Acampamento da Juventude na Curva do S, onde ocorreu o Massacre de Eldorado dos Carajás e nas duas semanas que estive em terras paraenses, foi possível averiguar empiricamente a quantidade de crianças, jovens e adultos que se relacionam com a literatura e com outras linguagens artísticas.

Sabendo que o termo oriunda do Francês, torna-se interessante procurar na gramática francesa seu significado. No dicionário francês Larousse³⁶ encontramos que *cabaret* seria “estabelecimento de espetáculos, cujas programações incluem números de dança e canto diário”. No mesmo dicionário encontramos também o termo “taberna onde se serve bebidas” e seu sinônimo *café-concert* que significa “local musical onde o público consumia bebida enquanto ouvia cantores e artistas”.

Advinda da poesia persa, *kharabat* em sua explicação etimológica, é a junção de duas palavras opostas, *kharab* que significa arruinado, com a palavra *abad*, que significa próspero. Dentro da literatura persa³⁷ é usada para determinar coisas contraditórias em que há a suspensão da hipocrisia costumes. Do árabe é tomada como uma taberna de má reputação.

Pesquisando no Wikipédia em língua francesa e em língua inglesa vamos encontrar várias diferenças, que apresentamos aqui. No Wikipédia em português podemos resumir que Cabaré é um espaço onde há apresentações artísticas, que servem bebidas e que quem assiste vai ao espaço para observar e não necessariamente participar. Em Francês³⁸ há mais informações sobre o que seria um cabaret.

Poderia ser ser um local onde se vendem comidas para consumir no local, assim como bebidas que se podia beber por ali mesmo. Também haviam Cabarets que além de se consumir bebida e comida, era um lugar em que se podia pousar. Havia Casbarets em que se podiam presenciar apresentações artísticas e que, em um período de 20 anos foram se transformando em um espaço de boemia, com artistas circenses, dançarinas e dançarinos, palhaços, cantoras e cantores se apresentavam às pessoas que ali frequentavam. Era um local que também era frequentado por prostitutas, mas não apenas e nem era este o propósito do cabaret. Com o advento das duas grandes guerras os cabarés tornaram-se um espaço mais caro e frequentado apenas pelas pessoas com alto poder aquisitivo e apenas em 1970 que houve novamente uma popularização dos cabarés na França, onde cantores, humoristas e demais artistas se encontram para expressar sua arte.

36 Dicionário online da língua francesa acessado em 18 de agosto de 2022 no link <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/cabaret/11866>

37 Informação extraída no site [https://en.wikipedia.org/wiki/Kharabat_\(poetry\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Kharabat_(poetry)) e traduzida pelo google tradutor em 18 de agosto de 2022.

38 Informações extraídas do site da wikipedia francesa no site <https://fr.wikipedia.org/wiki/Cabaret> acessado em 19 de agosto de 2022.

Em um artigo sobre a história e memória do Cabaré, Menezes mostrará que já no início do século XX os cabarés espalhados pela Europa realizavam sátiras e críticas sociais aos governos e às condições da população. Entretanto, esta não era a função principal dos cabarés, mas sim a diversão de quem os frequentava, com ou sem crítica social. Em alguns países, inclusive, era proibida a crítica.

No Brasil o cabaré ocorrerá similar ao que ocorreu na França, como casa de shows em diversos estados, do início do século XX até que durante a ditadura foram proibidos os jogos de azar, que no Brasil era um grande motivo econômico dos cabarés. Menezes (2013) afirma que “as moças da vida também frequentavam este lugar, mas fazer a associação automática à prostituição é errônea e enganosa”. Quando finda a ditadura os cabarés vão retornando de pouco em pouco e no século XXI, como afirma novamente Menezes:

O cabaré do século XXI incorporou a música eletrônica, mas não perdeu a atração pelo palco onde, ainda, é a desempenho quem comanda o espetáculo e se no cabaré de antes, na Lapa, era João Francisco dos Santos (Madame Satã) quem comandava o “circo”, no picadeiro eletrônico de hoje as drags continuam a dar as cartas. Agora sem navalha na cinta liga, mas com o mesmo glamour e usando as boás como adereço para enlaçar os espectadores extasiados ante ao show de cores e luzes (MENEZES, 2013. p.11)

3.3 A construção em processo da liberdade dos corpos

A gente não fala do direito ao orgasmo,
a gente não fala do querer ou não querer
das várias possibilidades da sexualidade.

Lucineia

...ele era uma grande festa. Um espaço, uma noite cultural feita para a comunidade acadêmica, para os nossos educandos, mas também para comunidade acadêmica e amigos da região de Marabá. Amigos, professores, artistas que eram convidados para participar também. Mas antes da festa propriamente dita, que é uma festa bastante rebelde, que faz muitas provocações sobre o papel da mulher e o lugar do prazer na vida cotidiana das mulheres. Tentar ressignificar o espaço cabaré não como um lugar de violência ou um lugar ruim. Mas como um lugar onde as pessoas se encontram para conspirar, inclusive um lugar onde as pessoas reconhecem o seu corpo, reconhecem o seu lugar. Pegando um pouco aquela ideia de cabaré dos poetas revolucionários que tinham cabaré como

uma espécie de QG de conspiração e tentando recolocar as mulheres desde esse lugar, tentando deslocar essa ideia de puta. Tirando de um lugar negativo para um lugar de mais autonomia, para um lugar de mais afirmação dos desejos femininos, do direito ao prazer, do direito ao exercício do amor, enfim (ARAÚJO, 2022. Informação Verbal).

A festa, citada acima, era a culminância de um processo anterior que iniciara 5 dias antes, com seminário sobre questões de Gênero, como afirma Araújo (2022, Informação Verbal) “onde eles viam o filme, faziam o debate, colocavam em movimento o debate sobre o próprio feminismo, sobre o corpo, sobre a sexualidade, sobre o papel das mulheres, as violências, os vários tipos de violências”. Havia um processo pedagógico importante anteriormente que culminava nesta noite onde o espaço, com a participação de homens e mulheres, se transformava em uma proposta simbólica sobre o lugar do feminino.

Heis um Cabaré Literário: originalmente da Região Amazônica, ele ocorria³⁹, como resultado de dias anteriores de estudo sobre relações de gênero, sobre o feminismo, sobre a questão da mulher na esquerda. Ele ocorria como uma culminância, era um pedaço de um processo, apareceu como último momento após dias de estudo. Aqui estamos falando de o que foi o Cabaré Literário no Pará, como elemento inicial, que depois vai ocorrer em outros locais do país, passando por adaptações e transformações. Sendo o MST uma organização nacional, presente em 24 unidades federativas, em algum momento é de se imaginar que ele poderia ocorrer em outro local para além do Pará, sim as mulheres da Região Amazônica vão experimentá-lo noutras terras:

O cabaré ele surge de uma realidade sobretudo, acho que da região amazônica, que traz muito de forma literária, traz o cabaré com mais força, que aí eu acho que o ritual não traz essa essa força do corpo da mulher como algo livre, liberto que não que tem que ter julgamento. O cabaré, como um espaço (questionar) as minhas regras, meu corpo e sem julgamento. É penso isso assim, eu só participei do cabaré, nunca ajudei na construção do cabaré. Participei dele aqui na escola (ENFF) muito organizado pelas mulheres da região amazônica e digo que ele traz um pouco esse choque aí, cultural entre essa questão do pudor, das normas, das regras religiosas e culturais que precisam ser quebradas sobre tudo sobre o corpo das mulheres né? Então ele ele é um momento bastante

39 No passado e no pretérito imperfeito, pois o relato deste parágrafo é sobre a forma que ocorreu no Pará, antes dele começar a ser realizado em outros estados, em espaços nacionais, onde vai tomar outras formas e, embora seja similar, não ocorre necessariamente como era no Pará – e aqui não estamos solicitando que o seja.

forte, bastante desafiador assim pra ser colocado de maneira mais geral pra um público, a meu entender um público bastante seletivo, militantes que consigam compreender qual é a verdadeira simbologia de fazer um cabaré um cabaré né? (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Assim como o Ritual das Bruxas é trazido para dentro do MST, na década de 1990, e experimentado no espaço nacional, com o Cabaré Literário também ocorre desta forma. Como atividade do Setor de Gênero, ocorria em nível nacional e também em nível das grandes regiões, os cursos de Feminismo e Marxismo, desde a realização do V Congresso Nacional do MST (2014). Este curso, assim como os encontros nacionais de mulheres era um espaço de experimento, de estudo, confraternização, de conspiração feminina (GUEDES, 2022). Ele será proposto como atividade na grade do curso pelas mulheres da Região Amazônica e, a partir de sua realização na ENFF que inicia seu, ainda recente, processo de nacionalização, adaptação e modificações.

Como a intenção da pesquisa é compreender as nuances metodológicas do Cabaré Literário, cumprindo uma função política dentro do MST, a pesquisa fez uma opção de centrar mais esforços nos Cabarés que foram realizados fora⁴⁰ do Pará, onde vão se adaptando às realidades outras, ganhando ou perdendo elementos em cada outro espaço em que é realizado. Não faz sentido, pela razão de ser da pesquisa, esmiuçar o Cabaré paraense, visto que dificilmente outros estados, outros espaços conseguiriam reproduzir as condições místicas, literárias e orgânicas que existem no Pará. Então observaremos como foi o processo deste “brotar”, quando ele inicia seu processo de nacionalização, pois é este momento, esta fotografia que interessa investigar e é este o motivo da existência da pesquisa.

O processo de nacionalização do Cabaré é lento, exige que os espaços orgânicos nos estados e regiões sejam ocupados pelas mulheres, este é o primeiro passo (BRUNETTO, 2022), para depois ir apresentando ações, soluções, propostas. A ocupação dos espaços orgânicos que vai permitir que ele ocorra em outros espaços, inclusive espaços nacionais, pois sua proposta toca em questões que ainda são tabus ao todo da organização:

40 Esta opção de recorte se explica por esta pesquisa estar muito mais centrada em compreender as transformações, as adaptações para se realizar em terreno novo, com pessoas com menos abertura do que temos no estado do Pará.

Expressar a nossa vontade sexual isso é muito reprimido em nós. É muito difícil atribuir sentido a isso, um sentido político. E causa dúvida até em nós assim, né? Que somos militantes, que temos mais clareza, porque quando você fala em Cabaré não adianta assim, né? E durante muito tempo a gente se foi pensando que é ser puta, né? E puta, no sentido prostituta, na sociedade é o fim do fim da mulher, né?, é a mercantilização do corpo, a gente tem que lutar pra isso acabar e a gente fazer um cabaré literário pode parecer que é exaltar essa condição. Mas à medida, isso eu acho que não tem dúvida, tem que ser trabalhada ao longo dum processo pra gente conseguir chegar até o Cabaré, né? Porque assusta amedronta, deixa a mulherada tudo meio meio sem saber o que faz, eu acho, né? Até a gente mesma, mas é um momento de afirmar nossa sexualidade. E poder falar de coisas, tabus que a gente não fala no nosso cotidiano, né? É aceitar que nós temos desejos, vontades e que a gente pode se permitir e pensar e discutir a nossa sexualidade, faz a gente se sentir mais mulher eu acho, né? Se conhecer, se permitir ter prazer, né? (CAPUCHINHO, 2022. Informação Verbal).

É lento, mas ocorre, com contradições várias, onde sua realização é muito estudada, com cautela, para evitar todo tipo de interpretação distinta que possa ocorrer, visto que, nas palavras de Scott (1989, p. 09) “A sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo, o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado”. Considerando que a sexualidade é produzida e reproduzida em contextos históricos, há um contexto em que o MST luta pela transformação social, porém, por muito tempo ou quase sempre, lutar pelo socialismo não significava, em um movimento camponês, tratar deste tema:

À medida em que a gente tem milhares de famílias que tão acampadas, né? E também não é dizer que essa conscientização e essa elevação cultural das massas acontece de uma forma linear e que necessariamente ela acontece, né? Porque os nossos espaços estão cansados de saber, não são ilhas de socialismo, é muito longe disso e as pessoas que fazem esse movimento estão nesse tempo histórico que nos foi dado a viver. Então é ao mesmo tempo em que a gente é capaz de fazer isso, né? Um espaço prazeroso e quase catártico, das mulheres cantarem e dançarem e dizerem poesias, e se vestirem, não para outros homens, mas para si mesmas. Se enfeitarem, vestirem aquilo que elas quiserem e se sentirem bem, e enfim experimentarem, né? Essa liberdade do corpo e da criação dessa força criativa que humaniza a gente. Ao mesmo tempo a gente tem situações múltiplas, né?, de múltiplas violências acontecendo com essas mesmas mulheres (PERCASSI, 2022. Informação Verbal).

Falar da liberdade dos corpos, reconhecer a não liberdade como algo a ser compreendido e combatido é um avanço para o MST, pois é na década de 2010 que

o Movimento começa a se posicionar formalmente sobre o corpo da mulher como espaço sagrado (para e pela mulher) de decisão exclusiva da própria mulher. É sobre o corpo, em sua amplitude que ocorre o debate de não mais se “masculinizar”, o debate sobre os direitos reprodutivos da mulher, o debate sobre assédio, o debate sobre liberdade que está se nacionalizando, com idas e vindas, nos territórios do MST, está indo do nacional para os estados:

Por isso não adianta fazer o processo de discussão nas noites, aos debates somente aqui na escola (ENFF). Aqui na escola na escola é um dos espaços que pode dar subsídios pra que isso seja replicado. Pra que isso se torne uma prática cotidiana dentro da organização. Pra que essas esses elementos sejam sempre revisitados, sejam sempre vistos, sejam sempre lembrados, sejam sempre cobrados caso não seja cumprido o que nós defendemos como valores humanos, que é da transformação de cada um e de cada uma de nós. Tanto falamos de de um novo homem, da nova mulher e quando vamos pra esses debates a gente a gente sente o quanto ainda estamos distantes e o quanto ainda é necessário tocar nessas feridas. Tocar no sentido de tirar essa casca. Pra daí sim realizar um processo de cura a partir de muita, muita, muita humanidade (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

O Cabaré surge, como possibilidade em nível nacional, no momento em que os cursos de Feminismo e Marxismo estão possibilitando com que as mulheres se reúnam por 2 ou 3 semanas, estudando, socializando histórias e metodologias, debatendo e aprofundando questões teóricas e práticas. O próprio curso ajuda na compreensão de questões que serão discutidas pelo próprio Cabaré, ele prepara o terreno teórico, mas isto não quer dizer que as condições totais de sua realização estão dadas, estas condições são paridas pelas mulheres. O Cabaré se apresenta como uma possibilidade de aprofundar debates colocados pelas mulheres:

As companheiras que estavam na fundação do movimento relatam que em muitos espaços, e por um e por um longo período, precisaram de certa forma se masculinizar nas roupas, na forma de se relacionar, na forma comunicar. Agora o cabaré está dizendo que não, entendeu? Que eu posso me comunicar, que eu posso me falar a partir e pra isso eu não preciso esconder meu corpo, entendeu? É mais um um pé na porta assim né? De que coisas que foram negadas às mulheres, é um acesso e aí toda a forma de expressão, de usar o elemento artístico. Isso pras mulheres, mas também pros sujeitos que fazem a noite do cabaré é de um empoderamento

muito grande assim e pras mulheres que assistem também né? (GAUBER, 2022. Informação Verbal).

O Cabaré absorverá pautas que as mulheres não conseguiam externalizar, inclusive internamente (GUEDES, 2022), que são práticas culturais que se introjetaram dentro do Movimento e são de difícil enfrentamento efetivo:

Quando a gente fala cabaré a gente pensa no início, no final do século dezanove, início do século vinte, nesse espaço de festar em que junta música, com dança, com flerte, com bar, com um espaço de socialização, de lazer, de desfrute do tempo livre. Com com enfim com uma avaliação crítica, que vem sendo alinhavada de certa forma por muitos setores no movimento, sobre as práticas culturais que a gente cultiva e a gente incentiva né? (PERCASSI, 2022. Informação Verbal).

Falar sobre a sexualidade, para além das doenças, é uma forma ímpar de libertação do corpo da mulher (FREITAS, 2022), de falar do prazer, do corpo como território revolucionário e de decisão da mulher. Onde protagonizar questões que lhes foram negadas através dos tempos é empoderar a mulher para a luta pela transformação social.

3.3.1 Do que é constituído e como é construído um Cabaré Literário

“um processo pedagógico
de educação do sentidos,
de formação política”
Lizandra Guedes

Por seu caráter nacional e por sua militância sempre estar realizando adaptações metodológicas de acordo com o local e público, podemos entender, nesta altura da pesquisa que:

uma coisa importante do cabaré é o viés literário. É um cabaré literário. E como esse eixo é um eixo importantíssimo para garantir a transmissão de conteúdo, o conteúdo crítico da noite, então é fundamental montar um cabaré. Você pensar o todo estético. Assim, desde a ornamentação da escolha do nome do cabaré, cabaré, amor e revolução, por exemplo, que foi o cabaré de 2017 em homenagem à Revolução Russa, amor e revolução. E aí você pensa a síntese do nome e aí toda a ornamentação, todo material

de construção, inclusive do espaço cênico das mesas, tudo passa por uma conversa muito didática. Então, assim você constrói a mesa, o que vai ter nessa mesa, o que vai ter nesse cardápio do cabaré que é o cardápio poético? Que material escolher? O que a gente vai querer dizer? Porque isso demarca o lugar pedagógico da atividade, sabe? (ARAÚJO, 2022. Informação Verbal).

Um Cabaré Literário pode ser uma noite cultural com apresentações várias, de várias linguagens artísticas, onde pode se escolher um tema que conduza as apresentações. O grupo que prepara vai tomar o cuidado de (LOPES, 2022) garantir uma ambientação no espaço, com a ornamentação possível, geralmente preparada com mais de um dia de antecedência. Também será preparado um “menu” do Cabaré, com poemas, em que as participantes levam consigo após o término da atividade:

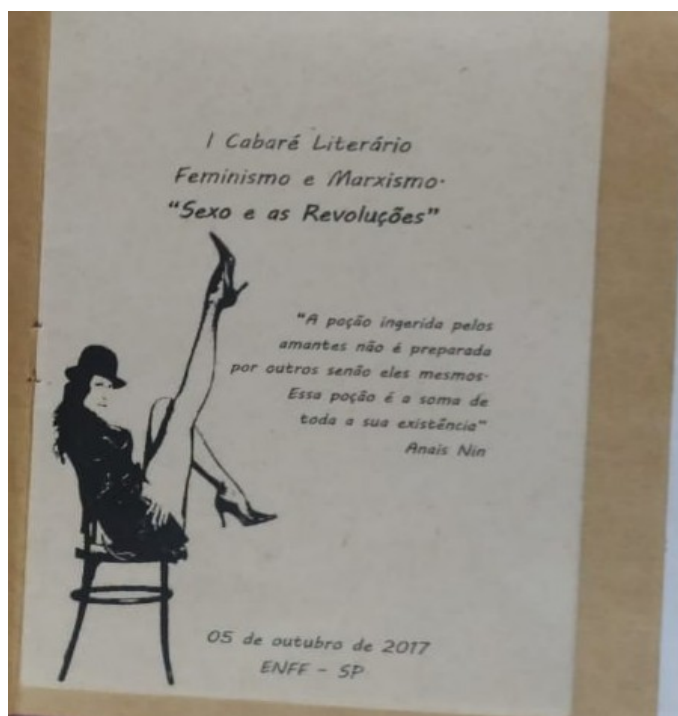
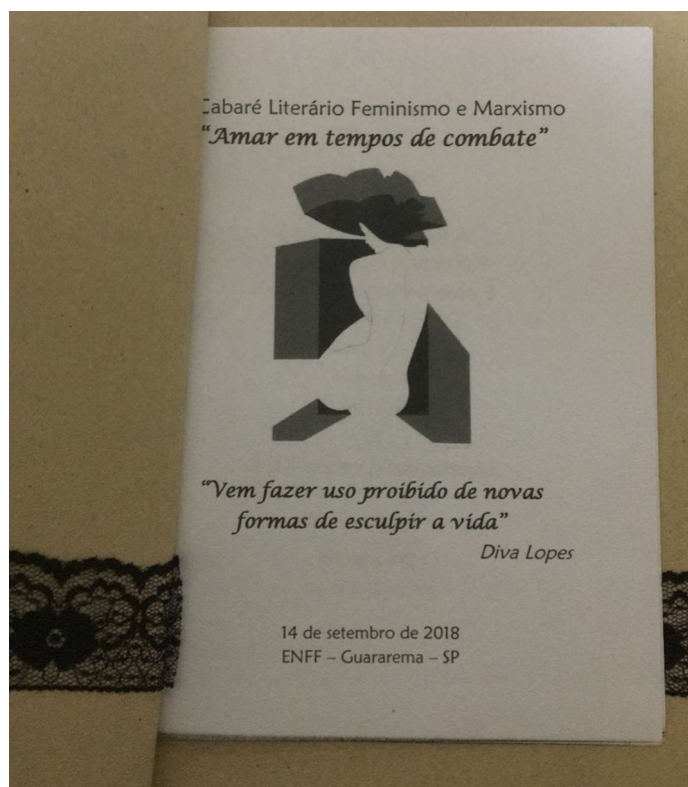


Figura 18 - I Cabaré Literário na ENFF



Então a construção ela tem que levar em conta como qualquer outra atividade que se propõe né? A ser formativa ou seja eh que demanda um planejamento e uma condução se cria uma expectativa sobre resultados de alguma forma, né? A serem alcançadas, então essa construção eh ela vai ser mais acertada, quanto mais ela levar em conta a natureza da constituição do grupo que vai participar da atividade né? Então isso vai isso pode incidir sobre o tema que vai ser proposto, se é um, se é mais de um, se tem a ver diretamente com o tema, se tá sendo trabalhado de forma teórica ou organizativa numa atividade, né? De encontro, de disponibilizar materiais que convergem com os conhecimentos prévios e com a possibilidade de acessar e compreender né? Os conteúdos eu falo assim da complexidade dos materiais a serem disponibilizados. E ao mesmo tempo eh prevê números artísticos ou peças, enfim, preparados previamente. Pelas pessoas que vão tocar, ali é a atividade e também é construir a possibilidade das pessoas se inscreverem antes e também participarem de acordo com elas sentirem mobilizadas e seguras no momento do acontecimento. Então, quer dizer, a ideia de ter um roteiro, mas não é um roteiro super passo a passo. Tem um pouco essa característica de de prever algumas apresentações preparadas previamente, mas também desse coletivo que vai coordenar, conduzir a atividade e ter essa sensibilidade de que essas apresentações elas não estejam necessariamente numa ordem ou elas não estejam necessariamente todas bloqueadas, enfim. E criando essa dinâmica (PERCASSI, 2022. Informação Verbal)

4. A RELAÇÃO ENTRE A NOITE DAS BRUXAS E O CABARÉ LITERÁRIO: INTENCIONALIDADE, FORMA, CONTEÚDO.

A elaboração, internalização e aplicação das metodologias (Noite e Cabaré) tem relação com processos que se germinam dentro do Movimento em seus respectivos momentos históricos (MAFORT, 2021), as metodologias não nascem do nada, não ocorreram fortuitamente, mas sim dentro de uma perspectiva de luta das mulheres, por direitos, por visibilidade, por Reforma Agrária, de luta contra diversos tipos de violências. A forma das metodologias se expressarem se relaciona com questões que estão ocorrendo tanto nos estados quanto nas atividades em nível nacional do MST, questões estas que também se imbricam às lutas, com o acúmulo teórico adquirido e a forma pela qual as teorias foram ao encontro das práticas das mulheres.

Lopes, uma militante da causa feminista, no seu artigo em que problematiza os processos de educação popular no movimento feminista, realiza ponderações que vão ao encontro das investigações que este capítulo se propõe: como as metodologias, ao partirem de uma realidade material, têm a capacidade de intervirem em uma prática em construção, de propor novas sociabilidades, mesmo que contraditórias sejam as sociabilidades donde surgem tais propostas:

O movimento feminista, historicamente, passou por diversos momentos, com demandas específicas e centrais para a emancipação feminina, desde o feminismo liberal até o feminismo socialista, com objetivos convergentes no sentido da urgência da liberdade e da autonomia para as mulheres. E nesse caminho de conquistas de direitos, a práxis educacional é inerente, é elemento constitutivo na formação do sujeito feminista coletivo e individual. Pois se apresentamos uma nova proposta pedagógica para o debate de gênero, em diálogo constante com os movimentos sociais, enquanto instrumento de formação permanente, reinventando a prática coletiva, incorporando novas perspectivas, está ao mesmo tempo pensando a formação no debate específico das pautas feministas, mas também formação integral das sujeitas, no que tange a organização e metodologias para garantir as lutas que virão (LOPES, 2016. p. 179)

As duas formas, tanto o Cabaré quanto a Noite, expressam, pelo lúdico, pelas linguagens artísticas, uma trajetória de construção de um novo sujeito coletivo. Aqui cabe ressaltar seu caráter de instrumento tático dentro de uma intencionalidade mais ampla (MATTOSO, 2022), onde as metodologias exasperam questões da esfera coletiva, que se expressam tanto nos espaços individuais quanto coletivos. Os objetivos das metodologias não se fecham, não se acabam em sua possível realização, eles fazem parte desta construção do novo sujeito coletivo, onde a força coletiva brota da força da subjetividade (MATTOSO, 2022). Jade nos mostra como as formas se relacionam com os debates do setor de Gênero:

Então, assim dialoga claro, e pra mim pelo menos é evidente que dialoga com várias temáticas que vêm sendo trabalhadas pelo Setor de Gênero. Principalmente desde a sua reestruturação, intensificação de dois mil e quinze e dois mil e dezesseis até o presente, mas desde o seu nascedor lá nos anos, no início dos dois mil e tanto, de tocar em assuntos, né? Através da poesia, da música, da dança, toca em assuntos que são difíceis de serem trabalhados, ou porque são polêmicos ou porque são gatilhos, ou porque são tabus, mas também com essa ideia de, quer dizer, dialoga também com esse acúmulo do setor sobre a compreensão do corpo como instrumento político. E também de compreender as linguagens artísticas como formas genuínas de se expressar e se dizer coisas, né? (PERCASSI, 2022. Informação Verbal).

Cada uma ao seu tempo, com suas origens diferentes, em regiões diferentes, com mulheres diferentes, as metodologias vão encontrar na organização social, o MST, uma potencialidade de experimentação estética, onde os debates das mulheres vão se expressar e se adaptar às contradições de cada estado ou local em que as metodologias são realizadas:

Na forma, a própria realidade é que determina, nós somos marxistas, né? Então assim o contexto, ele é importante nessa construção, essa compreensão dessa diversidade. Eu creio que é um elemento importante, no sentido da contribuição dessas duas experiências. Porque aí quando se vai construindo essas duas experiências, né e as mulheres de todo o Brasil se reúnem pra experimentar. (MATTOSO, 2022. Informação Verbal).

Os experimentos vão transformar as metodologias, que, como já dito, não têm um formato rígido e são possibilidades de conversar, de fazer sentir questões que são difíceis de serem ditas, do nada:

Que não dá pra acabar com o capitalismo sem acabar com o patriarcado, e não dá pra separar, não dá pra separar estas coisas. E esta experiência vai sendo acumulada, eu lembro de quando a gente construía cursos e colocava na grade a Noite das Bruxas, existia todo um debate sobre performance. É uma performance? Uma encenação teatral? É uma apresentação? Mas era todo um sentido de debate, né? Do significado que vai sendo construído. É importante dizer isso, não nasce exatamente assim, pronto, ele vai sendo construído. Então eu acho que nós, como mulheres do MST, nós trouxemos esse debate pra dentro da organização e essas duas metodologias foram por importantes, foram instrumentos importantes pra esse debate (MATTOSSO, 2022. Informação Verbal).

Ambas metodologias, guardadas as semelhanças entre si, são coisas diferentes que vão existir, também em momentos diferentes, que vão servir de instrumento para contribuir com a luta das mulheres no MST:

O cabaré, ele não é uma complementação da noite. É uma outra, é uma outra forma. Não é uma questão (só) de ser outra forma. Ele tem objetivo diferenciado, sabe? Ele tem o objetivo de ajudar a gente a se perceber no corpo que a gente tem. Com as belezas e as não belezas do corpo que a gente tem. Mas com o direito desse corpo, desse corpo ter prazer, desse ser humano que habita esse corpo ser feliz e etc. Então ele vem nessa perspectiva um pouquinho diferente. (FREITAS, 2022. Informação Verbal).

As metodologias existem porque há uma dificuldade de dizer, de modo direto, o que as formas dizem pelo caminho do lúdico. Analisar as dificuldades, que a organização como um todo encontra de conversar sobre alguns temas, é compreender o desenvolvimento, as transformações que a organização passa, também impulsionada pela própria reflexão que as metodologias propõem ao MST. A forma de uma, mais de desabafo, mais de estudo, encontra um saldo em todos os estados onde a organização se encontra, já a outra, com um caráter mais ousado, que questiona o tempo todo, tem sua realização capilarizada bem menos, mesmo

considerando o tempo das duas no MST. Nas palavras de Gorete, uma intelectual orgânica do Movimento:

eu creio que os processo de consciência, eles são assim, hoje nós podemos estar num nível de consciência limitado, mas amanhã nós podemos ter um nível de consciência avançado, e pra que isso ocorra, isso não ocorre somente pelo nosso desejo, mas pelas nossas ações, (que) realizamos todos os dias. Então essas metodologias elas são ferramentas importante pra gente intensificar o processo das consciências (MATTOSO, 2022. Informação Verbal).

4.1 Questões de capilaridade e o dilema de roteirizar: o tempo de uma organização de massas.

Um cabaré aqui no Mato Grosso do Sul, por exemplo,
ainda vai muito tempo pra realizar,
mas uma Noite das Bruxas aqui,
a gente já faz sem questionamento né?

Atiliana Vicente

Com 38 anos de idade, o MST já não é uma organização tão jovem. Dentro de seu processo de construção existem acúmulos sobre métodos, avaliações, sínteses e desafios vários, o que faz com que, quem esteja inserida em sua forma organizacional, chamada aqui de Organicidade, consiga ter a oportunidade de não partir do zero em determinados assuntos ou questões metodológicas: há um acúmulo disponível, onde as gerações anteriores se debruçaram sobre algo e sistematizam.

Assim ocorre com as avaliações dos processos percorridos pelo próprio MST: avalia-se a reunião, o processo, o curso, a marcha, a ocupação, a atividade cultural, a divisão de tarefas, a direção, a coordenação e o que mais puder ser avaliado. Desta forma, há também um acúmulo histórico sobre os processos avaliativos, mesmo que ainda estejam em processo. Ao mesmo tempo em que é compreensível que haja um tempo em que se terá um roteiro, que ocorrerá uma tentativa e erro, adaptações que levarão anos, contradições que necessitem ser superadas, sempre haverá no processo avaliativo a observação aos avanços e limites. É quase que um cacoete dos Movimentos Sociais esta quantidade tanta de avaliações.

No processo de experimentar o Cabaré Literário em outros estados, outros espaços, vamos ter, no método da tentativa e erro, aprendizagens com acertos e aprendizagem com os erros, todavia, se comparado ao Ritual das Bruxas e à Noite das Bruxas, os erros com o Cabaré Literário estarão mais frescos na memória, estarão mais palpáveis, gerarão mais incômodo, pois são questões do tempo presente, que ainda não sabemos como vão envelhecer, pois estamos ainda interferindo em seu amadurecimento. No livro Apologia da História, há uma frase famosa de Marc Bloch sobre isto: “O historiador é, por definição, absolutamente incapaz de observar os fatos que ele examina.”

Ao tentar multiplicar a experiência com o Cabaré Literário realizado no Pará, ocorrido na Licenciatura em Educação do Campo, não há, como sabido, possibilidade de reproduzir as mesmas condições que lá estavam postas, que lá foram forjadas: a experiência de anos do estado com a Literatura e da realização das atividades banhadas em linguagens artísticas, produz uma sensibilidade nas pessoas que vivenciam a arte e possibilita uma melhor compreensão da arte como ferramenta de formação da consciência. Outro elemento é citado Julia Lara:

E então vejo que tem um processo pedagógico importante anteriormente. Todas as vezes em que a gente reproduzia o cabaré em outros lugares, sem esse processo anterior, a avaliação é de que há um risco muito grande disso cair no senso comum (ARAÚJO, 2022. Informação Verbal).

Da mesma forma que não é possível replicar um Pará em cada estado, não é cabível acreditar que a realização da experiência só poderá ocorrer quando as condições todas estiverem postas. Cada estado, cada espaço, a cada tempo histórico em sua conjuntura, vai permitir (ou não) uma experiência, uma adaptação à realidade daquele momento.

No entanto acho que o MST como o movimento de massas tem um tempo pra ir se entendendo e se massificando nas diferentes compreensões, né? Compreensões teóricas e práticas que se constroem dentro da organização. E esse tempo é um tempo lento porque é um movimento de massas. Isso precisa de vários processos, de serem construídos e consolidados (SILVA, 2022. Informação Verbal).

Ao tentar massificar a experiência, a realidade para a implementação não será aquela do Pará, onde há uma aceitação maior das intervenções artísticas da militância. Então, como o MST é este movimento que tem acúmulo nas avaliações, sempre haverá, quando tratamos de questões do tempo presente, observações sobre os limites que a capilarização encontra.

E não está dado que você entra pra luta pela terra e você se torna revolucionário. Então se já é um processo de conscientização das pessoas, consolidar compreensões, né? Como essa da necessidade do debate de gênero. Dentro do movimento. É pra além das instâncias. Se a gente já tinha conseguido fazer um debate de “precisa ter uma companheira e um companheiro em cada direção”, nas nas instâncias. Mas pra além disso você fazer um debate de que as relações precisam ser outras, né? A gente precisa ter coragem de colocar o dedo, de apontar o dedos nos nossos desvios nos nossos preconceitos onde a gente rompe. E vai contra o que a gente na teoria defende né? De uma sociedade emancipada e de um processo revolucionário isso não está dado. E tanto esse processo de conscientização é demorado quanto esse processo de compreensão nas instâncias, dessas necessidades e isso se massificar pra movimento também tem seu tempo, né? Por ser um movimento massivo (SILVA, 2022. Informação Verbal).

Os processos de capilarização vão encontrar desafios, e é parte da construção metodológica a adaptação às realidades existentes, visto que, sendo um movimento massivo, cada região, cada estado vai avançar, mesmo que coletivamente, em tempos diferentes, (SILVA, 2022) mediante aos processos de luta, de contradição e processos culturais em que cada local se encontra.

Mesmo que não se consolidando em todos os territórios (SILVA, 2022), é possível levar indagações pela forma, pela metodologia, pois em 2022 não há mais sentido em o MST negar este debate. Logo, a multiplicação de aquilo que foi produtivo no estado do Pará, vai sim passar por percalços quando chegar em outros estados, cada um com sua realidade complexa e contraditória, mas é desta forma que o MST foi realizando com outras questões que hoje podem parecer “naturais” internamente:

Contudo eu acho que uma questão que ficou e que poderia ter sido mais aprofundada é que nós não conseguimos atingir, de fato, a nossa base com

essa discussão né? Então nós não conseguimos adentrar nos nossos territórios com esse debate, com essa discussão, então a noite das bruxa ela ficou muito muitas vezes restrita né? Ao grupo de militantes que estavam na atuação mais direta né? Mais direta do do movimento né? Nas nos setores, nas instâncias, né? E mas isso não não repercutiu, né? Repercutiu, não repercutiu nas bases. E eu creio que esse é um desafio, né? Porque fazer uma ponte entre o que é ser bruxa, feminista, né? E eh e fazer a discussão patriarcal, mas também fazer um link com o eh a discussão do eh do preconceito, racismo e do colonialismo, né? Então eu creio que esse próximo passo, né? Seria no sentido de de dar um conteúdo nesse sentido, né de tentar aproximar, né (MATTOSO, 2022. Informação Verbal).

Chegar na base é realizar a mudança, é obter força, é garantir resultado com mais velocidade, mas ao mesmo tempo é processo (LOOP, 2022), pode ser lento em um local e mais veloz em outro. Todavia, ambas as metodologias foram pensadas para as mulheres dirigentes e militantes, ou as mulheres da base que estão em algum curso. Isto não quer dizer que exista um desejo das mulheres de que estes assuntos não sejam trabalhados, debatidos em todos os acampamentos e assentamentos. Mas quer dizer, demonstra, que é muito mais difícil chegar nas bases, pois compreender determinadas questões, talvez certas categorias, é parte de um tempo organizacional, de erros e acertos, de tentativa e erro, de avanços e retrocessos.

Pensar as formas para dirigentes e militantes é compreender que há camadas e camadas dentro da organização, velocidades e compreensões diferentes, assim como há questões de tempo e velocidade entre as regiões, por exemplo: não foi ainda realizado o Cabaré Literário nas regiões centro-oeste e sul. Há aqui, neste fato, questões que levantam perguntas sobre o público de base e da militância de cada uma destas regiões.

Ao mesmo tempo, ter as metodologias pensadas e realizadas (ainda) para militantes e dirigentes, não quer dizer que o debate de várias questões que a Noite das Bruxas e o Cabaré Literário trazem, estão estagnadas:

Então, de fato, quando a gente pensa desde a escola (ENFF), inclusive com os cursos de formação que a gente tem, tanto pra internamente no MST, mas também pra externo, os movimentos sociais da América Latina, outros países da América Latina que vêm na escola quando a gente faz essas metodologias... que a gente reúne as mulheres e reúne os homens pra fazer esse debate, essa é a forma em que a escola contribui com a com a valorização desse espaço, como um espaço de formação, como um espaço de reflexão e de transformação, porque a gente só consegue mudar e

transformar se a gente tornar consciente esses elementos que estão às vezes presos, que estão por vezes escondidos no nosso inconsciente, machista, preconceituoso formado por uma cultura extremamente patriarcal, extremamente violenta. Então a escola tem a tarefa de tornar consciente de fazer com que essa consciência se torne ação, se torne mobilização, se torne semente que saia daqui e vá pros seus espaços pra fazer essa construção, entendendo que mesmo esses rituais, esses momentos de formação eles também vão se transformando, também vão sofrendo mudanças de acordo como vai avançando a própria formação (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Muito diferente das metodologias trabalhadas entre os homens, a Noite das Bruxas e o Cabaré Literário estão muito menos presas aos roteiros, aos passos realizados em outros espaços. O roteiro é apenas para que se entenda do que está sendo proposto, quais as ideias gerais para sua realização, pois há toda uma gama de adaptações nos estados:

No geral, nos estados pelo menos até onde eu tenho percebido e participei de alguns, sei que quem faz, se orienta muito pelo roteiro que leva, né? Porque tem um roteirinho mínimo e lá também cria. Tipo, eu participei de um em que foi feito uma grande fogueira no centro e aí foi feito o ritual em torno da fogueira grande no meio dum campo aberto. E lá foi inserido poesias e lá foi inserido dados de como as mulheres da realidade daquele estado então (sofrendo). É isso, cada espaço vai criando as suas metodologias a partir do próprio roteiro que tem, o roteiro ajuda, ajuda muito, mas não se fecha nele, né? (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Com outras palavras, Araújo também explica sobre o roteiro:

Veja, é diferente quando um coletivo nacional, um setor, um setor nacional, constrói um roteiro ou constrói uma identidade e vai tentando, a partir desse lugar, capilarização para os estados, porque aí você socializa roteiro, socializa como é que faz? Ah, faça assim, faça assado. E tem uma tentativa de experimentar, de ser experimentado nos estados assim. Então, em alguns estados recebe melhor, outros não. Depende muito de quem está conduzindo a atividade. O trabalho, a mesma coisa de quem tá conduzindo e tal (ARAÚJO, 2022. Informação Verbal).⁴¹

41 A falta de repertório entre os homens faz com que a questão do roteiro se torne uma dor de cabeça anti-pedagógica, onde ter um roteiro engessa muito das possibilidades, visto que não há um grande número de homens nos estados com repertório para realizar as atividades.

4.2 A forma como conteúdo no produto de seu tempo: como identificar as diferenças estéticas como mudanças no enfrentamento teórico

Adorno nos apresenta, em seus estudos sobre forma e conteúdo, a ideia de que a Forma não pode ser dissociada de seu Conteúdo Social, nos mostra que a técnica e seus recursos estéticos, por se relacionarem com as contradições de seu tempo, são históricas e por isto produto de seu tempo. De uma forma mais bonita, Adorno nos diz que “A forma é conteúdo social sedimentado”. Isto nos ajuda a compreender a natureza da ousadia da “forma Cabaré Literário”, pois sendo um produto de seu tempo, das contradições e dos avanços que das contradições são possíveis sacar, ela é resultado de uma luta política, de um enfrentamento interno onde a necessidade de debater sobre os corpos se materializa em uma maneira, um modo, um procedimento chamado Cabaré Literário:

Com certeza o formato ousado tem respaldo no aprofundamento da luta das mulheres, no aprofundamento e no lugar estratégico que as mulheres conseguiram colocar a sua luta. E não a sua luta setorial tão somente, mas a luta política, a luta da organização, as mulheres conseguiram colocar a luta do MST em um outro patamar. Conseguiram influenciar na estratégia. Enquanto forma de luta. Então é sem dúvida nenhuma isso é uma das condições bases pra gente ter conseguido construir essas compreensões a nível nacional, aos poucos nas instâncias estaduais, regionais e embora não enraizadas enquanto linha política hoje está dado que a gente consegue, a gente pode sim entrar numa reunião e falar de cu, falar de ânus, falar de boceta, e é óbvio que o como falar em muito interfere, né? E nesse sentido a arte contribuiu e muito. Na minha opinião foi a luta, o patamar da luta das mulheres, a auto-organização e o processo de luta das mulheres de construções de táticas e como isso se tornou (realizável), se deslocou pra um lugar estratégico do movimento, da luta do Movimento Sem Terra. É esse o respaldo, essa prática concreta que nos possibilitou (dizer): “Então a gente vai avançar nisso aqui, a gente vai avançar e construir territórios livres de violência”. A gente consegue falar que a agroecologia só se constrói com relações humanizadoras, né? Humanizadas, não violentas. Então acho que sem dúvida nenhuma a luta concreta das mulheres possibilitou a gente se colocar neste patamar (SILVA,2022. Informação verbal).

Não há como imaginar o Cabaré Literário surgindo antes do Ritual das Bruxas, pois os debates que circundam cada uma das duas formas estão relacionados com os enfrentamentos que as mulheres realizaram nas décadas do século passado e os enfrentamentos do século XXI. O MST foi amadurecendo, enquanto organização de massas, alguns debates, com um tempo de 20 anos. Amadurecer, aqui, seja entendido como discutir (GUEDES, 2022), estar aberto para

conversar. Também demonstra ter acúmulo teórico sobre determinados temas, o que é outro processo lento.

Acredito que as mudanças estéticas de cada construção dessas, elas fazem sim um enfrentamento teórico, elas fazem, trazem pra um momento as reflexões necessárias e cada um a seu modo. Às vezes depende da estética que se usa, da da simbologia e ela acaba evidenciando mais um aspecto ou outro (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Se nos anos 90 era necessário organizar o coletivo de mulheres, trazer as mulheres para as lutas, organizar documentos, inserir as mulheres nas instâncias, a forma que surge e é trabalhada neste período, será consoante às questões que a forma consegue resolver, questionar, trazer à superfície. Nos últimos 5 anos não dá para dizer que as pautas da década de 90 foram superadas, mas existem outras necessidades na luta pela transformação social. Para dar conta de problematizar, refletir e denunciar certas questões, haverá uma outra forma, que no caso é o Cabaré Literário. As metodologias contribuem para que as mulheres realizem o enfrentamento às suas questões:

Vai fortalecer o sentimento de pertença como mulher. De compreender a nossa força como mulher e de perder alguns medos né? De fazer o enfrentamento, de ir pra frente. Então às vezes, eu creio que muitas mulheres nem perceberam essa passagem. É como esses momentos de de confraternização, eles representaram, o fortalecimento da nossa força interior. Da nossa subjetividade, do nosso sentido de ser mulher militante né? E isso fez com que impulsionasse também a participação mais efetiva das mulheres (MATTOSO, 2022. Informação Verbal).

Cada organização política encontra o tempo, o espaço e a forma de dar com os seus problemas, suas questões. Ocorre que uma organização política não é uma pessoa, é um conjunto de pessoas, que pertencem a um tipo de organicidade, um tipo de envolvimento. O processo de amadurecimento do MST como um todo, perpassa pelos enfrentamentos realizados pelas mulheres para que mulheres e homens tenham a dimensão da luta feminista, do combate a todos os tipos de

violência que ocorrem contra as mulheres⁴². Os debates metodológicos no MST (MAFORT, 2022) estão atrelados aos processos formativos que o Movimento empenhou, como os cursos de Marxismo e Feminismo. Há, no MST, uma constante busca para encontrar e refuncionalizar formas, para que estas desvelem, apontem, demonstrem as contradições que permitem as violências sofridas pelas mulheres:

O debate da violência contra as nossas mulheres nas instâncias... então a gente sempre tem essa reflexão. O debate de gênero, da igualdade de gênero, ele está calcado nas estruturas de poder. Então dizer algo é mexer nisso também né? Ao provocar, se desloca também, né? Se movimentam as estruturas de poder e aí nós vínhamos de um período que não parou até hoje, em que tínhamos um conjunto de violências, assédio, violência política também contra as mulheres no movimento que precisava (e precisa) de respostas urgentes. (GUEDES, 2022. Informação Verbal).

4.3 As linguagens artísticas na luta das mulheres: a sensibilidade estética

Poesia é flor, mas pode ser pedra
Palavras Rebeldes!

No filme “Libertárias”, de Vicente Aranda (1996), há uma cena em que Concha, uma guerrilheira anarquista, interpretada por Laura Mañá, entra em um bordel, com o intuito de convencer as mulheres que ali trabalhavam a juntarem-se à luta armada. Então Concha faz um discurso nos moldes revolucionários, com os jargões costumeiros, com a entonação de voz realizada nos discursos em que estava acostumada a realizar com suas companheiras de luta. Ocorre que este formato não comove mulher alguma que escutara a longa tentativa de convencimento. Então entra em cena Pilar, interpretada por Ana Belém, que, sem os jargões, mas com uma linguagem mais objetiva para o momento, explicita o suficiente, em pouco tempo, para que as mulheres se voluntariem a entrar no Exército Revolucionário.

Podemos dizer que por vezes, a arte pode ser o discurso de Pilar: consegue chegar onde o formato corriqueiro de comunicação não alcança. A arte encontra

⁴² Temos estudos e avaliações internas onde compreendemos que o machismo ele afeta negativamente também os homens de diversas formas, entretanto, ainda estamos nos trabalhos iniciais com os homens e foi uma opção, desde o início dos trabalhos com os homens, de não enfatizar muito, ainda, sobre como homens também são afetados, mas de colocar qual é o papel dos homens na luta pela transformação social, que não ocorrerá sem combater a violência sofrida pelas mulheres e das quais os homens se beneficiam.

caminhos para individualizar a questão, pois seu formato metafórico permite trazer ao coletivo o que outrora fora específico. Luana Silva, dirigente nacional do Coletivo de Cultura do MST afirma que a arte tem a capacidade:

...de chegar na gente de um outro lugar e de nos levar pra um outro lugar que não é um lugar do indivíduo Então somente é um lugar coletivo, ao mesmo tempo que o indivíduo não some. Não desaparece, não nesse processo coletivo. Você chegar numa reunião qualquer, ela qualquer que seja ela, e tratar de um tema tão difícil como esse? (tema) das violências, de um caso de assédio, de um caso onde o companheiro né, inclusive ali naquela instância, é muito mais difícil né? Quando você coloca através da arte, tanto é mais possível você construir caminhos de diálogo sobre isso quanto você, sem dúvida nenhuma, vai conseguir engajar mais gente nesse debate. Acho que esse é o mais fundamental (SILVA, 2022. Informação Verbal).

Talvez, a melhor forma de demonstrar é dizer de outra forma, pois nossos sentidos foram educados para naturalizar determinadas coisas, determinadas situações. Então, além de mostrar a dita realidade nua e crua, os elementos simbólicos ganham força para tocar onde apenas a palavra crua não alcança, sim estamos falando de arte:

E aí as linguagens artísticas elas são uma via de acesso uma forma de abordar determinados assuntos que, como eu disse anteriormente, às vezes por alguma resistência ou delicadeza, não são abordados em sala de estudo ou de reunião (PERCASSI, 2022. Informação Verbal).

Desde sua criação, o MST cultiva as linguagens artísticas, tanto para realizar formação política, quanto para permitir o acesso artístico às pessoas que da arte foram apartadas, que à arte foram negadas. A arte é trabalho com o sensível e são as mulheres que melhor captam esta frequência de compreensão:

Acho que um pouco disso em relação aos elementos artísticos, ... essa construção do imaginário, ele faz despertar consciências que outros processos não fazem. Assim né, e aí eu como uma boa marxista que sou, eu acho que o trabalho é ontológico e transformador no ser humano e ele é esse principal motor de transformação da consciência, mas tem outros

espaços e formas que também trazem essa transformação, e trazem a possibilidade da elevação do nível de consciência e a arte é uma delas. É a partir do momento que (você passa por) essa experiência, você experimenta na verdade um gozo a partir da arte né? Se aquilo que faz seu olho brilhar, o seu coração bater, e aquilo toca profundamente, ele é extremamente revolucionário. E está presente nessas ferramentas aí de empoderamento e de fortalecimento das mulheres, esses elementos artísticos trazem isso. Se mexe com o nosso imaginário, mexe com a gente. Então eu acho que assim, é fundamental ter elementos do teatro, da poesia, da música da própria montagem de ser meio fantasia. É conseguir extrapolar o limite da realidade. (isso) é importante pra nos fazer chegar em lugares que a gente não chega no cotidiano (CAPUCHINHO, 2022. Informação Verbal).

Quando os elementos artísticos tratam de questões políticas, é deixar mais fácil sua compreensão e ao mesmo tempo mais profunda (LOOP, 2022). É explicar para os olhos, não apenas para os ouvidos:

Então essa parte forma como a gente trabalha esses elementos, porque são assuntos dolorosos, são assuntos que mexem com o comportamento diário de cada um e se não mexer é porque não surtiu efeito. Então é preciso ter esse cuidado também do simbólico, da estética, da simbologia, da reflexão de algo novo que a gente quer construir. Precisa ser sentido, precisa ser tocado, precisa te emocionar. Precisa despertar algum tipo de emoção. E as noites têm simbologia, na estética como a gente tem trabalhado sinto que tem essa função, que cumpre essa função bem de tocar nos sentimentos, tocar nas emoções de cada um. Que daí sim a gente consiga sair e fazer a relação dessa teoria com a prática, com o cotidiano e claro, aqui também não vamos pensar que vai ser “bom vamos fazer uma noite hoje antipatriarcal ou o Cabaré e amanhã já está resolvido os problemas de violência”, de gênero, enfim, de de assédio, de tudo isso. Não. Mas fica algo semeado. (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

O MST, as mulheres do MST realizaram um processo duplo: ao mesmo tempo usaram da arte para se empoderar e também se empoderaram da arte, que também teve no MST, por vários e vários anos, os homens como detentores deste lugar de fala, que são as linguagens artísticas:

Então, também por outro lado um lugar, né? Esse lugar da fala do palco, da performance, desse lugar do artista também ao longo do tempo vem sendo trabalhado pra deixar de ser exclusivo ou hegemônico pelos homens. E o quanto que isso demanda um espaço seguro em que as mulheres possam experimentar isso. E desfrutar e se empoderar a ponto de, depois eventualmente, poder fazer o uso da sua voz, da sua movimentação, enfim

de uma forma mais segura em espaços místicos (PERCASSI, 2022. Informação Verbal).

Ambas as metodologias também possibilitaram que as mulheres fossem compositoras, poetizas, produtoras. Pois foram as mulheres que realizaram todos os processos de preparação, criação e avaliação das metodologias em questão:

A ideia de juntar cabaré e literatura, recuperando o sentido das mulheres que constroem poesias, contos. Porque nós colocávamos poesias e contos só de homens né? Eh tudo isso era um sentido de fazer essa reflexão. Ah, qual o sentido das palavras? E como reconstruir esse sentimento de solidariedade com bases mais sólidas? (WITCEL, 2022. Informação Verbal).

Por fim, a arte cumpre o papel de fazer a alma refletir no corpo, de esquecer as amarras que valores dominantes da sociedade vigente:

O lúdico é um momento de, como eu diria, é um momento que você se abre pra outros, pra outras dimensões. É como uma catarse, um momento de catarse coletiva entre as mulheres. Penso que o lúdico é o momento que a gente se encontra, as mulheres se encontram e querem festejar, beber, se divertir e dançar, se agarrar, entendeu? Fazer coisas que no cotidiano não nos era permitido. Porque soava estranho entendeu? Assim então era um momento de extravasar, exatamente eu penso que esse elemento, ele é importante porque é nesses rituais, nesses que nós extravasávamos todas as nossas loucuras, todos os nossos medos. Então o lúdico, ele está muito ligado a isso, como a gente ultrapassar os nossos medos, as nossas frustrações, as nossas eh inseguranças (MATTOSO, 2022. Informação Verbal)

4.4 Educação dos Sentidos: a sensibilidade como parte da cultura

Cada grupo, pelo seu convívio constante, pela sua história de vivência comum, pela sua lógica de funcionamento similar, pela sua especificidade laboral, pela sua idiossincrasia coletiva, vai produzir uma espécie de linguagem própria, de signos e códigos específicos, de abraço coletivo às nuances quase invisíveis. Para a construção, a realização, o fazimento deste trabalho, foi necessário entrar em

contato com mulheres que forjaram processos metodológicos no MST, mulheres que deram forma ao conteúdo, que refuncionalizaram métodos, que pariram caminhos. Assim, são mulheres que participam de várias atividades da organização MST, de lutas, estudos, reuniões e demais processos de formação prática e teórica e, por isto, vão se expressar com trejeitos, cacoetes, forma e conteúdo acumulado socialmente pelo ser coletivo chamado MST. Isto ocorre com a palavra SENSIBILIDADE.

Raymond Williams, um respeitado teórico da Cultura, escreveu em seu livro *Palavras-Chave*, um vocabulário de cultura e sociedade. Ao debruçar sobre a etimologia da palavra Sensibilidade, fará um percurso longo, do século 14 até o século 20 para demonstrar as transformações que o conceito sofreu. O autor afirma que na França, seus primeiros usos estavam atrelados a *sensible*, do latim tardio *sensibilis* (sentido, percebido por meio dos sentidos físicos) que subordinaria no século 15 a *sensibility* como sensação física ou percepção sensorial. Ainda na França o significado de *sense* obedecerá o [sentido-senso], onde o *sensible* tomará forma também de bom-senso, de bom discernimento, de sensato.

Já no século 16 a palavra, segundo Williams, se aproximará de o que conhecemos hoje como *sensitividade*, que pode apresentar uma condição física ou emocional, uma apropriação individual de qualidades sociais: gosto o crítica. Também adotará a literalidade de *capacidade de sentir*, que é um estado de ter conhecimento. No meio artístico, é muito importante ter a capacidade de sentir para ter a capacidade de fazer sentir também – que proporcionará um estado de conhecimento.

No século 18 a *sensibilidade* vai tratar de *sentimento estético*, Razão e sensibilidade: qualidade de captar sons, luzes, capacidade de captação, de compreensão. Acaba por tomar forma, a *sensibilidade*, de uma área humana que os artistas trabalhavam, que os artistas vivenciavam, um modo de perceber e agir, de entender a arte e também de transmitir.

É muito atrelado ao sentido artístico que a palavra *sensibilidade* aparece nos relatos das companheiras que estão explicitando as formas que a arte toca, que a arte consegue fazer sentir de forma mais profunda em suas linguagens várias. Aqui a *sensibilidade* toma, também, uma forma de capacidade de percepção, de enxergar outras potencialidades, outras possibilidades de interpretação do real. Fica atrelado

ao *sentido* de fazer *sentir*, de possibilitar a quem está assistindo uma intervenção de Noite das Bruxas ou de um Cabaré Literário, vivenciar situações ou reflexões.

Esta *sensibilidade* artística, literária é germinada na apreciação estética e não se relaciona com uma outra interpretação de *sensível*, que já faz parte do debate de esteriótipos que foram postos, modos de ser que foram introjetados, projetados para estarem dados como algo feminino, como nos ensinou Simone de Beauvoir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi construído por uma demanda interna do MST, por uma necessidade de nós, homens que trabalhamos o tema de gênero dentro do Movimento, refletirmos sobre a prática das companheiras no combate às violências. Os processos internos que esta pesquisa vivenciou, viraram e virarão material interno de estudo para nossa organização, demonstrando que a UFGD contribui, enquanto instituição de pesquisa, para intervenções nas realidades de seus educandos.

O MST, como Movimento de Massas em movimento, foi se construindo, se modificando, se adaptando às contradições externas e internas. Várias transformações ocorridas desde sua fundação e que hoje podem parecer questões “superadas de debate”, só se naturalizaram, se internalizaram como algo necessário à organização porque as mulheres levantaram bandeiras de luta em uma época que estas bandeiras eram consideradas “coisa de mulher”, “coisa de feminista”. Várias transformações que o todo da organização sofreu só foram possíveis, não porque os homens da organização compreenderam por si só que “isto” ou “aquilo” não ia ao encontro dos valores revolucionários, mas por que as mulheres realizaram enfrentamentos, de formas várias, para atacar os vários tipos de violência que ocorrem contra as mulheres. Todo processo de transformação da consciência coletiva do MST, da transformação do sujeito coletivo sobre questões de gênero, é uma conquista dos embates realizados pelo sujeito coletivo do MST chamado MULHER.

A considerar que o objetivo de uma dissertação da UFGD, faculdade que se propôs a contribuir para intervir na realidade de seus educandos, é ocasionar reflexões sobre estas realidades desde o início do curso de mestrado, é possível afirmar que sim, a pesquisa presente se relacionou com o objeto desde pré-projeto, em 2019, e foi se transformando, para além das intenções de suas primeiras versões. Questões que foram postas na primeira versão da dissertação, ao se depararem com as entrevistas e investigações, perderam a função de ser, deixaram de existir: o contato com a realidade demonstrou ao investigador que algumas

perguntas feitas inicialmente ao objeto, não tinham respostas (e foi produtivo descobrir isto), e que outras perguntas existiam apenas pela falta de conhecimento do objeto estudado, questões estas que foram desaparecendo a cada vez que se trazia mais luz ao objeto pelas entrevistas e análises das mesmas. De quais questões estamos falando? De um objetivo específico inicial da dissertação:

- Verificar se há a ascensão de uma forma concomitante ao declínio de outra, se uma é a continuação da outra ou se a natureza da existência das mesmas apresentam outros motivos tanto que as potencializem quantos que as limitem.

Como toda investigação do passado é realizada com perguntas que o próprio presente faz ao presente (GINZBURG, 1989), este objetivo acima expressava questões postas pelos limites das metodologias que os homens realizaram de 2015 até o presente momento, não eram questões que existiam entre as mulheres, não houve em momento algum da pesquisa, em nenhuma das 23 entrevistas ou documentos analisados, qualquer indício de declínio estético da Noite das Bruxas, tampouco que uma forma era a superação da outra. Esta é apenas uma questão que há, ainda a ser investigada com fôlego, entre os trabalhos das metodologias realizadas com os homens.

Uma bela descoberta que a pesquisa proporcionou ao pesquisador, foi que o Ritual das Bruxas e a Noite das Bruxas não são, fidedignamente, apenas nomenclaturas diferentes para a mesma coisa, mas sim momentos diferentes do desenvolvimento de uma metodologia, e que o Ritual não desaparecera. Também demonstrou que ambos momentos se confundem pelas mulheres que começaram a realizar as metodologias depois de 2010 – e é importante frisar que isto não tem importância prática na aplicabilidade do enfrentamento às violências.

Investigando o contexto teórico-prático no qual as mulheres estavam inseridas nos momentos de aparição da Noite das Bruxas e do Cabaré Literário, fora possível entender as metodologias como parte dos enfrentamentos realizados pelas mulheres e também que o aprofundamento nos estudos e enfrentamentos proporcionou um aprofundamento estético das formas metodológicas, principalmente da Noite das Bruxas. Isto ensina a nós, homens, que as

metodologias trabalhadas pelos homens são apenas um pedaço, uma parte, um fragmento de um TODO, que é a reflexão e luta para superar o papel de privilegiado que os homens ocupam nas relações de poder estabelecidas dentro da organização política; que as metodologias realizadas pelos e para os homens necessitam estar acompanhadas de mais estudo e intervenções práticas, reconhecendo que as metodologias para as mulheres foram resultado de um processo de organização e luta, exatamente o que os homens necessitam de realizar no combate às violências.

Ao desenvolver na pesquisa o segundo objetivo específico da pesquisa, “compreender o desenvolvimento e capilarização das duas formas em território nacional”, foi possível constatar que os processos de desenvolvimento das metodologias ocorrem com avanços e retrocessos, que várias vezes iniciam do zero novamente, ou pela inserção de novas mulheres no Movimento, ou por limites de organização do Setor de Gênero ou Coletivo de Mulheres (importante colocar que estes limites não são ocasionados por limites das mulheres, mas pelas contradições que existem no mundo e internamente no MST). Já era sabido pelo pesquisador que as metodologias realizadas pelas mulheres alcançam a militância e a direção do Movimento, porém a pesquisa proporcionou compreender que não é um limite em si, que as metodologias não alcançam as bases do MST, mas que as mudanças de mentalidades são processuais, que há que se cuidar muito em não tentar adiantar processos onde tais tentativas podem mais gerar retrocessos do que avanços; que o movimento de massas tem um tempo diferente em suas várias regiões, e que a capilarização está intimamente ligada à organicidade do MST nos estados; que os experimentos em atividades nacionais ajudam a aprofundar processos de reflexão, processos de potencializar contradições e processos de capilarização estética.

A reflexão sobre a utilização das formas artísticas para tratar de temas complexos, penúltimo objetivo específico desta pesquisa, demonstrou o quanto a arte tem potencial para tocar em questões que ou não sabemos, ou não conseguimos expressar pelas “vias normais”. Foi possível compreender que as metodologias cumprem um papel reflexivo interno às mulheres, quanto mais de linguagens artísticas bebem em sua realização; que a independência dos roteiros, e assim uma aplicação metodológica mais profunda, é melhor realizada quando as pessoas que estão trabalhando as metodologias nos estados se relacionam bem com as artes.

A pesquisa como um todo, reforçou o entendimento de que as lutas permitiram um aprofundamento das metodologias e que as metodologias contribuem para a transformação do sujeito coletivo que é o MST, na busca pela transformação social; que é longo o processo de transformação das consciências, mas que isto não significa “esperar” pelo tempo histórico da mudança, que há que dar uma forcinha, uma empurrãozinho para trazer à luz da superfície contradições necessárias de discussão; que pelo seu pouco tempo de nacionalização, o Cabaré Literário carece ser pesquisado novamente em um futuro próximo, visto que, se comparado à Noite das Bruxas, ele está apenas em seus primeiros passos; que as Bruxas não são boas nem más, mas sim REVOLUCIONÁRIAS.

Por fim, encerro este trabalho com a reflexão que mais me tocou enquanto pesquisador-militante:

Porque os nossos espaços estão cansados de saber, não são ilhas de socialismo, muito longe disso e as pessoas que fazem esse movimento estão nesse tempo histórico que nos foi dado a viver. Então ao mesmo tempo em que a gente é capaz de fazer isso, né?, um espaço eh prazeroso, quase que catártico, das mulheres cantarem e dançarem e dizerem poesias, se vestirem não para outros homens, mas para si mesmas. Se enfeitarem, vestirem aquilo que elas quiserem e se sentirem bem e enfim experimentarem, né? Essa liberdade do corpo e da criação dessa força criativa que humaniza a gente ao mesmo tempo e a gente tem situações múltiplas, né? De múltiplas violências acontecendo com essas mesmas mulheres nas nossas áreas de acampamento, assentamento e assim por diante. Então tem tudo a ver né? Tipo assim, tanto do ponto de vista de fortalecer as companheiras diante de uma conjuntura que é violenta e feminicida, seja institucionalmente, seja pelo avanço do capital, agronegócio e tudo que da desgraceira que vem junto, mas também pela beleza né? **Que é a gente poder ser feliz. Sabe? Não é muita coisa, né? Quando a gente fala de feminismo camponês popular identitário e revolucionário, o nome é gigantesco, mas no fundo ele poderia ser traduzido como: NÓS, AS MULHERES, QUEREMOS FICAR VIVAS, TER DIREITO A SER FELIZ, SABE? ACHO QUE É ISTO.** (Jade Percassi)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **“O ensaio como forma”**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- ARAÚJO, Julia Iara. **Cabarés e Bruxas**. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- BATISTA, Andrea Francine. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- BORBA, Ana Emília. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- BORGES, Marizete. História do Geraldo Garcia. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- CALDART, Salete Roseli. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.
- BRUNETTO, Atiliana Vicente. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- CABRAL, Jane. Cabarés e Bruxas. [Ago. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- CAPUCHINHO, Michele. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FREITAS, Lucineia Miranda de. **Cabarés e Bruxas**. [Jan. 2021]. Entrevista: Julio Moreti.
- FROZZI, Luciana. **Cabarés e Bruxas**. [Jan. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- GAUBER, Sindy Cordena Michele. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUEDES, Lizandra. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- GONÇALVES, Renata. (Re) politizando o conceito de gênero: a participação política das mulheres no MST. *Mediações- Revista de Ciências Sociais*. V. 12, n. 2. 2009, p. 198-216.
- LOOP, Carla Maria. **Cabarés e Bruxas**. [Ago 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- LOPES, Diva. **Cabarés e Bruxas**. [Jul. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- LOPES, Jailma. **Cabarés e Bruxas**. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- MAFORT, Kelli. **Cabarés e Bruxas**. [Dez. 2021]. Entrevista: Julio Moreti.

- MASSIOLI, Itelvina. **Bruxas Existem?** [Fev.2022]. Entrevista: Julio Moreti
- MATTOSO, Maria Gorette da Silva. **Cabarés e Bruxas**. [Ago. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- MENEZES, Marcos Antônio. **Cabarés: História e Memória**. ANPUH, 2013.
- GONÇALVES, Renata. **(Re) politizando o conceito de gênero: a participação política das mulheres no MST**. Mediações- Revista de Ciências Sociais. V. 12, n. 2. 2009, p. 198-216.
- MST, Quem Somos – MST. Disponível em <https://mst.org.br/quem-somos/>
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **A conspiração dos gêneros**. Elementos para o trabalho de base. Caderno de Formação nº6. São Paulo: MST, 2018.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Programa Agrário do MST**. II Congresso Nacional do MST, Fevereiro, 1990.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Que fazem os Homens** - 2016. Documento Interno – MST, 2008.
- PERCASI, Jade. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- SAFFIOT, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. Expressão Popular, São Paulo, SP. 2ª Ed, 2016.
- SAFFIOT, Heleieth. **O Poder do Macho**. Moderna, São Paulo, 2001
- PEREIRA, Simone Silva. Cabarés e Bruxas. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- RAIMUNDA, Maria. **Cabarés e Bruxas**. [Fev. 2019]. Entrevista: Julio Moreti.
- SILVA, Luana de Oliveira. **Cabarés e Bruxas**. [Jan. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- VICENTE, Lourdes. **Cabarés e Bruxas**. [Fev. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.
- WITCEL, Rosemary. **Cabarés e Bruxas**. [Mar. 2022]. Entrevista: Julio Moreti.